

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**GISELE AMBRÓSIO GOMES**

**ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NO BRASIL  
DO OITOCENTOS, 1827-1846.**

**JUIZ DE FORA**

**2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**GISELE AMBRÓSIO GOMES**

**ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NO BRASIL  
DO OITOCENTOS, 1827-1846.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Mansur Barata

**JUIZ DE FORA**

**2009**

Gomes, Gisele Ambrósio.

Entre o público e o privado : a construção do feminino no Brasil do  
oitocentos, 1827-1846 / Gisele Ambrósio Gomes. – 2009.  
138 f.


1. Jornalismo feminino. 2. Brasil – História – século XIX. I. Título.

CDU 070:396

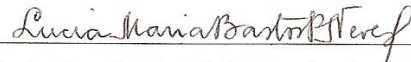
Banca Examinadora



Prof. Dr. Alexandre Mansur Barata - Orientador



Prof. Dr. Robert Daibert Júnior - Presidente



Profa. Dra. Lúcia M. B. Pereira das Neves - Membro Titular

Dedico este trabalho a todos que,

de alguma forma, ajudaram-me a chegar até  
aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, minha fonte de coragem e força para todos os dias.

Aos meus pais, João e Lúcia, por me ensinarem desde pequena a importância do esforço e dos estudos.

Ao meu irmão Washington, por me lembrar da existência do sorriso.

Ao meu professor e orientador Alexandre Mansur Barata por compartilhar e incentivar cada passo dessa pesquisa.

Aos amigos e colegas do mestrado, por todas as deliciosas quartas-feiras...

Aos demais amigos, pelos momentos de descontração, alegria e apoio.

Ao Programa de Mestrado em História da UFJF, por me conceder uma bolsa de monitoria que viabilizou a minha participação em eventos científicos e na obtenção das fontes para essa pesquisa.

O historiador não tem o direito de desertar.

Lucien Febvre

## RESUMO

Através dos periódicos da imprensa feminina que surgiram entre as décadas de 1820 e 1840 em Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro - *O Espelho Diamantino*, *O Mentor das Brasileiras*, *Espelho das Brasileiras*, *A Mulher do Simplício*, *A Filha Única da Mulher do Simplício* e *A Mineira no Rio de Janeiro* - a dissertação tem como objetivo geral analisar as diferentes representações do feminino no Brasil na primeira metade do século XIX. Num contexto marcado pelo fortalecimento da opinião pública e pela gestação de uma nova cultura política, a imprensa feminina favoreceu a difusão de uma educação política e moral, fortemente baseada no ideário e nos valores liberais, que acabou por legitimar a imagem feminina adequada para atuar na esfera privada e auxiliar na luta pela nação independente em construção. Tratava-se de oferecer às mulheres, portanto, os princípios necessários para exercerem os seus papéis de exemplares mães, esposas e patriotas.

**Palavras-chaves:** Imprensa Feminina. Gênero. Representações Femininas. Brasil – Século XIX.



## ABSTRACT

Through of the journals of the women's press that emerged in the decades between 1820 and 1840 in Minas Gerais, Pernambuco and Rio de Janeiro – *O Espelho Diamantino*, *O Mentor das Brasileiras*, *Espelho das Brasileiras*, *A mulher do Simplicio*, *A Filha Unica da Mulher do Simplicio* e *A Mineira no Rio de Janeiro* – the general thesis aims to analyze the different representations of women in Brazil in the first half of the nineteenth century. In a context marked by the strengthening of the public opinion and the gestation of a new political culture, the women's press helped the spread of a political and moral education, strongly based on liberal ideals and values, which ultimately legitimize female image appropriate to act in privacy and help in the fight for an independent nation in construction. It was offered to women, therefore, the necessary principles to act like mothers, wives and patriots.

**KeyWords:** Women's Press. Gender. Female Representation. Brazil – The Nineteenth Century.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OS PRIMEIROS PASSOS DA IMPRENSA PERIÓDICA OITOCENTISTA.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 – A circulação dos jornais no Brasil.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 – Um breve histórico da imprensa feminina no século XIX.....</b>	<b>24</b>
<b>1.3 – Em defesa da educação do belo sexo.....</b>	<b>36</b>
<b>CAPÍTULO 2 – EM BENEFÍCIO DA NAÇÃO E DO LAR.....</b>	<b>55</b>
<b>2.1 – A correção da “natureza” feminina.....</b>	<b>55</b>
<b>2.2 – A moda como vaidade e símbolo de patriotismo.....</b>	<b>62</b>
<b>2.3 – Relações amorosas e vida doméstica.....</b>	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO 3 – A BOA LEITURA.....</b>	<b>91</b>
<b>3.1 – Escritos e escritores: uma seleção.....</b>	<b>91</b>
<b>3.2 – A História do Brasil difundida pelo <i>O Mentor das Brasileiras</i>.....</b>	<b>110</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O período pós-independência no Brasil foi marcado pelas iniciativas de consolidação de nossa emancipação política e de constituição de um Estado Nacional. Assim, nas primeiras décadas oitocentistas emergiu um “esforço pedagógico” na tentativa de instaurar no seio da população uma identidade brasileira, distinta da idéia de pertencimento à “Nação portuguesa”. De acordo com Gladys S. Ribeiro, tornou-se imprescindível nesse momento demonstrar que a Independência foi o resultado da luta pela “justiça e razão.”<sup>1</sup>

Buscava-se formar nos trópicos uma nação civilizada distante de seu passado colonial, visto pela ótica do “atraso”, em duas frentes: na “manutenção da ordem” que preconizava a criação de dispositivos políticos, administrativos, judiciais e culturais que garantissem a unidade territorial e a estrutura social vigente; e na “difusão da civilidade” que ampliou a esfera de atuação do Estado tornando-se necessária a sua intervenção no âmbito privado por intermédio de seus representantes, responsáveis em disseminar idéias, valores e costumes ditos civilizados.<sup>2</sup>

Essa postura do Estado Imperial – dirigir a sociedade em seu todo – fez com que ele tivesse que se apoiar em novos atores sociais para constituir o corpo de seus dirigentes, englobando, por exemplo, médicos, literatos, docentes e jornalistas.<sup>3</sup> A esses múltiplos braços do Estado cabiam instruir e educar a população pela via da disseminação da consciência dos seus deveres enquanto cidadãos e dos “princípios éticos e morais considerados fundamentais à convivência social.”<sup>4</sup>

No bojo desse processo de construção do Estado Nacional e de instrução política e moral da população, a sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XIX também vivenciou profundas transformações em seu cotidiano, tais como: a expansão da imprensa; a proliferação de novos espaços de sociabilidade e o fortalecimento da opinião pública.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> RIBEIRO, Gladys Sabina. **A liberdade em construção**: identidade nacional e conflitos anti-lusitanos no Primeiro Reinado. Rio de Janeiro: Relume – Dumard, 2002, p. 57 e 61.

<sup>2</sup> MATTOS, Ilmar Rohllof de. **O Tempo Saquarema**: a formação do Estado imperial. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 259-262.

<sup>3</sup> Idem, p. 212 e 213.

<sup>4</sup> Idem, p.264e 265.

<sup>5</sup> MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 7, 24 e 25.

Nesse sentido, o Rio de Janeiro tornou-se um caso exemplar, sendo considerado o pólo difusor de muitas dessas transformações para as demais localidades do Império. A modernização e o desenrolar da vida urbana propiciou a proliferação dos espaços de encontros sociais. Um lugar de destaque foram os teatros. Por exemplo, se no início do século XIX o Real Teatro São Pedro de Alcântara, localizado no Largo do Rossio (atualmente conhecido como Praça Tiradentes), representava o palco do fortalecimento e exposição da autoridade monárquica em meio às disputas simbólicas travadas em nossa sociedade daquele período, posteriormente transformou-se em mais um espaço público em que diferentes atores sociais podiam manifestar-se “pela força de suas vozes, gestos e palavras de ordem”.<sup>6</sup> Logo, esse local assumiu a feição de “espaço de manifestação política”, no qual se presenciava o espetáculo da opinião pública.<sup>7</sup>

O Teatro começa assim a tornar-se não apenas um lugar de aclamações, mas de diálogo, conflito e consenso. Ou seja, um espaço híbrido, em vários sentidos: entre a rua e os recintos fechados, entre as noções de soberania monárquica e soberania popular, entre o oficial e o contestatório.<sup>8</sup>

As ruas cariocas oitocentistas, com suas praças, seus largos e seus quarteirões, também foram importantes espaços, nos quais diversas parcelas da sociedade, dos ilustrados à plebe, podiam expressar mais autonomamente suas idéias, muitas delas de puro caráter político envolvendo questões como o liberalismo, o constitucionalismo, a representatividade no poder e a cidadania.<sup>9</sup>

Dentre as transformações vivenciadas, a multiplicação de periódicos favoreceu a emergência de uma opinião pública possibilitando uma nova visão sobre os negócios públicos, agora baseada na razão e na criticidade.<sup>10</sup> Os jornais, encontrados nas principais

---

<sup>6</sup> MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 233 e 234.

<sup>7</sup> Idem, *ididem*.

<sup>8</sup> Idem, 235.

<sup>9</sup> Idem, p. 156 e 157.

<sup>10</sup> Idem, p. 205 e 206. Roger Chartier define o que seria o “uso público da razão” na perspectiva de Kant. Segundo esse filósofo, a ilustração dar-se-ia mediante duas circunstâncias: (1) com o livre pensar do indivíduo; e (2) com a reunião dos indivíduos no intuito de partilhar com os demais suas idéias. Nesse sentido, Kant diferiu o uso privado da razão de seu uso público. No primeiro, a razão está relacionada à prática de um “posto civil” (profissão) ou a obrigações do indivíduo enquanto cidadão de um estado, podendo, em consequência, em nome dos “fins públicos”, ser contida. Já o seu uso público compreende os indivíduos que entre si entendem-se como iguais e exercem uma autonomia no seu pensar e no seu expressar. Assim, o uso público da razão propicia a noção de uma “sociedade civil universal”, cuja harmonia depende do trânsito das idéias pela via escrita. A permuta de idéias e a comunicação por tal meio possibilita a consolidação de um “espaço autônomo” no qual seus integrantes possuem liberdade para debater e criticar as mais variadas questões. CHARTIER, Roger.

vilas e centros urbanos do Império, tanto no espaço privado quanto no espaço público, atingiram uma intensa produção que, através da circulação de suas idéias, auxiliou no processo de “formar” e “educar” os cidadãos da incipiente Nação Brasileira.<sup>11</sup> No alvorecer do século XIX o sistema educacional e suas instituições como as escolas não tinham ainda se consolidado no Brasil. Dessa maneira, buscava-se em outros meios a possibilidade de instaurar no seio da população a instrução e as luzes necessárias para formar os cidadãos da jovem pátria independente. A imprensa periódica ao lado das sociedades literárias e científicas, bibliotecas, teatros, entre outros, assumiu para si a função de educar seu público através da capacidade de erigir e disseminar idéias, conceitos e valores.<sup>12</sup>

A presente dissertação, partindo desse contexto, tem por objetivo geral analisar a construção da figura feminina através das representações estabelecidas pelo discurso da imprensa feminina<sup>13</sup> no Brasil da primeira metade do oitocentos – *O Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro, 1827); *O Mentor das Brasileiras* (São João del Rei, 1829); *A Mulher do Simplício* (Rio de Janeiro, 1832); *A Filha Unica da Mulher do Simplício* (Rio de Janeiro, 1832); *Espelho das Brasileiras* (Pernambuco, 1830); *A Mineira no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1833)- que tecidas em suas páginas poderiam, pela via das relações de poder e linguagem, nortear a existência das mulheres da época ao definir regras, comportamentos e papéis sociais. Escolhemos delimitar o intervalo temporal entre 1827 e 1846 para respeitar o período de impressão dos jornais. Contudo, queremos ressaltar que o ano de 1846 serve como baliza em função do último exemplar conservado que encontramos do periódico *A Mulher do Simplício*.

Segundo Chartier, as representações constituem-se em elemento essencial para a compreensão da sociedade, pois “não há práticas ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido

---

**Espacio público, crítica y desacralización en siglo XVIII:** las origens culturales de la Revolucion Francesa. Barcelona: Gedisa, 1995, p. 36-40.

<sup>11</sup>MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro de. Op.cit., p. 15,16 e 43.

<sup>12</sup>JINZENJI, Mônica Yumi **A instrução e educação das senhoras brasileiras do século XIX através do periódico O Mentor das Brasileiras.** Disponível em: <[HTTP://www.sitemanson.vanderbit.edu/files/foUXAY/Jinzenji.doc](http://www.sitemanson.vanderbit.edu/files/foUXAY/Jinzenji.doc)> Acesso em: 25/06/2008.

<sup>13</sup> Apoiamo-nos no conceito de “imprensa feminina” definido pela pesquisadora Dulcília Buitoni: impressos produzidos e direcionados para as mulheres. Para a autora tal conceito está relacionado ao seu caráter sexuado, pois “o sexo de seu público faz parte de sua natureza” constituindo-se no seu “grande elemento definidor”. Nesse sentido, Buitoni ressalta que nem sempre a condição de alguns impressos serem redigidos por mulheres tornam-os passíveis de receberem a qualificação de “femininos”. Ainda segundo a autora, baseando-se nas idéias da pesquisadora francesa Evelyne Sullerot, cabe outra distinção. Isto é, entre a “imprensa feminina”- entendida como “aquela dirigida e pensada para as mulheres” - e a “imprensa feminista” que, apesar de ter o mesmo público alvo, assume uma finalidade política por inserir-se na luta feminina para sustentar suas “causas”. BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina.** São Paulo: Ática, 1986, p. 7, 8 e 16.

ao seu mundo.”<sup>14</sup> A “luta de representações” que se instaura entre os diferentes grupos do social permite, pela via das estratégias simbólicas, a cristalização de determinadas posições e relações que trazem em seu bojo o ordenamento e a hierarquização do corpo social.<sup>15</sup> Portanto, as identidades sociais devem ser entendidas como fruto das “relações de força entre as representações” ditadas pelo grupo que detém o poder de classificar, de propor valores e normas e estabelecer limites aos comportamentos e os papéis sociais.<sup>16</sup> Desta forma, nossa pesquisa pauta-se nas abordagens incitadas pela história cultural ao discutir, a partir do conceito de representação, as relações de gênero e o discurso enquanto prática constituinte.<sup>17</sup>

A inserção da mulher como objeto de análise na historiografia brasileira ocorreu na década de 1970 pela história social, muito influenciada pela teoria marxista. Neste momento a mulher foi vista como o resultado das condições sócio-econômicas e como vítima, despida de qualquer consciência e atuação histórica.<sup>18</sup> Já na década de 1980 as pesquisas, ainda focadas na “condição feminina” (sempre em contraste e separada da experiência masculina), tentavam preencher este vazio e passaram a analisar as mulheres enquanto sujeitos históricos, analisando seu cotidiano a partir das idéias de resistência e da transformação da sua realidade. Este foi o período de efervescência de trabalhos inseridos nos estudos das mentalidades ganhando destaque às temáticas, por exemplo, da sexualidade, da família, do amor, do pecado, do poder e da moralidade. Assim, as mulheres tornavam-se sujeitos sociais que engendravam a História, que lutavam contra as declarações de poder e que produziam percepções e experiências próprias.<sup>19</sup>

Essas duas décadas foram de grande valia para a incorporação das mulheres na produção historiográfica ao colocar em discussão a visão monolítica do “Homem Universal.”<sup>20</sup> Entretanto, essas abordagens não finalizaram totalmente o “silêncio” que teimava em rodear os estudos sobre as mulheres. Segundo Mary Del Priore, essas personagens sobiam ao palco apenas quando tentavam desequilibrar o predomínio masculino

---

<sup>14</sup> CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002, p. 66.

<sup>15</sup> Idem, p. 73.

<sup>16</sup> Idem, ibidem.

<sup>17</sup> Ver RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: Editora da Unesp, 1995, p. 88 e 89.

<sup>18</sup> Idem, p. 82.

<sup>19</sup> Idem, p. 83 e 85. Para detalhes destas produções, Ver SOHIET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro F. S. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaios da teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

<sup>20</sup> Ver SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) **A Escrita da História**: novas perspectivas. 4 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

ou quando eram inseridas nos estudos sobre as minorias.<sup>21</sup> Então, tornavam-se necessárias novas interrogações e outro olhar sobre as fontes investigando não mais a divisão binária homem/mulher ou a compreensão de um universo feminino paralelo,<sup>22</sup> mas sim o masculino e o feminino em suas interações sociais “buscando nas atitudes e sensibilidades coletivas, nos fatos e práticas cotidianas, os espaços onde se abrigava a relação homem-mulher.”<sup>23</sup> Nesse percurso as problemáticas fizeram-se muito mais complexas, tais como: descobrir por quais mecanismos determinavam-se a supostas “superioridade” e “dominação” masculinas; <sup>24</sup> estabelecer a desconstrução das “identidades globalizantes” e redefinir as relações de poder e subordinação entre os dois sexos.<sup>25</sup>

Os novos métodos e abordagens nas últimas décadas da História Cultural muito contribuíram na tentativa de encontrar respostas para os questionamentos provenientes dessas outras problemáticas que passaram a instigar os pesquisadores. De um lado, a discussão ganhou força com o auxílio da interdisciplinaridade (literatura, antropologia, psicanálise...) que permite entender o feminino em vários aspectos, ou seja, entre outros, no imaginário social, nas representações, na subjetividade, e nas práticas. Por outro lado, a categoria gênero ampliou o seu espaço na produção historiográfica, trazendo a dimensão analítica do sexo para as experiências sociais em detrimento do determinismo “biológico” e “natural” que supostamente regia as distinções e relações entre homens e mulheres.<sup>26</sup>

A História cultural que busca compreender como o homem organiza, pensa e lê sua realidade - emaranhando-se no simbólico, na construção dos sentidos e das interpretações, nas representações e na linguagem<sup>27</sup> - muito se beneficiou da emergência da História do Gênero uma vez que esta “se interessa pelo processo de definição tanto do masculino como do feminino numa sociedade particular [...]”.<sup>28</sup> O “gênero” enquanto instrumento analítico tem por objetivo principal demonstrar que o “masculino” e o “feminino” são formulados em suas

---

<sup>21</sup> DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 224.

<sup>22</sup> Idem, p. 224 e 225.

<sup>23</sup> Idem, p. 225.

<sup>24</sup> Idem, ibidem.

<sup>25</sup> COSTA, Suely Gomes. . Gênero e História. In: ABREU, Marta e SOIHET, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 192

<sup>26</sup> SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro F. S. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 276 e 279.

<sup>27</sup> Ver CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.

<sup>28</sup> HUFTON, Olvem. Mulheres/homens: uma questão subversiva. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.). **Passados recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: ED. UFRJ; Ed. FGV, 1998, p. 246 e 247.

relações e interações num determinado tempo e espaço, ou seja, são construções socioculturais e, portanto, históricas.<sup>29</sup>

A presente dissertação possui a proposta de unir-se a esses estudos contribuindo para a produção historiográfica a respeito do gênero, ao concebermos as diferenças sexuais enquanto construções históricas diferenciadas, produzidas e transformadas nos processos múltiplos e conflituais de estruturação de significados para o masculino e o feminino em uma determinada realidade. Dessa maneira, inseridos na História Cultural, enquanto vertente do estudo das práticas e das representações sociais, trazemos para a análise as formas pelas quais as relações de poder definem cultural e linguisticamente os processos de construção das distinções de gênero para homens e para mulheres. Em outras palavras, a principal questão a ser colocada é o mapeamento dos “discursos que enunciam e representam como ‘natural’ [...] a divisão social[...] dos papéis e funções”<sup>30</sup> entre os sexos.

Desejamos demonstrar que o feminino é modelado pelas relações de poder e pelas práticas discursivas, as quais, entrelaçadas, constroem para as mulheres o seu ser, o seu papel social, as suas funções, os seus limites em um jogo de tensões e de muitas nuances. A imprensa feminina, nesse sentido, constitui-se em mais uma “voz” que enuncia na experiência cotidiana as “relações simbólicas de força”, entendidas como uma das bases para a construção sociocultural das distinções de gênero.

Em outras palavras, enfatizamos que os diferentes papéis e funções atribuídos aos homens e mulheres do período aqui balizado eram modelos culturais construídos em meio às relações de poder pela via dos discursos, pela luta de representações, e não um dado “natural” como se queria defender na época.<sup>31</sup> Lançamo-nos assim ao novo “desafio”, como bem salientou Roger Chartier, que se impõe de maneira tão forte aos historiadores sequiosos por compreender o passado em sua complexidade e riqueza: relacionar como os discursos são construídos socialmente e como eles, por sua vez, estruturam a realidade.<sup>32</sup>

Para tanto, essa dissertação consta de três capítulos. No capítulo um, *Os primeiros passos da imprensa periódica oitocentista*, focalizo o surgimento da imprensa periódica no Brasil e o seu papel na fomentação das discussões políticas, educacionais e morais que marcaram a primeira metade do século XIX. Desenvolvemos também um sucinto histórico da imprensa feminina no Brasil oitocentista, destacando-a enquanto espaço no qual as mulheres

<sup>29</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 74.

<sup>30</sup> CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002, p. 96.

<sup>31</sup> VER DEL PRIORE, Mary. Op. cit. p. 233.

<sup>32</sup> CHARTIER, Roger. Op.cit., p. 97.



encontravam tanto assuntos que, tradicionalmente, eram relacionados aos seus interesses, quanto um meio para expor suas reflexões e reivindicações de direitos.

Aproveitamos esse contexto mais geral para, a partir da observação de nossas fontes, demonstrar o forte intuito da imprensa feminina de educar as leitoras enquanto mulheres civilizadas e verdadeiras patriotas. Desse modo, trazemos a baila os discursos dos redatores sobre a questão da instrução feminina. Questão que povoou durante séculos as mentes de homens e mulheres, alvo de fervorosos debates e que engendrou inúmeras produções intelectuais na forma de tratados e manuais de educação.

Os capítulos dois e três intitulados, respectivamente, *Em benefício da Nação e do Lar* e *A boa leitura*, oferecem a análise específica de alguns aspectos considerados ideais no processo de educação do sexo feminino pelos periódicos analisados. No segundo capítulo destacamos em primeiro lugar a preocupação com a deficitária educação oferecida pelas famílias brasileiras oitocentistas às mulheres, o que acabava por esbarrar na necessidade de aparar também as arestas de uma suposta natureza feminina “defeituosa”, passível de arruinar moralmente, segundo os redatores, o espaço privado quanto público. Em seguida discutimos como os temas sobre moda, luxo, matrimônio e maternidade foram utilizados para a difusão de representações femininas virtuosas e cívicas.

No terceiro e último capítulo, ressaltamos a desejável formação intelectual das mulheres por meio da análise de uma seleção de leituras indicadas e/ou contra-indicadas pelos jornais que corroboravam com as representações femininas idealizadas. Exploramos igualmente o processo de apropriação de textos/obras pelos redatores. Em particular, analisamos com o caso exemplar do *O Mentor das Brasileiras*. Uma fração desse estudo nos levou a determos minuciosamente na sua seção “Parte Histórica”, na qual encontramos uma narrativa da história do Brasil que favorecia, a nosso ver, as intenções pedagógicas de oferecer ao sexo feminino as bases de uma recém nação independente (um passado comum, mitos de fundação, personalidades modelares...) e o forjamento de seu amor à pátria.

## 2 OS PRIMEIROS PASSOS DA IMPRENSA PERÍODICA OITOCENTISTA

### 2.1 A circulação dos jornais no Brasil

A vinda da Corte Lusa para a América Portuguesa possibilitou a instalação de tipografias em nosso território, tendo como marco incitador o decreto de 13 de maio de 1808 pelo qual D. João efetivou a implantação da Impressão Régia. A partir de então as ações do governo passaram a ser propaladas oficialmente pelos jornais em detrimento das antigas formas de transmissão (bandos, pregões e editais) que eram utilizados para divulgar, por exemplo, os decretos e os ofícios administrativos.<sup>33</sup>

Fruto da Impressão Régia foi o primeiro jornal impresso no Brasil, *Gazeta do Rio de Janeiro* de 1808, que seguiu os padrões de sua congênere conhecida como *Gazeta de Lisboa*. A publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, segundo Isabel Lustosa, mergulhava na “mistura de redação propriamente dita com repartição pública e claustro, não só por conta do grande número de funcionários públicos e padres que nela escreviam, mas também, [...] por funcionar numa secretaria do governo.”<sup>34</sup> Não podemos nos esquecer que nesse período também surgiu o periódico *Correio Braziliense* editado por Hipólito da Costa em Londres, considerado por alguns estudiosos o primeiro jornal brasileiro.<sup>35</sup> Contudo, segundo Marco Morel, foi entre 1820 e 1821 que o Brasil vivenciou a floração mais intensa da imprensa simultaneamente à formação da opinião pública.<sup>36</sup> No Rio de Janeiro de 1820 a população que só tinha a seu dispor um periódico, passou a se deparar em 1821 com 11 periódicos. Daí em diante os jornais ganharam cada vez mais espaço: em 1822 tivemos 17 jornais editados; em 1823 foram

---

<sup>33</sup> MOREIRA, Luciano da Silva. **Imprensa e Política**: espaço público e cultura política na província de Minas Gerais, 1828-1842. Belo Horizonte: UFMG, 2006, Dissertação de Mestrado, p. 23.

<sup>34</sup> LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 71.

<sup>35</sup> Idem, p. 71 e 72.

<sup>36</sup> Morel, Marco. **As transformações dos espaços públicos...**, p. 205.

publicados 14 periódicos; em 1830 foram 22; em 1845 foram 45 e, em 1833 foram 72 periódicos.<sup>37</sup>

Embora tenha sido decretada em 2 de março de 1821 por D. João VI a liberdade de imprensa no Brasil, o governo não permaneceu alheio às inúmeras “vozes” que brandavam por intermédio dos periódicos, principalmente as dos seus opositores.<sup>38</sup> Nesse sentido, houve tentativas de cercear a expansão dos periódicos pela repressão indo da ameaça aos assassinatos de vários redatores<sup>39</sup> e pela via legislativa (como a lei de 20 de maio de 1830 que determinava a prisão de autores que atacassem a monarquia e a Igreja através dos impressos, variando a pena de 3 a 9 anos)<sup>40</sup>. As agressões contra os redatores foram expressas da seguinte forma por Nelson Werneck Sodré,

A lista de atentados pessoais contra figuras da imprensa na época, é bem grande. Luís Augusto May, redator da Malagueta, sofreu duas agressões, a primeira em sua residência, a segunda na via pública, sendo ele então deputado. Evaristo da Veiga foi alvo de atentado a tiro. Clemente José de Oliveira, redator de O Brasil Aflito, foi assassinado a golpes de espada. Maurício José de Lafuente, pardo, escritor que manteve o pasquim que deu seu próprio nome, foi perseguido e deportado.<sup>41</sup>

A notoriedade da imprensa na década de 1820 deu-se em meio às articulações que culminaram na Independência do Brasil e às discussões sobre o rumo político da nova “Nação” que se pretendia construir. A imprensa nesse contexto funcionou como uma “arena de discussões públicas acerca das questões políticas”<sup>42</sup> manejadas pela elite intelectual e política da época (proprietários de terras e escravos, profissionais liberais, militares, eclesiásticos...), “cuja participação na imprensa era de grande importância devido à facilidade que tinham em comunicar-se pela escrita.”<sup>43</sup>

Os redatores esforçavam-se para que seus periódicos assumissem uma dupla postura: instrumento para a “educação dos povos” e “arma fundamental no prélio político”.<sup>44</sup>

<sup>37</sup> Idem, p. 204; Catálogo de jornais e revistas do Rio de Janeiro (1808-1889) existentes na Biblioteca Nacional. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. v. 85, 1965 (fac-simile 1981).

<sup>38</sup> MOREL, Marco. Op. cit., p. 205.

<sup>39</sup> Idem, p. 205 e 211.

<sup>40</sup> MOREIRA, Luciano da Silva. Op. cit., p. 89.

<sup>41</sup> SODRÊ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 196.

<sup>42</sup> SILVA, Rodrigo Fialho da. **Por ser voz pública**: intrigas, debates e pensamento político na imprensa mineira; Vila de São João d’El Rei, 1827-1829. Vassouras: USS, 2006, Dissertação de Mestrado, p. 22.

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*. Para estudo detalhado das elites políticas e intelectual brasileiras envolvidas com a impressão de periódicos e folhetos entre os anos de 1808 e 1823, Ver NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Corcundas e constitucionais**: a cultura política da Independência (1820-1822). Rio de Janeiro: Editora Revan; FAPERJ, 2003. Capítulo 2.

<sup>44</sup> MOREIRA, Luciano da Silva. Op. cit. p. 62

Acreditando serem os portadores de uma incumbência política e pedagógica eles produziam, “sobretudo impressos de combate imediato, de apoio/ataque a pessoas e facções de propagação das ‘novas idéias’, dirigidas ao Povo e a Nação ou, quando fosse o caso, para a formação destes.”<sup>45</sup>

Na província de Minas Gerais, por exemplo, os liberais moderados encontraram na imprensa um eficiente meio pelo qual divulgavam suas idéias, buscavam a hegemonia política, o apoio da opinião pública, e o direcionamento da sociedade.<sup>46</sup> Não foi por acaso que, no período compreendido entre 1825 e 1842, Minas Gerais foi o cenário do aparecimento de mais de sessenta periódicos liberais que entrelaçavam suas vozes através de uma “rede de circulação, constituindo referências de um mesmo movimento, citando-se mutuamente e apresentando-se como arautos da mesma liberdade”.<sup>47</sup> A palavra escrita, impressa, assumia sua significância pelo alcançar dos mais variados lugares e pela disseminação de conceitos retidos pela repetição.<sup>48</sup>

No geral, os jornais mineiros privilegiavam em suas páginas o enfoque político (forma do estado, representações políticas, papel e função dos cidadãos...) associado ao desejo de instaurar no seio da população as luzes e a civilização. Assim, privilegiavam aspectos da

[...] vida política nacional e estrangeira, e ainda da história, da economia e da administração do país e da província e questões locais; textos doutrinários; notícias nacionais e estrangeiras, excertos de periódicos [...] mineiros, nacionais e estrangeiros; extratos de clássico do liberalismo [...], diálogos, “dicionários”, anedotas e parábolas.<sup>49</sup>

Na Corte encontramos a mesma tendência de contribuição da imprensa para a questão nacional através dos diferentes “projetos de Brasil” elaborados pelos prelos das facções políticas da época: Moderada, Exaltada e Caramuru. Instauravam-se verdadeiras disputas de “opiniões” e de “doutrinas” imersas nas lutas pela conquista do poder e da opinião pública.<sup>50</sup> A imprensa, em conjunto com as associações, as festividades cívicas e os movimentos de protestos, trabalhava para que “fosse preservada a integridade nacional e reiterada a crença no

<sup>45</sup> MOREL, Marco. Op. cit., p. 167.

<sup>46</sup>SILVA, Wlamir. A imprensa e a pedagogia liberal na província de Minas Gerais (1831-1835). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das, MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Bessone da C. (orgs). **Imprensa e História:** representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p. 41.

<sup>47</sup> Idem, p.41 e 47.

<sup>48</sup> Idem, p. 49.

<sup>49</sup> Idem, p. 43.

<sup>50</sup>BASILE, Marcello. Projetos de Brasil e construção nacional na imprensa fluminense (1831-1835). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., Morel, Marco, Ferreira, Tânia Bessone da C. (orgs). Op. cit., p. 90.

destino comum da nação”.<sup>51</sup> Nesse sentido, foi significativa a atitude da Regência Provisória de “baixar medida livrando de porte nos correios de todo o país os periódicos enviados para bibliotecas públicas e cobrando apenas a oitava parte do porte para aqueles dirigidos a particulares.”<sup>52</sup>

Por meio da análise dos jornais da imprensa feminina elencados nesse trabalho e das pesquisas de Luciano Moreira, Marco Morel e Lúcia Bastos Neves sobre os jornais, respectivamente, de Minas Gerais e da Corte, detectamos que os periódicos no início do século XIX eram dotados de algumas características comuns. A aquisição podia ser realizada por assinaturas ou por venda avulsa em lojas, tabernas, boticas ou em casa de particulares. Os preços eram acessíveis a boa parte da população. No Rio de Janeiro, Lúcia Bastos Neves destacou o custo entre oitenta a cento e vinte réis para os periódicos e entre oitenta e trezentos e vinte réis para os folhetos e panfletos. De acordo com essa pesquisadora, “Na mesma época uma empada de recheio de ave custava 100 réis; um arrátel de lingüiça, 280; um quartilho de tinta para escrever, 320; a aguardente, 80 réis a garrafa; um sabão inglês, 120 réis a libra.”<sup>53</sup>

Na maioria dos casos, os exemplares possuíam em sua primeira página elementos constantes: o título exprimindo sua posição política ou a determinação de seu público alvo; a data, o número da publicação; o nome da tipografia e da localidade de sua impressão; e epígrafe - em língua nacional ou estrangeira - que permitia aos leitores conhecer as intenções e os propósitos do jornal. Havia também os “prospectos” normalmente inseridos no primeiro número do periódico que auxiliavam no esclarecimento do público sobre os intentos dos redatores e os assuntos que seriam privilegiados nos exemplares.

A ausência da identificação dos redatores e dos colaboradores muitas vezes fazia parte das características dos jornais. Essa estratégia utilizada permitia aos indivíduos envolvidos na impressão dos periódicos o anonimato baseado em pseudônimos ou simplesmente na identificação como “redactor” ou “redactores”. Assim, no calor dos debates, podiam desvincular sua pessoa de suas idéias evitando complicações práticas (processos, devassas...) em sua vida pública e privada.<sup>54</sup> No tocante aos leitores, Marco Morel afirma que publicar o nome em uma lista de assinantes equivalia à demarcação de uma posição política.

Dessa maneira, a divulgação de uma lista de assinantes de um jornal oposicionista tinha gosto de ameaça e podia prejudicar as pessoas que aí tivessem inscritos seus nomes. Ao contrário, os assinantes de jornais governistas podiam beneficiar-se de

---

<sup>51</sup> Idem, p. 91.

<sup>52</sup> Idem, p. 90.

<sup>53</sup> NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Op. cit., p. 94.

<sup>54</sup> MOREIRA, Luciano. Op. cit., p. 148 e 149.

um sistema de aparências e se mostrarem como fiéis leitores vinculados ao governo imperial monárquico brasileiro.<sup>55</sup>

É importante destacar que a leitura dos periódicos podia ser realizada no recanto seguro do lar – juntamente com os romances e os livros piedosos – como nas bibliotecas e sociedades políticas, nas tabernas e nas praças públicas. Em consequência, vemos emergir os caminhos tortuosos seguidos pela relação entre letrados/iletrados, escrita/oralidade nas vilas e arraiais que vivenciaram a aurora de espaços públicos.<sup>56</sup> A leitura que se apresentava em suas várias facetas (introspectiva e solitária ou coletiva e oralizada) ganhou espaço nas casas entre o silêncio e as reuniões privadas e também “na praça pública, nas esquinas e nas ruas, [locais onde] as pessoas liam coletivamente periódicos, panfletos, pasquins, e toda sorte de objeto escrito [...]”.<sup>57</sup>

Muito comum na época era o interesse dos redatores pela permuta de seus exemplares. Esses homens letrados também eram leitores importantes que os textos impressos necessitavam para compor as “respostas” e as “polêmicas” dos debates. As trocas poderiam acontecer pela assinatura realizada em outras províncias e na Corte ou através do ato de compilar os artigos lidos de outros periódicos. Se, por um lado, havia no diálogo entre eles o apoio e a troca de idéias, por outro havia também a rivalidade, isto é, uma verdadeira batalha entre os redatores, “a qual não se limitava à discussão estritamente política, mas desaguava na maledicência, na calúnia e no insulto.”<sup>58</sup>

Na construção dos debates os redatores delineavam nas suas páginas impressas o seu público-alvo para “reunir, doutrinar e mobilizar”, indo desde os grandes fazendeiros até as mulheres, passando pelos funcionários públicos, militares e “pais de famílias”.<sup>59</sup> Acima de tudo, esta postura buscava evitar que suas idéias de “liberdade” e “igualdade” fossem apropriadas - através da leitura individual, oral e coletiva e dos boatos nas ruas e nas praças - inadvertidamente pelo “populacho” (vadios, pobres, prostitutas, escravos...) considerado nessa época o “inimigo interno que assombrava as elites desde o século XVIII.”<sup>60</sup> Embora essa parcela da população representasse um perigo para a “boa sociedade”, a busca pelo público dos homens letrados também contemplava o lado “rude, iletrado, pobre” da população, pois

---

<sup>55</sup> MOREL, Marco. Op. cit., p. 212 e 213.

<sup>56</sup> MOREIRA, Luciano. Op. cit., p. 134 e 135.

<sup>57</sup> Idem, p. 156.

<sup>58</sup> Idem, p. 78.

<sup>59</sup> Idem, p. 73, 75 e 77.

<sup>60</sup> Idem, p. 81, 82 e 85

os redatores almejavam lapidá-los como “elementos úteis e integrados por meio da educação e cultura ao trabalho e a um determinado grau de cidadania”.<sup>61</sup>

No tocante as mulheres, podemos afirmar que foram um segmento importante entre os interlocutores dos jornais oitocentistas. O século XIX marcou o processo de “politização do espaço feminino” graças às tentativas de estabelecer a igualdade de direitos entre os sexos; a maior participação feminina em associações; à proliferação de jornais tendo como alvo a mulher e à atuação ativa das mulheres no espaço impresso (jornais, panfletos, folhetins...).<sup>62</sup>

Através das páginas dos jornais vislumbramos a relação tensa, marcada por recuos e avanços, entre a figura feminina e as questões que fervilhavam cada linha impressa dos redatores. As mulheres, enquanto representações e público-leitor, entraram na cena dos debates e dos cotejos de idéias sobre política, educação e moralidade.

No contexto de Recife, Marcus Carvalho destaca que as mulheres não eram alheias aos conflitos políticos e às insurreições que tumultuavam o cotidiano da primeira metade do século XIX. Isso porque tais acontecimentos invadiam suas casas através do envolvimento de seus maridos, pais e filhos ou pelo “disse - que - disse” que envolvia os agregados, os escravos e os vizinhos. Em sua análise do periódico *Diário de Pernambuco* esse autor encontrou uma interessante história, publicada em nove de março de 1829, sobre uma família que se posicionou em relação à prisão de um vereador simpatizante da Confederação do Equador de 1824, episódio decorrente das eleições para deputados imperiais, juizes de paz e vereadores realizadas de 1828 a 1830. Nessa história encontramos vestígios das relações entre o político e o privado e uma representação da “boa esposa” composta pela sobriedade, “bom senso” e “ingenuidade”.<sup>63</sup> O artigo foi assim descrito por Carvalho:

Na sala reunidos, todos discutiam o episódio. Os homens repudiavam com veemência a atitude do governo. Na sala a mulher também se manifestava. Mas sua argumentação era diferente. Sua voz era a do bom senso. Questionava a atitude das autoridades que teriam armado o flagrante, mas afirmava não entender de política, pois em 1824 mataram um parente seu por ser contra a constituição, e agora queriam matar um homem a seu favor. [...] Cabia a mulher digna, à boa esposa, o bom senso. Mas era também de “bom - tom” [...] demonstrar certa ingenuidade. Não lhe concerniam percepções mais profundas. A política, violenta e incoerente, era terreno discursivo masculino.<sup>64</sup>

<sup>61</sup> MOREL, Marco. Op. cit., p. 216 e 217.

<sup>62</sup> BASILE, Marcello. Op. cit., p. 83.

<sup>63</sup> CARVALHO, Marcus J. M. de. A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., Morel, Marco, Ferreira, Tânia Bessone da C. (orgs). Op. cit., p. 182-184.

<sup>64</sup> Idem, p. 184.

As próprias mulheres também atuaram para demonstrar o seu interesse pelos acontecimentos político da época. No jornal de Cipriano Barata, *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*, em 1823, foram publicadas três cartas de autorias femininas. Na primeira o conteúdo, além de demonstrar gratidão ao redator pelo seu propósito de orientar as mulheres sobre como proceder no serviço à pátria, defendia a pontencialidade do suposto “sexo frágil” em lutar contra o despotismo com as mesmas vontade e coragem que animavam os homens. Esses manifestos tiveram um apoio expressivo de mulheres (o primeiro obteve cem assinaturas femininas e o terceiro vinte e uma), das “Espartanas Valorosas da Paraíba”, como escreveu Cipriano Barata.<sup>65</sup>

Nos discursos das folhas “exaltadas” do Rio de Janeiro o sexo feminino foi incluído nos atos e direitos políticos, o que equivalia seu ingresso no grupo dos cidadãos ativos. Postura que ia de encontro com o pensamento predominante da época que as relegavam ao rol dos cidadãos passivos (nem mesmo a Revolução francesa com seus gritos de “igualdade” ofereceu a mulher o direito a uma atuação política direta no âmbito público). Dessa forma, os jornais exaltados, como *Nova Luz brasileira*, *O Tribuno do Povo* e *Luz Brasileira*, convocavam as mulheres para se interessarem sobre os assuntos públicos e que assumissem seu papel na sociedade civil.<sup>66</sup>

Os Caramurus, por sua vez, destinavam ao sexo feminino o espaço da platéia no teatro político, isto é, a mulher deveria restringir-se à “tarefa de adquirir Luzes para formar e apoiar o cidadão”.<sup>67</sup> A atuação de sua imprensa foi discreta. O jornal *Caramuru* entrou no mérito da questão apenas duas vezes: ao parabenizar o interesse feminino em participar da Sociedade Conservadora da Constituição Jurada no Império do Brasil, e ao publicar um artigo sobre a importância da mulher “na história e nas ciências”. Já o *Carijó* tocou na questão feminina ao citar a possibilidade de uma revolução na qual as mulheres teriam o dever de conclamar os homens para a luta em prol da liberdade.<sup>68</sup>

Após esse panorama geral dos impressos no Brasil, fica a pergunta: como a imprensa feminina integrou-se e atuou nesse momento de profundas transformações vivenciadas pela sociedade brasileira oitocentista? Voltemos, portanto, nosso olhar para a construção da imprensa feminina, para suas características, seus discursos e seus atores.

---

<sup>65</sup> NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Cidadania e participação política na época da Independência do Brasil. In: *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 2, n. 58, 2002, p. 59. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n58/v22n58a04.pdf>> Acesso em: 18/11/2008.

<sup>66</sup> BASILE, Marcello. Op. cit., p. 72.

<sup>67</sup> Idem, p. 82.

<sup>68</sup> Idem, ibidem.



## 2.2 Um Breve Histórico da Imprensa Feminina no século XIX

A imprensa feminina teve sua origem no contexto europeu a partir do século XVII. Podemos citar como exemplos pioneiros os seguintes periódicos: na Inglaterra o *Lady's Mercury* de 1693; na Itália o *Toilette* de 1770; e na Alemanha o *Akademie der Grazien* de 1774.<sup>69</sup>

A França foi o país que mais se destacou na produção desse tipo de imprensa e se constituiu no padrão seguido nas primeiras tentativas de se instaurar no Brasil jornais cujo público alvo era a mulher. Em sua primeira fase a imprensa feminina francesa como, por exemplo, o *Courrier de La Nouveauté* (1758) e o *Journal des Dames et de Modes* (1759) trazia em suas páginas poemas, críticas de livros e de peças teatrais, moda, incipiente publicidade e “dicas” sobre a educação feminina. No período pós-revolucionário proliferaram jornais com teor feminista, como foi o caso de *L' Athenée des Dames*, *La Voix dès Femmes*, e *Le Droit des Femmes*. Os assuntos tornaram-se mais polêmicos envolvendo questões como o divórcio, a remuneração adequada para o trabalho feminino e o acesso ao ensino superior para a mulher.<sup>70</sup>

No Brasil encontramos os primeiros periódicos dedicados ao público feminino a partir da segunda década do oitocentos. Essa primeira fase foi composta pelos periódicos majoritariamente publicados por homens, tendo dentre os impressos pioneiros, os moderados *O Espelho Diamantino* (1827), *O Mentor das Brasileiras* (1829), *Espelho das Brasileiras* (1831); os exaltados *A Mulher do Simplício* (1832), *A Filha Unica da Mulher do Simplício* (1832); e o caramuru *A Mineira no Rio de Janeiro* (1833). Segundo Dulcília Buitoni, no decorrer do século XIX,

Os títulos sucediam-se. Entre moda e literatura, duas incentivadoras da fantasia a imprensa feminina brasileira caminhava. Com nome de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, ou mencionando a mulher e seus objetivos, tivemos no Rio, São Paulo e outras cidades, *A Camélia*, *A Violeta*, *O lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija-Flor*, [...] e assim por diante.<sup>71</sup>

A nossa pesquisa abarca a análise dos seis jornais citados por nós que se empenhavam em conquistar o gosto da porção feminina dos leitores oitocentistas. Momento importante da

<sup>69</sup> BUITONI, Dulcília Helena. Op. cit., p. 25.

<sup>70</sup> Idem, p. 26, 30-31.

<sup>71</sup> BUITONI, Dulcília Helena. Op.cit., p. 40.

constituição da sociedade letrada em nosso país, considerada a mais apta para atuar em prol das mudanças desejadas para modernização política, material e moral da incipiente nação brasileira.<sup>72</sup> Os jornais, portanto, passavam a convidar a face mais privilegiada do gênero feminino, isto é, as mulheres letradas, conforme as palavras do *Espelho Diamantino* “as mais habeis”<sup>73</sup> ou no discurso do *O Mentor das Brasileiras* as “estudiosas Brasileiras”, a passarem algum tempo durante os dias lendo suas folhas repletas de instrução (política, cívica, moral...), de argumentos contra a malícia de seus detratores e de entretenimento (novidades literárias, moda...).

Ainda que utilizando uma documentação esparsa e irregular,<sup>74</sup> pela própria inconstância das impressões da época e pelas lacunas nos acervos arquivísticos, é possível traçarmos algumas características gerais de nossas fontes.

O jornal *O Espelho Diamantino: periódico de política, litteratura, bellas artes, theatro e modas*, considerado, por ora, o primeiro jornal dedicado ao público feminino no Brasil, foi impresso no Rio de Janeiro a partir de 1827 na Tipografia de Plancher-Seignot com periodicidade predominantemente quinzenal (no primeiro e no décimo quinto dia do mês)<sup>75</sup> e com numeração de páginas continuada. As subscrições custavam 1\$ 6000 réis por trimestre, 3 \$200 réis por semestre e 6\$000 réis por ano. O jornal teve como seu primeiro redator Julio Floro das Palmeiras. No número sete desse jornal, de cinco de janeiro de 1828, foi noticiado que o seu proprietário realizou “novos arranjos” para manter a periodicidade da folha. Desse momento em diante *O Espelho Diamantino* ficava sob a direção de outros redatores não identificados.

Contudo, deixou-se explícito, ao tocar na questão do envio das correspondências por parte dos leitores, o nome do editor-responsável, o “Sr. Chevalier”. Anunciou também que seus assinantes poderiam adquirir os números anteriores na residência de Pierre Plancher<sup>76</sup>

<sup>72</sup> MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 35 e 36.

<sup>73</sup> Optamos por manter em nossa pesquisa a grafia original dos textos publicados nos jornais. Contudo, é possível que se encontre certas diferenças entre o que foi copiado e os originais devido algumas dificuldades de leitura ocorridas em função da qualidade da própria documentação e da microfilmagem e digitalização das fontes.

<sup>74</sup> Números encontrados na coleção da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: *O Espelho Diamantino*: 1827 (2-6) e 1828 (7-14); *O Mentor das Brasileiras*: 1829 (1-5), 1830 (6-35; 39-56), 1831 (57-83; 86-107), 1832 (108-113; 115-129); *Espelho das Brasileiras*: 1831 (27-30); *A Mulher do Simplício*: 1832 (3 e 8), 1835 (45), 1836 (48), 1837 (54-55), 1838 (60), 1839 (63), 1840 (64-66), 1841 (67, 70-71), 1842 (72-73), 1843 (76), 1844 (77-78) e 1846 (83); *A Filha Unica da Mulher do Simplício*: 1832 (1 e 3); *A Mineira no Rio de Janeiro*: 1833 (1-4)

<sup>75</sup> Essa periodicidade em alguns casos não foi respeitada o que levou a impressão de apenas um exemplar por mês.

<sup>76</sup> O francês Pierre Plancher veio para o Brasil no ano de 1824 fugindo de diversos processos contra ele acionados em sua terra natal devido ao envolvimento com publicações “subversivas” e edições clandestinas. Nos trópicos, sob a proteção de D. Pedro I, ele pode continuar suas atividades de livreiro e editor auxiliando na

localizada na Rua do Ouvidor no número noventa e cinco. Nessa fase o periódico assumiu outra divisão de matérias, incluindo textos em francês, a serem seguidas, a saber: “Memórias Históricas” (exposição sintética “dos principais acontecimentos do mundo político acompanhado com reflexões”), “Notícias Políticas”, “Negócios Nacionais”, “Literatura e Theatro”, e “Chronica e Anecdotas”.

*O Mentor das Brasileiras* circulou semanalmente na antiga vila de São João del-Rei entre 30 de novembro de 1829 a 1º de junho de 1832; com um total de 129 números. Cada exemplar possuía oito páginas e a sua numeração respeitava a ordem estabelecida desde o primeiro número, algo típico da época que favorecia a coleção dos periódicos vendidos por assinaturas.<sup>77</sup> Os exemplares avulsos eram vendidos pelo preço de 80 réis e a assinatura trimestral custava 800 réis, cuja subscrição poderia ser feita também em Ouro Preto, Campanha, Sabará e Rio de Janeiro, envolvendo respectivamente a Tipografia do Universal, e homens como Ignácio Gomes, Bento Rodrigues de Moura e Castro e Evaristo Ferreira da Veiga<sup>78</sup>. Em relação a sua circulação afirma-se que:

O Mentor das Brasileiras teria circulado não só nas principais vilas de Minas Gerais, como Ouro Preto, Mariana, Campanha e Sabará, mas também pelas províncias contíguas, em especial Rio de Janeiro, São Paulo e até a distante Pernambuco. Constatação disto é o fato de que suas matérias foram citadas por jornais dessas localidades, como O Farol Paulistano, O Tribuna do Povo, O Republico, Aurora Fluminense, Luz Brasileira, O Universal, O Popular.<sup>79</sup>

---

sustentação do “comércio político da cultura” que aqui se formava nesse período. Através de seus prelos e sua livraria disseminou entre o público leitor oitocentista as mais variadas obras de importantes intelectuais liberais, tais como: Benjamim Constant, François Guizot, Madame de Staël, José Bonifácio de Andrada e Silva, José da Silva Lisboa e Evaristo da Veiga. Ademais, foi o responsável pelo surgimento dos periódicos *Spectador Brasileiro* e *L' Independant- feuille de Commerce, Politique et Litteraire* e um dos fundadores do *Jornal do Commercio*. Ver: MOREL, Marco. Op. cit., p. 23-60.

<sup>77</sup> BUITONI, Dulcília H. Op. cit., p. 39.

<sup>78</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 30/11/1829, nº 1. Os nomes citados enquadram personalidades ligadas a facção dos liberais moderados no Rio de Janeiro e Minas Gerais, envolvidas com as atividades de colaboradores ou redatores de jornais, comércio de impressos, ensino e participação nas Sociedades Defensoras da Liberdade e Independência Nacional fundadas nas vilas mineiras e na Corte. JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher: lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832)**. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, 2008, Tese de doutorado, p. 82. A respeito da relação entre moderados e as Sociedades Defensoras, principalmente no Rio de Janeiro, VER BASILE, Marcello. Op. cit., capítulo III.

<sup>79</sup> FILHO, Luciano Mendes de Faria; NASCIMENTO, Cecília Vieira do; INÁCIO, Marcilaine Soares, JINZENJI, Mônica Yumi. Educar para civilizar. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ano XLIV, nº 1, jan-jun de 2008, p. 81.

Analizamos algumas pesquisas que atribuem à criação do *O Mentor das Brasileiras* como iniciativa de Baptista Caetano de Almeida<sup>80</sup>, sustentadas no fato de que sua impressão acontecia nos prelos da tipografia do *Astro de Minas*.<sup>81</sup> Entretanto, encontramos no próprio jornal uma indicação mais definida de que José Alcebíades Carneiro<sup>82</sup> encabeçava a elaboração do *O Mentor*. Entusiasmado com a abdicação de D. Pedro I, José Alcebíades rompeu o anonimato tão utilizado na época para o resguardo, sobretudo, de perseguições políticas. O pronunciamento ocorreu no número setenta e um do jornal com as seguintes palavras eufóricas:

Brasileiras! o vosso Mentor nao vem agora dar vos lições de boa conducta; hoje para vos he dia feriado; elle so vem congratular se com vosco repetindo com excessivo prazer Parabens, Parabens. Brasileiras, perdoai ao vosso Mentor hoje alguma falta de ligação de idéas; a sua alma està ainda perturbada pela alegria extraordinária, que occupa: deixai, que o vosso Mentor se desabafe, desabafai vos também; dai expansão ao vosso prazer, entregai vossos espiritos a hum doce, mais innocente contentamento. (...) Brasileiras, minhas queridas patricias aceitai os Parabens do vosso Mentor, a quem o jubilo obriga a declarar, que heo vosso patricio, e sincero respeitador de vossas virtudes o Cidadão

José Alcibíades Carneiro<sup>83</sup>

Mônica Jinzenji encontrou também no periódico o *Astro de Minas* (1827-1839) no ano de 1830 a declaração do mesmo assumindo seu papel de redator do *O Mentor das Brasileiras*

---

<sup>80</sup> Baptista Caetano de Almeida foi uma figura proeminente nas Minas Gerais do século XIX. Dedicou-se ao comércio, à esfera política (vereador da Câmara municipal de São João Del Rei, deputado da província mineira e juiz de fora), e ao mundo das letras. Iniciou a atividade da imprensa em São João del-Rei com a fundação da tipografia que originou o jornal *O Astro de Minas* (1827-1839) e elaborou o projeto concretizado da biblioteca pública dessa vila oferecendo a seus frequentadores obras clássicas e raras, mantida em funcionamento graças a seus constantes esforços. Ver: SILVA, Rodrigo Fialho. Op.cit. p. 69-77.

<sup>81</sup>Ver: CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. **A marcha da civilização**. As vilas oitocentistas de São João Del Rei e São José do Rio das Mortes – 1810/1844. Belo Horizonte: Programa Pós-Graduação da UFMG, 1998, Dissertação de Mestrado; CALSAVARA, Eliane de Lourdes. **Entre o discurso e a prática**: o ideário feminino na sociedade são-joanense (1829-1832). São João del-Rei: Programa Pós-Graduação da UFSJ, 2005, Monografia de Especialização em História de Minas, século XIX; SILVA, Rodrigo Fialho. **Por se voz pública**: intrigas, debates e pensamento político na imprensa mineira; Vila de São João d'el rei, 1827-1829. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2006, Dissertação de Mestrado.

<sup>82</sup> José Alcebíades Carneiro exerceu as profissões de advogado, curador geral e professor de latim em Baependi e em São João del-Rei. Nesta última vila, além da atividade de docente, envolveu-se com o periódico *Astro de Minas* enquanto colaborador; com a direção da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional e com cargos políticos: foi vereador da Câmara Municipal sajoanense e promotor público. Para maiores detalhes Ver: JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 93 e 94.

<sup>83</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del- Rei, 22/04/1831, nº 71.

quando se defendia de acusações proferidas pelo *Amigo da Verdade* referentes à negligência em seus deveres como um “servidor” da nação.<sup>84</sup>

Do periódico moderado de Pernambuco, *Espelho das Brasileiras*, poucas informações conseguimos angariar: foi um jornal de periodicidade bisemanal,<sup>85</sup> impresso na Tipografia Fidedigna com um total de quatro páginas e vendido na Rua das Flores no número dezoito sob os auspícios de Adolphe Garin.<sup>86</sup> Afirma-se que Nísia Floresta (1810-1885),<sup>87</sup> foi uma das colaboradoras desse periódico. Aliás, essa escritora contribuiu tanto para outros jornais nacionais (*O Diário do Rio de Janeiro*, *O Liberal*, *O Brasil Ilustrado*, *Jornal do Comércio* e *Correio Mercantil*) quanto estrangeiros em Portugal, Itália e França.<sup>88</sup>

Retornando ao Rio de Janeiro, no ano de 1832, temos os periódicos *A Mulher do Simplicio* ou *a Fluminense Exaltada* e *A Filha Unica da Mulher do Simplicio*, ambos pertencentes a “família” dos simplicios de variadas vertentes políticas.<sup>89</sup> O patriarca foi o jornal *O Simplicio* (1831- 1833) redigido por Antônio José do Amaral,<sup>90</sup> o mesmo redator, ao lado de José Joaquim Vieira Souto<sup>91</sup>, do periódico moderado *Astréa* (1826 – 1832).<sup>92</sup>

<sup>84</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 89.

<sup>85</sup> De acordo com informação do site da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>86</sup> Segundo pesquisas de Carlos Roberto Costa, o *Espelho das Brasileiras* teve ao todo trinta exemplares. Ver COSTA, Carlos Roberto **A Revista no Brasil, o século XIX**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP, 2007, Tese de Doutorado, p. 72.

<sup>87</sup> Nísia Floresta, pseudônimo da norte-rio-grandense Dionísia de Faria Rocha, foi escritora, abolicionista e educadora. A sua produção intelectual foi vasta, englobando crônicas, ensaios, novelas e poesias. Na Europa, onde residiu vinte e oito anos, sua erudição foi enriquecida na convivência com importantes intelectuais da época. Entre eles, temos Alexandre Herculano, Lamartine, Victor Hugo, Auguste Comte e Antônio Feliciano de Castilho. Duarte, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta: pioneira das letras e do feminismo nacional. In: AUAD, Sylvia V. A. Venturoli (org). **Mulher** – cinco séculos de desenvolvimento na América. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CRE/MG, 1999, p. 332, 334 e 338. Para detalhamento de algumas obras produzidas por Nísia Floresta entre as décadas de 1840 e 1850 Ver Duarte, Constância Lima. A ficção didática de Nísia Floresta. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FILHO, Luciano Mendes de Faria (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

<sup>88</sup> DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). **Escritoras Brasileiras do século XIX**. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, V. 1, p. 175 e 179.

<sup>89</sup> Além dos já citados temos: *O Simplicio da roça: jornal dos domingos* (1831-1832); *A verdadeira mãe do Simplicio ou a infeliz viuva peregrina* (1831); *A Simpliciasinha: jornal satírico e divertido* (1833); *O Simplicio às direitas, posto no mundo às avessas* (1833); *Novo Simplicio Poeta* (1840); *A filha do Simplicio: jornal poético, critico, litterario, jocoso, e ás vezes político dedicado ao bello sexo* (1848). BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionario bibliographico brasileiro**. Edição fac- similar. Rio de Janeiro: Editora Conselho Federal de Cultura, 1970, v.1, p. 208 e 209. Disponível em <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acesso em 22/05/2009.

<sup>90</sup> Antônio José do Amaral após a graduação em matemática na Universidade de Coimbra no ano de 1807 foi admitido no corpo de engenheiros do exército, inclusive alcançando a patente de major, e posteriormente assumiu a função de professor na escola Militar até o ano de 1836. No campo político atuou como deputado geral pelo Rio de Janeiro de 1830 a 1833. A posição de prestígio entre seus pares rendeu-lhe a indicação de tutor de D. Pedro II, mas mediante sua recusa tal cargo foi entregue ao não menos importante José Bonifácio. BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. **O Império em construção**: projetos de Brasil e ação política na

*A Mulher do Simplício* não obteve uma impressão regular, situação indicada por alguns números do jornal, mas de todos os jornais aqui destacados foi o que mais tempo circulou: foram impressos ao todo quarenta e cinco exemplares e um suplemento entre os anos de 1832 e 1846.<sup>93</sup> Nas quase duas décadas de atividades, a impressão de *A Mulher do Simplício* ficou a cargo de três tipografias – Typografia de Thomas B. Hunt & CA, Typografia de Lessa & Perreira e Typografia Imparcial de Brito - que puderam ser identificadas através de informações contidas em suas folhas. Cada exemplar tinha o custo de 80 réis e número de páginas variando entre 8 a mais de 30. Numerosas também foram as lojas incumbidas por sua venda: a do Tribuno<sup>94</sup> e as dos senhores Baptista, Paula Brito, Pierre Blancher, Laemmert<sup>95</sup> e Albino.<sup>96</sup>

*A Filha Unica da Mulher do Simplício* foi vendido pelo preço revezado de 40 a 80 réis devido, acreditamos nós, ao aumento do seu número de páginas, de quatro para oito, impressas igualmente na Typografia de Thomas B. Hunt & CA. Os locais de venda compreendiam as casas de Pierre Blancher e de Francisco de Paula Brito e Thomas. B. Hunt. Em função da escassez de exemplares encontrados não é possível determinar os limites de sua circulação e nem a periodicidade seguida. Sacramento Blake, em seu dicionário, definiu Antônio José do Amaral como o responsável pela impressão de *A Filha Única...*<sup>97</sup>

É interessante ressaltar que esses dois jornais, diferentemente dos demais analisados em nossa pesquisa, utilizaram da escrita em versos e criaram um discurso que deixava a entender que foram elaborados por mulheres. Por exemplo, na *A Filha Única da Mulher do Simplício* alguns textos foram assinados com o pseudônimo “Fluminense de Menor Idade” ou

Corte regencial. Rio de Janeiro: Programa de Pós- Graduação em História Social da UFRJ, Tese de Doutorado, 2004, p. 28.

<sup>91</sup> José Joaquim Vieira Souto estava ligado a Amaral tanto pela empreitada do *Astréa* quanto por laços familiares através do seu status de genro. Figura igualmente proeminente da época, tornou-se membro do conselho deliberativo da Sociedade Defensora da Corte e deputado geral pelo Rio de Janeiro em 1830, 1834 e 1837. Idem, ibidem.

<sup>92</sup> Idem.

<sup>93</sup> Idem, p. 145.

<sup>94</sup> É muito provável que *A Mulher do Simplício* esteja fazendo referência ao periódico *O Tribuno do Povo* de Francisco das Chagas de Oliveira França, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1830 e 1832. Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. Op.cit.,p. 135.

<sup>95</sup> Provenientes da Alemanha, os irmãos Eduardo e Henrique Laemmert foram personalidades importantes para a ampliação da cultura letrada do Brasil graças a atuação como livreiros e editores. De acordo com Sodré, a influente “casa Laemmert editou muitas obras de Direito, Medicina, Literatura, e autores como Machado de Assis, Said Ali, Valentim Magalhães, Coelho neto, Afonso Celso, as duas primeiras edições da *História do Brasil* de Varnhagem, as três primeiras de *Os sertões*, de Euclides da Cunha”. SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 237.

<sup>96</sup> O jornal por indicar apenas os primeiros nomes, ou sobrenomes, dificulta em alguns casos definir com clareza quem eram essas personagens, como é o caso da citação de “Baptista” e “Albino”.

<sup>97</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Op.cit., p. 209.

simplesmente com a indicação “Redactora”. Esse tipo de assinatura também foi encontrada na *A Mulher do Simplício*, assim como o termo “Authora”.

Os pesquisadores Maria Arisnete Moraes e Nelson Werneck Sodré afirmam que *A Mulher do Simplício* foi editada por Francisco de Paula Brito,<sup>98</sup> responsável posteriormente, nos anos de 1850, pela edição de *A Marmota*, jornal dedicado a “modas” e “variedades”, que no decorrer dos anos, até 1961, recebeu outros dois nomes: *A Marmota Fluminense* e *A Marmota na Corte*.<sup>99</sup> Em análise da *A Mulher do Simplício* encontramos textos assinados por Paula Brito como o soneto referente a maioridade de D. Pedro II<sup>100</sup> e um tributo de gratidão ao ministro e secretário do Estado de negócios da justiça, Paulino José Soares de Souza.<sup>101</sup> Isto nos leva a crer que, embora haja a possibilidade de mulheres estarem envolvidas realmente na criação desses jornais<sup>102</sup>, não é descartável a possibilidade de serem iniciativas masculinas como de Plancher<sup>103</sup>, de Paula Brito e de José Antônio do Amaral dentre outros nomes que surgem em referência aos locais de impressão, venda ou de supostos colaboradores.<sup>104</sup>

De uma suposta iniciativa feminina temos também o periódico caramuru *A Mineira no Rio de Janeiro, jornal político e litterário*. Encontramos quatro números impressos pela Typografia Fluminense de Brito e C. no ano de 1833 entre vinte e seis de julho e vinte e seis de agosto. Os exemplares com quatro páginas cada um, possuem a epígrafe *Inest sua gratia parvir / As pequenas coisas tem seu merito* e eram vendidos a 40 réis.

<sup>98</sup> Francisco de Paula Brito de uma origem humilde, mulato e tipógrafo, tornou-se proprietário de uma tipografia e livraria situadas na Corte, funcionário público e abolicionista. Manteve amizade e negócios com Evaristo da Veiga e Pierre Plancher. Este último o teve como empregado em seus prelos. Além de dedicar-se a impressão de jornais, incluindo a fundação do *Jornal do Commercio* ao lado de Plancher, empreendeu esforços na criação do Arquivo Nacional, na edição da revista *A Guanabara* e na elaboração de peças teatrais. Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 222 e 223.

<sup>99</sup> Para maiores detalhes Ver MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Op. cit., p. 38 e SODRÉ, Nelson Werneck. Op.cit.,p. 222.

<sup>100</sup> *A Mulher do Simplício*. Rio de Janeiro, 01/12/1840, nº 65.

<sup>101</sup> *A Mulher do Simplício*. Rio de Janeiro, 23/12/1841, nº 71.

<sup>102</sup> A participação feminina na imprensa periódica na década de 1830 não ficou restrita apenas como colaboradoras ou correspondentes. A gaúcha Maria Josefa Barreto, além de poetisa e educadora, foi considerada uma das primeiras jornalistas brasileiras por fundar os periódicos *Belona irada contra os sectários do Momo* (1833-1834) e, ao lado de Manuel dos Passos Figueroa, o *Idade d' Ouro, jornal político, agrícola e miscelanico* (1833- 1834), ambos partidários dos caramurus. MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Josefa Barreto. \_\_\_\_\_ (org). Op.cit., p.77. Em função da ausência de documentação e de referências bibliográficas detalhadas, preferimos não enquadrar *Belona* como pertencente à imprensa feminina do período.

<sup>103</sup> Lembremos também que no caso de Plancher ainda temos o detalhe de que na sua tipografia já havia ocorrido a impressão dos exemplares de *O Espelho Diamantino*.

<sup>104</sup> PALLARES-BURKE em análise da imprensa periódica setecentista no contexto europeu constatou que o anonimato exercido por muitos(as) escritores(as) também se dava pela prática da “mudança” de sexo, o que favorecia os atos de burlar adversários e conquistar a tolerância e um número cada vez mais expressivo de público leitor . PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. **Nísia Floresta, o carapuço e outros ensaios de tradução cultural**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 99 e 100.

Não obstante a esses periódicos distanciarem-se por força da localidade geográfica em que surgiram ou por posicionamentos políticos escolhidos, eles se uniram em favor do interesse maior que era instruir uma das partes considerada em suas opiniões a mais influente da sociedade, as mulheres. Por isso é recorrente encontrar em suas páginas referências a outros impressos em circulação na época e até mesmo a apropriação de artigos subtraídos das demais folhas para compor seus exemplares. Segundo Mônica Jinzenji, essas práticas, muito comuns no período oitocentista, ensejavam autorias relativas e uma intensa intertextualidade. Essa mesma autora, numa análise quantitativa do *O Mentor das Brasileiras* enumerou mais de quarenta periódicos utilizados na elaboração de seus exemplares, incluindo entre eles, *O Espelho Diamantino* e *A Mulher do Simplício*.<sup>105</sup>

A segunda metade do século XIX foi o palco para o surgimento de jornais elaborados por mulheres que, dependendo do posicionamento das editoras e das colaboradoras, podiam assumir um caráter feminista. Inúmeras são as publicações: em Recife surgiram em 1850 *A Esmeralda* e *O Jasmim*, e em 1875 *Myosotis*; no Rio de Janeiro surgiram em 1852 o *Jornal das Senhoras*, em 1862 *O Belo Sexo*, em 1874 *O Domingo* e *Jornal das Damas*; em Campanha, Minas Gerais, surgiu *O Sexo Feminino* em 1873; em São Paulo surgiram em 1888 *A Família* e em 1897 *A Mensageira*.<sup>106</sup>

Esses jornais tornaram-se espaços nos quais as mulheres oitocentistas puderam expor e compartilhar suas idéias. Os assuntos abordados englobavam, por exemplo, a importância de se educar bem o sexo feminino e a reivindicação de direitos (reconhecimento da capacidade intelectual da mulher, acesso ao trabalho, sufrágio feminino, legalidade do divórcio...).<sup>107</sup> A pesquisadora June Hahner salientou também que

<sup>105</sup> JINZENJI, Mônica Yumi Op. cit., p. 111.

<sup>106</sup> DUARTE, Constância Lima. A mulher e o jornalismo: contribuição para uma história da imprensa feminista. In: AUAD, Sylvia V. A. Venturoli (org). **Mulher** – cinco séculos de desenvolvimento na América. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CRE/MG, 1999, p. 424-426 e 429. De uma forma geral, este foi um profícuo momento para a imprensa feminina. A pesquisadora Maria Arisnete realizou um interessante levantamento na Fundação Biblioteca Nacional de jornais literários e de periódicos direcionados ao público feminino entre os anos de 1850 e 1900. Nesse levantamento temos: *Novo gabinete de Leitura* (1850); *Recreio do Belo Sexo* (1856); *A Violeta Fluminense* (1857), *Os Bons Exemplos* (1870); *Biblioteca das Senhoras* (1874); *Eco das Damas* (1879); *A Mulher* (1881); *O Beijo* (1881); *O Direito das Damas* (1882); *O Folhetim* (1883); *O Bandolim* (1889); *O Bisbilhoteiro* (1889); e *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1889). VER MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Op.cit., p. 30-31. Em nosso levantamento no site da mesma instituição encontramos os seguintes periódicos que podem ser acrescentados a esta lista: *A Borboleta* (Aracaju, 1859); *O Espelho das Belas* (1860); *A Primavera* (RJ, 1861), *A Marqueza do Norte* (PE, 1866), *Grinalda* (RS, 1871); *O Lírio* (CE, 1875), *O Leque* (SP, 1877) *A Estação* (1879), *A Mãe de Família* (RJ, 1879); *O Bond: jornal das moças* (CE, 1890) e *A Camélia* (Mar de Espanha, 1898). Disponível em: <[http://catalogos.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=periodicosraros\\_pr:periodicosraros](http://catalogos.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=periodicosraros_pr:periodicosraros)>. Acesso em: 24/09/2006.

<sup>107</sup> DUARTE, Constância Lima. Op.cit. p. 424, 425, 427 e 429.



Os jornais feministas como *O domingo* ou *O Sexo Feminino* não podiam contar apenas com defesas da maternidade ou os direitos e aptidões da mulher para manter a atenção e a lealdade de suas leitoras. Aquelas mulheres queriam conhecimento prático em áreas como saúde e cuidados domésticos, e apreciavam notícias de moda e teatro. Enquanto seus horizontes científicos podiam ser expandidos por artigos sobre locomotivas e agricultura em outros países, era-lhes dada também instrução de como matar mosquitos ou fazer essência de rosas. Os jornais feministas sentiam-se obrigados a oferecer tanto entretenimento quanto informação, apresentando quebra-cabeças em *O Sexo feminino*, e notícias de teatro, no *Echo Das damas*, assim como romances folhetins encontrados em todos os tipos de jornal [...]<sup>108</sup>

Contudo, nem todos os periódicos elaborados por mulheres nesse período possuíam um discurso “emancipador”. Um exemplo cabal é o periódico carioca *O Jornal das Senhoras* de 1852 editado, primeiramente, pela argentina Joana Paula Manso de Noronha. Esse jornal utilizou uma estratégia interessante para atingir seus objetivos: dirigiu seu discurso mais aos homens do que às mulheres uma vez que, na opinião de sua redatora, estas já possuíam a consciência de sua situação “inferior” na sociedade sustentada pelo “despotismo” masculino. Joana Paula desejava que os homens mudassem sua visão sobre as mulheres, normalmente relacionadas, segundo a editora, às noções de “propriedade” e “escrava”, ressaltando as qualidades femininas, principalmente na exaltação de seu papel de “mães dos filhos do Brasil”.<sup>109</sup>

De acordo com esse posicionamento era preciso conscientizar os homens da importância de educar e de respeitar as mulheres. A valorização da figura feminina em suas páginas se forjou, portanto, pelo seu papel de mãe e esposa e pela aproximação com a religiosidade, sobretudo evocando a imagem da Virgem Maria.<sup>110</sup> Em sua análise sobre esse jornal, June Hahner percebeu que existiram “apelos fervorosos [...] para que os homens vissem suas esposas como a personalidade central, em torno de quem todos os membros da família deveriam agrupar-se espiritualmente [...]”.<sup>111</sup>

A sucessora de Joana Paula foi a baiana Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Vellasco<sup>112</sup>, que além de ser anteriormente responsável pela seção de modas desse jornal, também traduzia comédias italianas e francesas e escrevia críticas de peças para o

<sup>108</sup> HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 58.

<sup>109</sup> Idem, 35 e 36.

<sup>110</sup> Idem, p. 34, 36 e 41.

<sup>111</sup> Idem, p. 38.

<sup>112</sup> Depois de um ano Violante foi substituída por Gervásia Nunezia Pires dos Santos que permaneceu no cargo de editora desse jornal até o fim de sua circulação em 1855. DUARTE, Constância Lima. Op. cit., p. 425. Para detalhes sobre a produção intelectual de Violante Atalipa Ver VASCONCELLOS, Eliane. Violante de Bivar e Velasco. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). Op. cit., p. 194-207.

Conservatório Dramático Brasileiro do Rio de Janeiro. No papel de editora do *O Jornal das Senhoras* ela enfatizou o discurso da “superioridade emocional da mulher e suas muitas qualidades espirituais pelas quais deveria ser venerada”.<sup>113</sup>

Essa editora também acentuou, à semelhança de Joana Paula, o valor da instrução feminina para o progresso social, convocando os homens para tal “dever moral”, pois, caso contrário, estariam colocando em risco a sociedade e suas existências (as mulheres eram consideradas as primeiras educadoras das crianças). Entretanto, uma maior educação feminina não deveria necessariamente resultar na busca de uma profissão e sim favorecer a sua moralidade e os seus deveres no lar. Novamente o exemplo mariano foi evocado, agora com mais intensidade, na composição de um ideal feminino que comungasse a mulher instruída e religiosa apta para cuidar do marido e dos filhos.<sup>114</sup>

Os jornais escritos por mulheres tiveram que “driblar” o preconceito da sociedade deixando bem claro em seus cabeçalhos e editoriais que não se constituíam em uma leitura nociva aos bons costumes e nem para a honra do público feminino.<sup>115</sup> Esse foi o caso do periódico *O Bello Sexo* do Rio de Janeiro que utilizou algumas estratégias para conquistar leitores:

[...] o cabeçalho de *Belo Sexo* anunciava aos seus leitores que aquele era um ‘periódico religioso, de instrução e recreio, noticioso e crítico moderado’. E as colaboradoras informavam que queriam ser vistas como membros úteis à sociedade, e que o lucro obtido com a venda do periódico seria destinado a Imperial Sociedade Amante da Instrução, uma instituição de caridade voltada para órfãos.<sup>116</sup>

Para as mulheres oitocentistas a expressão pela palavra escrita não era uma tarefa muito fácil. Joana Paula sentiu isso na pele enquanto editora de jornal e ao lidar com suas leitoras que, embora a felicitassem pela sua iniciativa de escrever um periódico para seu sexo, desejavam enquanto colaboradoras o anonimato. A editora Julia de Albuquerque Sandy de Aguiar do já citado jornal *O Bello Sexo* insistia que as colaboradoras assinassem seus artigos, mas deparava-se com a permanência das mesmas em não indicarem seus nomes completos.<sup>117</sup>

<sup>113</sup> HAHNER, June E.. Op.cit., p. 40 e 41.

<sup>114</sup> Idem, p. 41 e 57.

<sup>115</sup> DUARTE. Constância Lima. Op. cit., p. 424.

<sup>116</sup> Idem, p. 425.

<sup>117</sup> HAHNER, June E. Op.cit., p. 39 e 42.

No *O Jornal das Senhoras* encontramos o texto de uma leitora anônima que escreveu para o jornal no qual expunha o quão tortuoso podia ser a escrita para o seu sexo. Convidada pela redatora a ser colaboradora, assim descreveu sua ansiedade e seu medo:

Eu, pobre de mim, que bem sabeis o quanto sou estouvada e leviana, metida agora a escrever artigos, e, não é nada, artigos para serem publicados em letra redonda, coisa a que uma certa parenta minha tinha tanta aversão que lhe chamava – garatujas – é por certo horrível! Arrepiame os cabelos!

O que escreverei eu? [...]

Estou tremendo, suando e caindo de cansaço, como se tivesse caminhado a pé até a Tijuca, e por isso ainda não levantei da cadeira em que há boa meia hora estou sentada! Mas este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é senão o efeito da incompleta educação que recebemos tão cheia de festas ao fim do ano? Mas, que estou fora de ordem. Pois bem, então guardai segredo, que eu entro em ordem.<sup>118</sup>

A dificuldade feminina em escrever e publicar nesse momento estava relacionada com o discurso sobre a “natureza feminina” construído desde o século XVIII e que foi constante e persistentemente reforçado no século XIX. Segundo Godineau, esse discurso foi o resultado da situação ambígua em que viviam os homens ilustrados: ao mesmo tempo em que apregoavam a igualdade e o fim dos preconceitos, muitos defendiam a inferioridade feminina baseada em sua natureza específica.<sup>119</sup> Muitos filósofos como, por exemplo, Rousseau, Pierre Rossel e Diderot, acreditavam que a mulher era governada pelo seu sexo (o útero) enquanto o homem era comandado pela razão.<sup>120</sup> Esse discurso servindo de base para vários filósofos e médicos iluministas erigia uma nítida diferença entre os espaços de atuação de ambos os sexos: do homem esperava-se a interferência no espaço público e da mulher a dedicação ao espaço privado, representada pelo lar, pelo marido e pelos filhos, ou seja, longe dos cenários político e cultural.<sup>121</sup>

Embora as mulheres estivessem rodeadas por uma cultura e mentalidade que as limitavam ao espaço privado e a um jogo simbólico que se baseava em duas representações antagônicas - o “anjo do lar” e a “potência do mal” – algumas conseguiram expor suas idéias e vencer as dificuldades com a linguagem e com a auto-definição.<sup>122</sup>

<sup>118</sup> *O Jornal das Senhoras*, 1852, p. 2, apud MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Op.cit. p.70.

<sup>119</sup> GODINEAU, Dominique. A Mulher. In: VOLVELLE, Michel (org.) **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 315.

<sup>120</sup> Idem, p. 312 e 313.

<sup>121</sup> Idem, p. 315.

<sup>122</sup> TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 402 e 403.

Assim, gradualmente, as mulheres apresentaram seus dotes intelectuais. O romance constituiu-se num dos palcos preferenciais para nossas pioneiras literatas.<sup>123</sup> E não era só o “amor” que figurava em suas páginas, mas também idéias liberais, abolicionistas e feministas. A maranhense Maria Firmina dos Reis publicou em 1859 o seu romance *Úrsula* que, em meio às aventuras e desventuras do enlace amoroso de sua personagem de nome homônimo do romance e um bacharel em direito, discorreu “sobre o africano, sobre as relações de família e a posição da mulher branca.”<sup>124</sup> A gaúcha Maria Benedicta Bormann, mais conhecida pelo pseudônimo Délia, por sua vez deixou evidente em seus romances - *Aurélia* (1883); *Lésbia* (1890) e *Celeste* (1893) – temas como o direito das mulheres à liberdade, à profissão, e à afirmação da sexualidade.<sup>125</sup>

No âmbito da imprensa temos a mineira Francisca Senhorinha Motta Diniz. Editora do jornal *O Sexo Feminino* obteve grande êxito em sua empreitada, tendo entre seus assinantes figura ilustres como D. Pedro II e a princesa Isabel.<sup>126</sup> A sua intenção era questionar a falta de conhecimento e consciência das mulheres. Professava que a educação feminina seria a chave capaz de abrir os grilhões da subjugação feminina. Em seu discurso a mulher era tão capaz intelectualmente quanto o homem para aprender as ciências, as letras e as artes. Ela foi ainda mais longe ao defender a superioridade feminina para os cursos superiores como a física e a medicina e ao elencar o trabalho como um objetivo na vida da mulher na busca de independência.<sup>127</sup>

Outro caso digno de nota é o de Josefina Álvares de Azevedo, redatora do jornal *A Família*. O início de sua relação com a escrita também foi, como para suas contemporâneas, marcado pelo segredo e pelo medo. Cada linha escrita equivalia a sensação de deleitar-se com um “prazer proibido” sempre prestes a ser descoberto e condenado. Contudo, sua inserção pelo mundo público das letras, sobretudo das “letras redondas”, encontrou apoio em seu pai, Valentim José da Silveira (médico e professor) que, ao ler por acaso um verso da filha, a incentivou escrever o seu primeiro artigo para jornal.<sup>128</sup> A partir de então não abandonou mais os caminhos da escrita, tornando-se jornalista, cronista e romancista.<sup>129</sup>

<sup>123</sup> Ver SALES, Germana Maria Araújo. Mulheres entre linhas: coser, ler e escrever. In: **Duc in Atum**: revista de ciência e conhecimento. Revista da faculdade de Filosofia e letras Santa Marcelina. (FAFISM). v. 3, n 1, 2003. Nesse artigo encontramos uma pequena cronologia estabelecida pela autora da produção feminina em prosa no século XIX.

<sup>124</sup> TELLES, Norma. Op.cit., p. 413 e 414.

<sup>125</sup> Idem, p. 431 e 434.

<sup>126</sup> HAHNER, June E. Op. cit., p. 55 e 56.

<sup>127</sup> Idem, p. 54 e 55.

<sup>128</sup> MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Op. cit., p. 81.

<sup>129</sup> TELLES, Norma. Op. cit., p. 435.

Josefina Álvares é considerada uma das mais fervorosas defensoras oitocentistas dos direitos femininos. O seu discurso era voltado para a total emancipação feminina e para o fim do “despotismo” masculino. Em sua opinião, a educação do sexo feminino estava associada ao progresso da nação e à satisfação e benefício pessoal da mulher. No afã de transformar e valorizar a condição feminina na mentalidade da época, Josefina publicou o livro *Galleria Ilustre (Mulheres Célebres)* pela tipografia *A Vapor* em 1897<sup>130</sup>, cujas páginas elencavam exemplos de mulheres atuantes no meio social em diversas civilizações e épocas que poderiam servir como elemento de inspiração para suas contemporâneas: “Não apenas rainhas e figuras políticas, de Joana D’ Arc a Isabel de Espanha, mas também mulheres respeitáveis, como Cleópatra e George Sandi, serviram como ‘heroínas’”.<sup>131</sup>

Com esses apontamentos fica claro que a imprensa periódica oitocentista, de uma maneira geral, foi um dos meios possibilitadores da politização do cotidiano feminino, como ficou demonstrado a partir de sua inserção nos debates políticos e de direitos da época. Ademais, transformou-se no veículo pelo qual as mulheres conseguiram se expressar, construir seus pontos de vista e suas representações sobre si mesmas, tornando sua “fala” pública e, em alguns casos, mobilizadora.

### 2.3 Em defesa da educação do belo sexo

No Brasil, durante o período colonial, predominou o desinteresse pela efetivação da instrução feminina, sendo essa praticamente inexistente até mesmo para as mulheres brancas e de posses.<sup>132</sup> Os esforços educacionais visavam prioritariamente a instrução dos meninos, futuros religiosos ou leigos instruídos, através da responsabilidade delegada aos jesuítas que em meio a salvação de tantas almas, ou mesmo em função desta, encontrou tempo para erigir escolas e seminários. Entretanto, não só os jesuítas estiveram a frente de tal iniciativa, sendo

---

<sup>130</sup> HAHNER, June E. Op. cit., p. 62-64.

<sup>131</sup> Idem, p. 64.

<sup>132</sup> Contudo, existiram alguns casos de famílias ricas que enviavam suas filhas para a metrópole portuguesa visando sua instrução. Esse foi o destino de Tereza Margarida da Silva Orta, autora do romance intitulado *Aventuras de Diófanes* (1752), que foi enviada a Portugal para adquirir conhecimentos de música, artes, literatura e astronomia entre os muros do Convento de Trinas. RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FILHO, Luciano Mendes de Faria.(orgs) Op. cit., p. 79 e 87.

comum [...] as escolas vinculadas às ordens dos beneditinos, dos franciscanos e dos carmelitas [...]”.<sup>133</sup>

Em face das inúmeras dificuldades encontradas, os pais sequiosos de oferecer uma educação sólida para suas crianças optaram por continuar a adotar formas alternativas de ensino. A prática mais comum foi a alfabetização e instrução feita por professores particulares que, além da instrução das “primeiras letras”, também poderiam oferecer saberes de ofício, alguns inclusive com a atuação feminina.<sup>134</sup>

As “escolas” funcionavam em locais improvisados - residências dos docentes, nas fazendas ou em outros espaços inadequados - e as aulas eram ministradas através do método individual que reinava entre a instrução doméstica. Esse método baseava-se na atenção individual que o professor dedicava a cada um dos alunos de sua turma, o que na prática trazia sérios problemas para o ensino aprendizagem, tais como: ausência quase que constante de contato direto com o aluno, perda demasiada de tempo no processo de ensino e indisciplina.<sup>135</sup>

Em consequência, as primeiras décadas do século XIX foram palco para as inúmeras queixas sobre a fragilidade da educação em nossa sociedade. Muitas vezes ecoaram proclamando a relevância de melhorias do sistema educacional na estruturação de um país moderno e civilizado.<sup>136</sup> No interior dessa preocupação mais geral, as discussões sobre a educação feminina ganharam destaque vinculadas ao desejo de formar verdadeiros cidadãos para uma nação que se construía. Assim, os homens ilustrados da época – entre eles inúmeras personalidades da política, da imprensa, da Igreja e da medicina – dedicaram sua atenção na estruturação de escritos que objetivavam auxiliar a instrução feminina.<sup>137</sup>

A imprensa feminina nasceu nesse processo geral com o intuito de inserir as mulheres nos debates sobre a política, a moralidade e a educação que mobilizavam a sociedade brasileira no início do século XIX. Os periódicos que pertenciam a essa parte específica da imprensa se tornaram, portanto, os porta-vozes de um emaranhado novas idéias, padrões comportamentais, hábitos e valores que surgiam, auxiliando no bom encaminhamento de suas interlocutoras em seus posicionamentos políticos e culturais.

---

<sup>133</sup> VILLALTA, Luis Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. (orga). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 347.

<sup>134</sup> Idem. p. 357.

<sup>135</sup> FARIA, Luciano Mendes de. Op. cit., p. 140.

<sup>136</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). Op. cit., p. 443.

<sup>137</sup> REIS, Adriana Dantas. **Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX**. Salvador: FCJA, Centro de estudos Baianos da UFBA, 2000, p. 202.

Essa iniciativa por parte dos redatores oitocentistas ensejou polêmicas na época. Nas páginas dos jornais analisados em nossa pesquisa encontramos algumas “vozes” que nos permitem ouvir os discursos de louvores, de críticas e de resistência a intenção deles em se direcionar especificamente ao público feminino de então. Lendo *O Mentor das Brasileiras* deparamo-nos com as palavras gentis e agradecidas de *A Brasileira Constitucional* pela iniciativa do periódico em dialogar com o sexo feminino na busca de imprimir-lhe conhecimentos adequados para sua atuação na sociedade.

Parabens a minha Patria pela apparição da nova folha dedicada ao meo sexo!! Esta grande e interessante porção da sociedade he tambem destinada a preencher deveres, que nao sao inferiores aos dos homens.

[...]

Sim, Srs. Redatores, he na obscuridade das casas que se formao esses heroes de character extraordinario, esses genios sublimes, que fazem o esplendor, e felicidade dos Imperios. He pelo habito de obedecer como filho, que e aprende com súbdito; he pelo habito de amar os seos irmãos e parentes, que se aprende a amar os seos concidadãos.

Portanto, eu conluo esta minha mal arranjada correspondencia agradecendo da minha parte a VV.mm. o trabalho que tomao de transmitir a meo sexo conhecimentos de que possa utilizar-se para bem desempenhar seos nao pequenos deveres.<sup>138</sup>

*A Mulher do Simplício* também foi agraciada com elogios por seus esforços em defender as mulheres e auxiliá-las no caminho da “verdade” e da “virtude”. A responsável pelos elogios, Delfina Benigna da Cunha,<sup>139</sup> em nome de todas as suas congêneres, transformou em versos o agradecimento ao jornal.

Tu que a defesa tomaste  
Do meo sexo infeliz  
Manifestando o alto dom  
Com que o ceo brindar-te quis  
[...]

<sup>138</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 30/12/1829, nº 5.

<sup>139</sup> Delfina Benigna da Cunha (1791-1857) nascida em São José do Norte (RS), cujo pai era o capitão-mor Joaquim Francisco da Cunha Sá e Menezes, teve sua vida marcada pela prematura cegueira, aproximadamente com dois anos de idade, provocada por um surto de varíola que assolou sua terra natal. Contudo, emaranhou-se pelo trilho de uma sólida formação intelectual e literária, alcançando reconhecimento e estima. Após a morte dos pais, Delfina conseguiu manter-se através de uma pensão anual concedida por D. Pedro I e por outras ajudas conseguidas com amigos na Corte (entre essas amigas estava Beatriz Francisca de Assis Brandão). As suas poesias gravitam tematicamente entre o arcadismo e uma tendência romântica. Havia também as poesias de cunho político (antifarroupilha) e as laudatórias dedicadas as pessoas pelas quais devotava gratidão devido a muitos auxílios recebidos. SCHMIDT, Rita Terezinha. Delfina Benigna da Cunha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). Op. cit., p. 119, 120 e 123.

Recebe homenagens puras  
 Que por fim fiéis te rendem  
 Aquellas que defendeste,  
 Aquellas que os mais offendem.

Minhas ternas companheiras,  
 De gratidão possuídas,  
 Bem dizem, louvão teu nome,  
 Exclamando agradecidas: -

Prasa o ceo, que venturozos  
 Sejam sempre os dias teos!  
 Estes são os votos d'ellas,  
 São estes os votos meos.<sup>140</sup>

Em relação aos percalços encontrados pelos pioneiros redatores desse tipo de imprensa encontramos um trecho do periódico baiano *Despertador das Brasileiras* transcrito no *O Mentor das Brasileiras* enfatizando tal questão: “Nos bem sabemos, que temos de nao agradar a muitos homens [...]: temos por vezes observado, que defender mulheres tem sido o mesmo que offender a quase todos os homens.”<sup>141</sup> Por sua vez, o redator de *O Espelho Diamantino*, teve que rebater crítica por crítica recebida de um “Correspondente incognito” insatisfeito com o andamento dos assuntos abordados pelo periódico. Separamos alguns trechos para exemplificar sua autodefesa:

Entre as vossas reprehensões, alguãs ha, que ao meu ver me encontrão innocente, e talvez que, por pouca attenção ao meu prospecto, tendes esperado mundos e fundos, quando apenas prometti noções elementares, para a porção menos illuminada de hum publico, cujas luzes estão ainda bastante fracas.

[...]

Vos ralhais comigo por eu não ter apresentado nada sobre os costumes, porem, Caro Correspondente, hum bocadinho de paciencia, já o 4º Folhete offerece destes ensaios que pedis. [...] Que seria de hum jornalista que tendo esgotado sua pasta desd' os primeiros numeros, não brindaria os seus leitores senão com traducções e translações! [...]

Vos requisitais de mim hum bocadinho de malicia, e a esta condição vos dais por fiador de 500 assignantes, porem eu malicioso?... isto não pode ser, vede meu prospecto; além de que tenho o gênio tão dócil!.....<sup>142</sup>.

<sup>140</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 22/12/1838, nº 60.

<sup>141</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 29/10/1830, nº 48.

<sup>142</sup> *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, 15/11/1827, nº 5.



*O Mentor das Brasileiras* e *O Espelho Diamantino* escolheram a mesma estratégia para demonstrar a insatisfação que o novo empreendimento de disseminar as luzes e os valores liberais para o sexo feminino estava causando na parcela da população ainda defensora de hábitos e valores tradicionais. Ambos apresentaram as suas leitoras o texto intitulado *O Ginja*, repleto de indicações das resistências encontradas por seus posicionamentos.

Diferenças à parte em relação à exposição da idéias, podemos afirmar em linhas gerais que o texto trata de uma suposta conversa entre um velho, o ginja, e um rapaz, que tudo leva a crer representar os respectivos redatores dos dois jornais. O velho foi apresentado como uma figura detestável física e moralmente; opressor de sua mulher e de suas filhas; e inimigo ardente das transformações políticas e culturais iniciadas nesse período. No *O Espelho Diamantino* lemos o seguinte diálogo entre o velho e o narrador da história iniciado quando o primeiro depara-se com o prospecto do jornal:

[...] e agora, continuou ele [o ginja] suspirando, querem ensinar as Senhoras a Política, as Bellas Artes, a Litteratura e não sei que diabolicas sciencias mais.....ellas também vão ter o seu Periodico particular, ellas – eu interrompi o declamador – Permitta-me que lhe lhe diga que o mesmo Autor dá boas, e convicentes razões para justificar a sua empreza . – boas razões! Convicentes razões! Gritou o ginja,..... Ah meu filho [...] queiro pois o precaver contra todas as invenções, e ameliorações modernas, como são constituições, liberdade do Commercio, e da Imprensa, barcos de vapor, e educação das Senhoras; [...]<sup>143</sup>

O velho ginja, no ato de vangloriar-se pela utilização de métodos antigos no tratamento com as mulheres de sua casa (aprisionando e mantendo na ignorância), recebeu uma surpresa: a notícia da fuga de uma de suas filhas. Fuga orquestrada por uma comadre em benefício do sobrinho “tafulão” ambicionado há muito em desposar uma das ricas e inocentes filhas do ginja.<sup>144</sup>

O artigo, no fim das contas, fortalecia a idéia da importância da instrução feminina para a manutenção dos bons costumes, capaz de evitar a desonra de muitas famílias provenientes do despreparo das mulheres diante dos perigos que lhes espreitavam constantemente. Para *O Mentor das Brasileiras*, na sua conclusão do texto, existiam dois tipos de mulheres, as “tolas”, representando as mulheres não instruídas, e as “espertas”, representando as bem instruídas, e a cada uma cabia um determinado destino.

<sup>143</sup> *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, 1º/11/1827, nº 4.

<sup>144</sup> *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, 07/12/1827, nº 6.

[...] aquellas por tolas estavão mais aptas para serem sedusidas por qualquer espertalhão, e estas por espertas não se deixão illudir tao facilmente; aquellas so podiao servir para instrumento lubrico de hum marido grosseiro, selvagem, e estas com seos conhecimentos podem tornar mais doces os laços conjugaes, e enterter o seos maridos com os encantos de seos talento [...].<sup>145</sup>

A imprensa feminina não se intimidou com as resistências e as críticas dos seus contemporâneos. Muito pelo contrário, arregaçou as mangas para bem instruir e informar o público feminino oitocentista. Conscientes da significância de suas atividades estavam dispostos a incentivar os seus pares e a conclamar outros a se empenharem em tão ilustre fim. Nesse sentido, foram aplaudidos pelo *O Mentor das Brasileiras* o surgimento do periódico *O Manual das Brasileiras* da província de São Paulo e o já citado *Despertador das Brasileiras* impresso na Bahia.<sup>146</sup> Em suas palavras,

Era já tempo das Senhoras merecerem algum cuidado da sociedade a que pertencem, e via que já vao apparecendo os vehiculos de sua instrucção, e me breve veremos este mesmo sexo, de quem os nossos antepassados formavão huma idéa assaz aviltante, conseguir a palma nas sciencias, e nas artes; de se lhe expansão a seo genio estudioso, nao se prendão supersticiosamente as suas faculdades intellectuais, que as Senhoras poderao ainda por seos talentos coadjuvar a causa da Patria, e entao os homens (se alguns houverem de tal character) se cobrirão de pejo por terem sido traidores aos direitos de seos Concidadaos.<sup>147</sup>

Impregnado de tais interesses o periódico *O Espelho Diamantino*, por exemplo, ressaltava os “merecimentos das mulheres” no espaço social, estas que tanto obravam, nos limites devidos, para o bem dos seus e da Pátria.

[...] se a companheira do homem inda selvagem, cultiva as terras, carrega os fardos, orna e tinge o corpo do consorte, não deixando de lhe dar conselhos para a guerra, para a paz, e para a caça, a esposa do homem civilisado, não satisfeita com o tomar sobre si todo o peso do governo interior da família, e estes inumeráveis trabalhos que a industria tem tornado indispensáveis para as commodidades, e regalos da vida, está também pronta para repartir os cuidados dos marido involvida nos lances e tormentas dos negócios privados, ou publicos, a sugerir-lhe expedientes mais delicados, e apropriados do que as suas mais internas meditações, a sustentar seu animo na adversidade, a inclina-lo á moderação e suaves sentimentos, quando o orgulho dos sucessos lhe inspiraria egoismo, ou insolencia.<sup>148</sup>

<sup>145</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/04/1830, nº 22.

<sup>146</sup> Em nossa pesquisa arquivística não encontramos nenhum exemplar desses dois periódicos.

<sup>147</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 15/02/1830, nº 12.

<sup>148</sup> *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, Prospecto, s/ data.

Por muito tempo, relatava o jornal, durante o “servilismo colonial”, o sexo feminino não encontrou meios necessários para o seu desenvolvimento, mas nos novos tempos que se iniciavam os “costumes mouristicos” que o escondiam precisavam cair por terra para permitir o deslumbrar de sua “gentil disposição para os sentimentos generosos, o amor da pátria, a cultura das artes, e o preenchimento de todos os deveres”. Mantê-lo na estupidez era um erro comprovado pelas descuidadas nações que relegavam à mulher uma condição inferior e, por isso, “tem cahido no maior abrutecimento, e relaxação moral”. E alertava: “Tais verdades, tão antigas como a raça dos filhos de Eva não são hoje desconhecidas por nação alguma da Europa, e lá as sciencias, artes, e novidades estão ao alcance do bello sexo, até em obras, aulas e periodicos privativos dellas [...]”<sup>149</sup>

Na província de Minas Gerais *O Mentor das Brasileiras* seguia os passos do *Espelho Diamantino*.<sup>150</sup> Acreditando que o Brasil jamais estaria entre as “Nações civilizadas” se as mulheres permanecessem desprezadas e na escuridão da ignorância, defendia a instrução do sexo feminino pela ciência e pela moralidade. Entretanto, essa educação não precisaria transformá-las em “Doutoras” e sim estar “entre a ignorancia e o saber profundo [...] que serve para melhorar o coração, para ornar a carreira da vida, e para preencher mais racionalmente da tarefa de qualquer encargo, ou dever.”<sup>151</sup> Em consequência, autoproclamou-se seu civilizador, como bem demonstra a epígrafe – *Rendez-vous estimables pour votre sagesse, et vous moeurs*<sup>152</sup> – e o prospecto do jornal:

As senhoras pelos deveres, que lhe são inherentes fazem o fundamento principal da sociedade humana, e por isso são dignas de uma instrução mais sólida, e capaz de promover o bem geral de huma Nação.

He pois para dar maior expansão ao gênio, que tanto se desenvolve nesta alma da sociedade [...] que tomamos a árdua, mas interessante tarefa de redigir esta folha, dedicada somente às estudiosas Brasileiras, que algum dia serão collocadas à par, e talvez acima das heroínas tão celebradas nas outras Nações civilizadas.<sup>153</sup>

Supostas reflexões femininas fizeram eco nas páginas dos jornais muitas vezes ajudando a consolidar os discursos que as tinha como objeto através da corroboração das

<sup>149</sup> Idem.

<sup>150</sup> Acreditamos que *O Mentor das Brasileiras* tinha como base as propostas encontradas no *O Espelho Diamantino* na sua empreitada em dialogar com o público feminino. A semelhança entre as propostas de como instruir e entreter o sexo feminino fica patente ao analisarmos detalhadamente os prospectos de ambos os jornais. Fato que pode ser comprovado também pela transcrição de textos do *Espelho Diamantino* em suas páginas.

<sup>151</sup> Retirado da *Aurora*, no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 19/11/1830, nº 51.

<sup>152</sup> “Tornem-se estimáveis por vossa sabedoria, e vossos costumes.”

<sup>153</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 30/11/1829, nº 1.

idéias difundidas pelos redatores. Assim, no *O Mentor das Brasileiras*, temos a correspondente identificada pelo pseudônimo *A Crenda de Minerva*, entusiasmada com a defesa da inserção das mulheres nos campos das artes e das ciências. Defesa que seguiu os rumos não de um benefício próprio, mas sim pela relação entre o desenvolvimento intelectual e material do um país e a condição feminina aí estabelecida, donde se presumia que o progresso social também dependia da educação conferida à mulher.

Porque pois se deixaria o bello sexo vegetar na mais crassa, e vergonhosa ignorancia? Os que pensão assim podem deixar de querer, que as Senhoras se vejam reduzidas perpetuamente aos rigores de huma escravidão civil, ou moral, ou pelo menos desejão a opressão, e tyrannia de sua Patria; porque nos Paizes onde ellas são felizes, se vê nascer o gosto, a elegancia, o commercio, e a liberdade. Conta-se que as cidades mais famosas da antiguidade erão mais consideradas, como Athenas e Arcádia, onde ellas reinarão pelo império das graças, da innocencia, e do amor.<sup>154</sup>

Com semelhante linha de raciocínio, encontramos no mesmo jornal a transcrição de uma carta escrita por uma senhora de Buenos Aires enviada de Londres para sua irmã, traduzida por um militar brasileiro não identificado.<sup>155</sup> Segundo o texto, a suposta viajante enlevada pelas maravilhas da sociedade européia teve seu espírito tomado pelo desejo de realizar uma obrigação nobre: aproveitar a estadia nesse continente para estudar o estado em que se encontrava a condição feminina e utilizar as lições adquiridas na instrução de suas filhas.<sup>156</sup>

Esse objetivo foi concretizado por um esforço investigativo que no seu texto é demonstrado no relato dos meios pelos quais ela adquiriu “hum cabedal de ideais e principios” sensatos (recolhimento de exemplos, acumulação de experiências, registros do cotidiano, visitas a estabelecimentos escolares e erudição adquirida em livros).<sup>157</sup>

No geral, os estudos da viajante latina abarcavam a degradação social de algumas civilizações relacionando-a à negligência e à opressão com que eram tratadas as mulheres. Nesse caso, baseando-se na diferença climática como fator explicativo, ressaltava as diferenças de tratamento e o local ocupado pelas mulheres em distintas sociedades e indicava,

<sup>154</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 04/06/1830, nº 27.

<sup>155</sup> *O Mentor das Brasileiras*, na realidade, transcreveu a Carta I da obra *Cartas sobre a educação das meninas* de autoria indeterminada. Esse livro obteve notoriedade no século XIX em grande parte da América Latina, sobretudo nas escolas. Em uma edição do livro datada de 1838, José Alcebíades Carneiro estava na lista dos subscritores. JINZENJI, Mônica Yumi Op. cit., p. 201 e 202.

<sup>156</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 17/12/1830, nº 55.

<sup>157</sup> Idem.

a partir de cada realidade instituída, os únicos dois destinos que uma sociedade podia seguir, a “fraqueza” ou a fortuna moral.

He certo que o bello sexo nao he nos paizes meridionaes, o que he nos do norte, e que basta passar os Alpes, os Pirineos, e o golfo de Biscaia para começar a ver o contraste mais extraordinario na sorte desta preciosa metade do genero humano. Na Espanha, na Italia, e em Portugal, so se olhão as mulheres como objectos d’huma paixão terrivel em seos effeitos, que tão imperiosamente domina nos climas favorecidos pela natureza. Na Allemanha, França, e Inglaterra, as mulheres tem amisade ao homem, são cooperadoras de seos trabalhos participantes da sua sorte, e reguladoras, ou antes magistrados da familia.<sup>158</sup>

Através de seu discurso percebemos a concepção de que a mulher, por seus deveres ditos inerentes ao interior doméstico, tornava-se a engrenagem essencial para pôr em marcha a civilização e os bons costumes. Logo era necessário redimensionar sua posição social para o bem geral da humanidade e para alcançar sua dignidade merecedora. O tom patriótico inundou as últimas linhas do seu texto de puro teor formativo, de consciências e de comportamentos femininos, auxiliando a autora na indicação da valorosa e ampla missão feminina.

Eu quizera que nossas amadas compatriotas dessem fim à revolução que experimentarão esses paizes, introduzindo na ordem moral huma completa innovação analoga à que tem soffrido a ordem publica. Nao d’outra maneira poderão cimentar as virtudes publicas, cujas raizes devem de fecundar no centro das domesticas; igualmente deste modo so poderão os Povos da America correr dignamente a immensa carreira da prosperidade, que foi lhes traçada pela mao da Providencia.<sup>159</sup>

Na opinião do *O Mentor das Brasileiras*, a costumeira educação destinada ao sexo feminino – “ensino de costura, dança, pianno, e primeiras letras” – era insuficiente para formar adequadamente o “espírito das mulheres” considerado “tão apto como o do homem para outros estudos”.<sup>160</sup> Mas nem por isso defendeu uma estrita equivalência entre os estudos competentes a homens e mulheres, uma vez que tal situação “seria demasiada

<sup>158</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 24/12/1830, nº 56.

<sup>159</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 07/01/1831, nº 57.

<sup>160</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 18/02/1831, nº 63.

impertinência”.<sup>161</sup> Através do pensamento de M. Suzzane, retirado de um extrato do periódico *A Aurora*, entendemos o porquê da impertinência:

Os principios geraes e muitos principios particulares da educação dos rapazes (diz elle) sao applicaveis à educação das raparigas. Comtudo esta applicação carece muitas modificações, necessitadas pela diferença do sexo, e dos fins que tem a desempenhar os homens e as mulheres na ordem domestica, e social. He pois indispensavel para achar essas modificações, apreciar bem estas diferenças, e especialmente o destino que a natureza, e a sociedade derao aos dous Entes que occupao o primeiro lugar na ordem da criação.<sup>162</sup>

O seu desejo consistia que na prática as famílias ampliassem um pouco mais o leque de possibilidades de conhecimentos destinados as mulheres para desenvolver seus “genios” sem, contudo, atrapalhar os saberes imprescindíveis ao seu sexo para exercer satisfatoriamente as suas atividades domésticas e patrióticas. Nesse leque de novas possibilidades foram citados como exemplos os estudos da língua francesa e conhecimentos de geografia e de história.<sup>163</sup>

Em defesa do primeiro, *O Mentor das Brasileiras* destacava o caráter de língua universal e a associação entre o “delite” e a “instrução” que encontrariam os espíritos femininos. Já os dois últimos, no geral, favoreceriam igualmente o conhecimento do belo sexo sobre a pátria a qual pertencia e, no particular, referindo-se especificamente a história, possibilitaria estabelecer argumentos a favor de sua capacidade e de seu respeito, assim como aprimorar seus préstimos ao Império do Brasil no tocante a formação dos verdadeiros cidadãos.<sup>164</sup>

Para o periódico mineiro as mulheres constituíam-se na “preciosa parte da raça humana, onde se encontra as graças, o espirito, a vivacidade e a delicadesa.”<sup>165</sup> Nesse sentido, enfatizava a importância de mudar a visão que os homens possuíam de suas “Senhoras” – a de mero “instrumento lubrico de seos praseres secretos”<sup>166</sup> – para o bem da família e da nação. Essa valorização da mulher não visava sua “emancipação: apenas reafirmava a atuação feminina no âmbito privado enquanto mãe e esposa. Nas páginas do

---

<sup>161</sup> Idem.

<sup>162</sup> Retirado da *A Aurora* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/05/1830, nº 24.

<sup>163</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 18/02/1831, nº 63.

<sup>164</sup> Idem.

<sup>165</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 30/11/1829, nº 1.

<sup>166</sup> Idem.

jornal ficou inquestionável a distinção, entendida como algo “natural”, dos espaços e funções destinados aos dois sexos. É o que percebemos no texto já citado de M. Suzane transcrito no número vinte e quatro desse jornal e repetido identicamente no número trinta por ocasião da difusão do discurso proclamado pela professora Jacinta C. Meirelles em exame público de suas alunas.

Se na ordem social, a mulher nao representa papel algum aparente, se a administração das transacções particulares, os empregos e funcções publicas, a segurança e direitos dos Cidadãos: em fim se a defeza e os mais elevados interesses da Patria são confiados a sagacidade, luzes, e coragem do homem [...] As suas obrigações reduzem se especialmente a vigiar na educaçao de seos filhos, e no governo domestico, a ajudar seos maridos [...] a concorrer para o bem da familia por sua terna solitudine, bom senso, rasão, paciencia, coragem, em fim por huma conducta judiciousa, e adhesao sem limites.<sup>167</sup>

Contudo, o completo afastamento da mulher dos “negócios públicos” não era algo benquisto. Na realidade foi considerado como resultado do aviltamento sofrido por força de homens opressores interessados em propagar sua inferioridade em favor do obscurecimento da inquestionável superioridade feminina sobre o sexo oposto. A suposta fraqueza dos seus “talentos”, portanto, ficava relacionada ao desprezo dado a sua educação: “Confessamos que temos errado muito nessa parte, e que preciso he emendar a mão a fim de que com a nossa obstinação nao façamos a desgraça de nossos semelhantes”.<sup>168</sup>

Através desse discurso percebemos a intenção clara de disseminar a capacidade feminina de servir a pátria. A sua maior glória, nesse aspecto, residia em dar ao Império filhos educados na boa moral e no verdadeiro patriotismo, os quais formariam os “esquadrões” combatentes pelo ideal da liberdade e pela proteção da nação.<sup>169</sup>

*O Espelho Diamantino* também considerava a política um dos assuntos que merecia figurar em seu “destino de promover a instrução e entretenimento do bello sexo desta Corte apresentando-lhe as noticias e novidades mais dignas de sua atenção”.<sup>170</sup> Para esse jornal inserir as mulheres nas noticias e reflexões do mundo dos negócios públicos visava apenas enquadrá-las em um ambiente no qual atuaria como mediadora para apaziguar os ânimos ou como auxiliadora nos momentos de crise. Dessa maneira, a política oferecida para as

<sup>167</sup>Retirado d’ *A Aurora* n’ *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/05/1830, n° 24.

<sup>168</sup>Retirado do *Tribuno do Povo* n’ *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 04/03/1831, n° 65

<sup>169</sup>Idem.

<sup>170</sup>*O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, Prospecto, s/ data.

mulheres passaria por uma adaptação em nome do público específico para o qual se direcionava. É o que deduzimos de suas seguintes palavras:

Nossa política se mostrará indulgente, e conciliadora, como as amáveis pessoas as quais destinamos. A mulher mais dócil às inspirações da natureza, mais semelhantes a si mesma nas circunstâncias extremosas, de que o homem, menos feroz que o republicano; menos vil de que o escravo dos tyrannos, aparece em todas as revoluções como hum anjo tutelar, sempre pronta a intervir, sempre pronta a moderar o fogo da vingança como balsamo da generosidade.<sup>171</sup>

Apesar dessa intenção primeira, *O Espelho Diamantino* em seu número dois, na sessão *Política*, posteriormente subdividida em *Noticias Politicas* e *Negócios Nacionaes*, comunicava que tinha sofrido críticas de um “Amigo” por apresentar artigos em estilo muito metafísico e abstrato para o sexo feminino. O jornal, claro, defendeu sua posição com a argumentação de que as mulheres por “agudeza natural do seu gênio nunca desgostara das refinações de metaphysica, ética e religiosa, e que agora a política estando de moda, suas mais delicadas abstrações tornar-se-hião um jogo para os cérebros Feminis”.<sup>172</sup> Além disso, no número seguinte, lembrava que as lições e notícias políticas faziam parte de uma instrução desejável para o sexo feminino para que quando estivesse nas “carreiras” do matrimônio e da maternidade possuíssem condições “para dirigir a educação dos filhos e ideiar ocupações, perigos e deveres da carreira que os esposos e filhos são chamados a seguir.”<sup>173</sup>

Confiante no seu “bello auditório” o jornal continuava oferecendo uma profusão de artigos que englobavam desde a explicação de conceitos (sistema constitucional, corpo social, nação, soberania...) até as questões mais pungentes da época (agitações políticas na Europa, atividades da câmara dos deputados, Guerra da Cisplatina, crise econômica...).

O periódico moderado pernambucano, *Espelho das Brasileiras*, teve análoga atuação no interesse de instruir moral e politicamente as suas leitoras. Não foi por acaso a escolha de sua epígrafe, repetidamente lida pelo seu público leitor na primeira página de cada número do jornal: “A virtude, os talentos, E não a vaidade/ Te guiarão, Perilla,/ A immortalidade”. Nela encontramos a idéia de que a glória feminina não deveria concentrar na superficialidade, nesse caso a “vaidade” vazia, mas sim nas sólidas “virtudes” que podiam, ao serem bem

---

<sup>171</sup> Idem.

<sup>172</sup> *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, [ilegível]/10/1827, nº 2.

<sup>173</sup> *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, 15/10/1827, nº 3.



cultivadas, reger sua existência e, conseqüentemente, render bons frutos para a moral e para a pátria. Assim, com a virtude entrelaçando suas vidas, as mulheres alcançariam o altar perpétuo da dignidade e do respeito entre os homens.

Em presente máxima nesse jornal encontramos a construção simbólica de um ideal feminino possivelmente almejado para as “Senhoras Pernambucanas”, relacionando a instrução e a virtude de caráter: Uma senhora bem educada e discreta é um dom tão raro da natureza, que saber-a apreciar é um talento mais que humano” (grifo nosso).<sup>174</sup> Apreciação de talento não conseguida pelos homens cegos por seus vícios, como explica esta outra sentença moral: “Os homens sao’ difficeis á conceber a virtude nos senhores; porque os corações daquelles são mais propensos aos vicios que os destas.”<sup>175</sup>

Nesse jornal só encontramos dois textos relacionados à questão propriamente dita da instrução feminina: um da professora de primeiras letras de Olinda, Maria Guilhermina Maciel da Costa, e outro da correspondente identificada pelo pseudônimo *Brasileira livre*.

Em relação a esta última podemos afirmar que se tratava da transcrição de sua carta opinando sobre como deveria ser a educação conveniente ao gênero feminino. Infelizmente, pelos poucos exemplares que temos em mãos do periódico, não possuímos a transcrição nem da primeira parte da carta nem de sua conclusão. O que podemos destacar é que tal correspondente apregoava a reforma nos parâmetros reinantes da educação feminina – “tudo o que tenho dito desde o começo da minha carta, a meo ver prova bem que não convem as mulheres a educação que até hoje se lhes tem dado, ou antes pantentea que não é a sua educação que deve merecer menos cuidado.”<sup>176</sup> - e se propunha a traçar algumas linhas de uma estratégia educacional perfeita às “Brazileiras”. Embora sem a completa estratégia em mãos, percebemos alguns de seus pilares, tais como: instrução elementar, valores morais, exercício de boas ações, atuação materna, atitudes mais judiciosas no trato com as meninas. Em suas palavras,

Naõ duvidareis, Patricias caras, de que as primeiras letras saõ os trabalhos que devem dar-se a uma menina, logo que ella vá tendo uso da razaõ, e capacidade de aprender; não se entenda todavia que a tanto se limita a primeira educação; porque a pratica das boas açções, e os princípios moraes devem-lhes ser transmitidas desde o berço; e este ensino mais lhes aproveitara se em nós virem a pratica, do que se as cançarmos com vãa theoria só proprias para excitar a má

<sup>174</sup> *Espelho das Brasileiras*, Pernambuco, 02/03/1831, nº 27.

<sup>175</sup> *Idem*.

<sup>176</sup> *Espelho das Brasileiras*, Pernambuco, 13/05/1831, nº 30.

vontade nas crianças, e a sua volubilidade natural, e por isso será bom que por mimos e bons modos as procureis vencer [...]. A ternura maternal pode vencer com os carinhos muito mais do que o pernicioso rigorismo das pancadas.<sup>177</sup>

A professora Maria Guilhermina em suas *Quadrinhas dedicadas às Brasileiras* utilizou sua habilidade para os versos também para traçar um “plano” de instrução voltada a suas congêneres. Inicialmente, ela enfatizava a importância das mulheres em buscarem uma sólida educação:

Patricias minhas amadas  
 Prestai-me seria atenção,  
 Que eu vos traçar-vos um breve  
 Plano de vossa instrução  
 Do Publico o bem exige,  
 Da Patria a utilidade,  
 E o ardente meu desejo  
 Da vossa felicidade.  
 Cultivai o vosso esp’rito,  
 Desenvolvi os talentos,  
 Gravando nos vossos peitos  
 Da moral os fundamentos.  
 Vós tendes disposições  
 Para serdes illustradas;  
 Pois sois espiritosas,  
 Ternas, dóceis, delicadas.  
 Com tão nobres predicados  
 Sò por falta de instrucçào  
 Naò quereis merecer  
 De todos a estimaçào?<sup>178</sup>

Essa instrução, segundo a professora, tinha por objetivo auxiliar as mulheres no triplo papel que desempenhavam na sociedade – filha, esposa e mãe – para que conseguissem tornar sua sorte “venturosa” – “A moral que vos exponho,/ E’ doce, suave, e pura,/ Seguindo-a conseguireis/ Viver em paz, e ventura.”<sup>179</sup> A recompensa pela dedicação em zelar por seus deveres revelar-se-ia na formação de bons e cívicos homens: “Assim por certo haverão/ Bons Paes, Filhos respeitosos,/ Esposos, ternos, fieis,/ Cidadãos livres, briozos”.<sup>180</sup> Logo, entre os conselhos dados as esposas prevalecia a obediência e a fidelidade ao marido e os cuidados com os arranjos domésticos:

---

<sup>177</sup> Idem.

<sup>178</sup> *Espelho das Brasileiras*, Pernambuco, 06/05/1831, nº 28.

<sup>179</sup> Idem.

<sup>180</sup> Idem.

Aos vossos caros Esposos  
 Sêde fieis, e constantes;  
 Ao governo da familia  
 Entregai-vos vigilantes  
 Detestai altercações;  
 Fugi de negros ciumes;  
 Tambem de nada a proveitão  
 Os indiscretos queixumes.  
 Se elles tiverem desmanchos,  
 Com amisade e doçura  
 Procurai, mantendo a ordem,  
 Revocal-os a ternura.  
 Se ainda assim algum Consorte  
 Naõ se render à razaõ,  
 Na vossa própria virtude  
 Achareis consolação.<sup>181</sup>

Enquanto mães eram exortadas aos desvelos na constituição física, moral e patriótica de seus rebentos: “Amamentai vossos filhos,/ Dirigi seos corações;/ Sobre principios moraes/ Daí lhes saudaveis lições,/ Inspirai-lhes o amor/ Da Patria, Da liberdade, Do Proximo, da Justiça, / E da candida verdade.”.<sup>182</sup>

*O Espelho das Brasileiras* reafirmava a visão excludente da participação feminina no âmbito direto da política. Não obstante, achava necessário inserí-las nas reflexões sobre os caminhos e tensões dos negócios públicos. Afinal de contas a atenção das mulheres com os verdadeiros valores cívicos só vinha para contribuir com o bom estado da pátria livre e constitucional.<sup>183</sup> Um artigo intitulado como “Communicado” assinado pela *A Pernambuco Livre* permite entender como esse jornal vislumbrava a relação mulher/política.

Segundo as palavras da autora, posta a liberdade tornava-se necessário saber ser livre. Esse saber viver em liberdade englobava para o sexo feminino inculcar no espaço familiar valores como a moderação, a prudência e a tolerância, considerados “inseparáveis de uma nação livre” e regida por leis. A “vigilância” era o que precisava pautar o cotidiano feminino. A “boa-fé” não poderia cegar as brasileiras oitocentistas tão “puras” e “dóceis” e muito menos fazê-las esquecer da sua suprema ação patriótica: amar a constituição e ensinar sobre esse amor aos filhos para que estes, assim como elas, rebatessem qualquer tentativa de despotismo ou recolonização.<sup>184</sup>

Da mesma *Pernambucana livre* temos outro exemplo de atuação possível das mulheres no fortalecimento do dever cívico. Agora através de uma carta enviada ao redator do

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> Idem.

<sup>183</sup> *Espelho das Brasileiras*, Pernambuco, 10/05/1831, nº 29.

<sup>184</sup> *Espelho das Brasileiras*, Pernambuco, 13/05/1831, nº 30.

jornal. Mesmo admitindo sua dedicação ao papel de mãe de família, que lhe absorvia suas forças e a afastava, por conseguinte, da política, conclamava suas congêneres conterrâneas a mirarem-se nos exemplos das mulheres da Corte as quais usavam laços com as cores nacionais como demonstração de patriotismo.<sup>185</sup>

Os periódicos exaltados *A Mulher do Simplicio* e *A Filha Única da Mulher do Simplicio* não deixaram de se envolverem com as intenções de incentivar a integração do sexo feminino com as questões que cercavam a política no período regencial. No primeiro, em meio às sátiras reflexivas e críticas dos acontecimentos políticos nas décadas de 1830 e 1840, encontramos um interessante artigo intitulado *Enthusiasmo Patriótico d'uma Jovem Francesa na Revolução de 1830* que nos oferece algumas indicações do seu posicionamento frente a um ideal de mulher cívica e consciente de seus deveres para o bem da nação. Por meio desse artigo foi apresentado às leitoras o conselho do periódico de inspirarem-se nas doutrinas do “santo liberalismo”.<sup>186</sup>

Das trincheiras da revolução de 1830 na França emergia uma jovem parisiense de dezenove anos, que levada pelo amor patriótico, lutou com distinção contra o inimigo, o despotismo de Carlos X: ora pela destreza e pelo fervor com que manuseava a espada em busca de salvar a liberdade, ora pelas demonstrações de humanidade ao cuidar dos soldados feridos. O valor da jovem francesa, de acordo com o relato estabelecido pelo jornal, foi notado por todos que combatiam ao seu lado, sendo admirada como se fosse um verdadeiro “capitão”. A consagração final da valorosa jovem repleta de patriotismo e heroísmo ocorreu após a vitória quando foi conduzida pelas ruas segurando uma espada na mão direita e uma bandeira tricolor na esquerda entre aclamações de vivas e aplausos.

Eis para *A Mulher do Simplicio* um dos mais benéficos exemplos para as mulheres oitocentistas do Brasil no ano de 1832, uma vez que após os acontecimentos que levaram a abdicação de D. Pedro I, instaurou-se novo furor em prol da independência nacional. A proteção da pátria contra todos os atos indicativos de despotismo e tirania precisava também raiar nos horizontes femininos fosse pela manifestação de honradez e coragem ou então pela condução dos filhos e maridos no amor e resguardo da nação e do respeito à lei.<sup>187</sup>

Já *A Filha Única da Mulher do Simplicio* declarava-se forte o suficiente, a despeito de sua pequenez e debilidade, para sustentar a liberdade. Assim, o “dever” e a “convicção”

<sup>185</sup> *Espelho das Brasileiras*, Pernambuco, 02/05/1831, n° 27.

<sup>186</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 10/03/1832, n° 3. Curiosamente, *O Mentor das Brasileiras* utilizou o relato da mesma história para traçar um perfil feminino de patriotismo desejável na busca de incentivar seu público leitor contra o “jugo da escravidão”. *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 12/11/1830, n° 50.

<sup>187</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 10/03/1832, n° 3.

levaram-na a escrever para o sexo feminino no intuito de trazer, através das lições que aprendia com sua mãe, menção ao periódico *A Mulher do Simplicio*, unicamente a verdade, pois, no seu modo de ver, instalara-se no Brasil um engodo alimentado pelos moderados, “as perversas criaturas”.<sup>188</sup>

Nas poucas páginas conservadas desse periódico foi possível notar esse nítido intento de exibir artigos mordazes sobre o andamento caracterizado como desventuroso do período inicial da regência controlado pela facção moderada. Desejosa que tal situação mudasse *A Filha Única da Mulher do Simplicio* que, segundo suas palavras, não se deixava ludibriar pelas falsas doutrinas e tramas, rogou as patrícias para que se mantivessem sempre em “alerta, [...] união firme e cautela” no que tangia os acontecimentos políticos.<sup>189</sup>

A suposta mulher que elaborava o periódico *A Mineira no Rio de Janeiro*, defensor dos caramurus, confessou assumir a função perigosa de escritora em nome dos negócios públicos do Império do Brasil. Os limites que impunham o seu sexo ao espaço privado tornavam-se secundários frente a importância de interceder pela “Constituição Jurada”, pelo “Trono Imperial” e pela “Dinastia de Bragança”. O empenho da *A Mineira*... na escrita para associar-se à opinião pública, principalmente às discussões políticas, não vislumbrava a aquisição de qualquer mérito intelectual ou retórico e sim afrontar o despotismo e os desmandos dos funcionários públicos ao mesmo tempo em que tentava insuflar os ânimos das mulheres para advogarem em nome da tão debatida liberdade que naquele momento precisava deixar de ser entendida como uma fantasia.<sup>190</sup>

Nesse sentido, o periódico tinha o propósito de mostrar como “O Espetaculo da Liberdade que inflama e enche ao homem deste ardor santo que obra prodígios”,<sup>191</sup> atuava também nos corações e ações do sexo oposto. No bojo dessa crença evidenciava-se as heroínas de diversas épocas que enaltecidas em suas páginas assumiam os rostos de verturias, sabinas, cartaginesas e mesmo de Joana D’Arc , a qual “admiravelmente “[...] cinge a espada, attaca briosamente aos bravos insulanos da Gran Bretanha, que postos em fuga deixão respirar a frança”.<sup>192</sup>

Tais exemplos femininos de coragem, impetuosidade e luta (inclusive luta armada) ganhou um matiz mais contido quando dizia respeito ao papel atuante ambicionado para as patrícias brasileiras nos destinos da política. Se havia “poder” em suas mãos, este subsistia

<sup>188</sup> *A Filha Única da Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 14/03/1832, nº 1.

<sup>189</sup> *A Filha Única da Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 17/04/1832, nº 3.

<sup>190</sup> *A Mineira no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 26/06/1833, nº 1.

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> Idem.

pelos “dons” atribuídos por Deus ao sexo feminino – os “atractivos”, as “graças” e o “amor” – os quais bem utilizados eram capazes de modificar a índole masculina para erigir uma verdadeira nação livre e virtuosa.<sup>193</sup>

A construção de uma narrativa no jornal expando a particular trajetória de vida da suposta redatora do periódico já era bem ilustrativa de como o dever cívico precisava abundar os espíritos das mulheres oitocentistas nos primeiros anos após a declaração de independência do Brasil, anos marcados por agitações, por incertezas e por ameaças de divisões.

A dor do luto pela morte do marido na sedição de Ouro Preto foi acalentada pela idéia de que tal atrocidade deu-se pelo patriotismo, ou seja, o seu consorte exerceu bravamente a função de “illustre e valorozo cidadão”, o que lhe permitia ser imortal e respeitável entre os contemporâneos e para a posteridade. “Brasileiras, tomaí parte nos negócios do Brasil [...]”<sup>194</sup> era o que orientava a *Mineira no Rio de Janeiro* atormentada com as perseguições e com as perdas devido ao anseio, dividido com o falecido marido, por uma pátria mantida por leis, liberdade e restauração (vislumbrada na figura de D. Pedro II e na Constituição jurada). O exemplo dado por ela mesma merecia o reconhecimento das mulheres da Corte como estímulo para florescer em seus corações o amor patriótico igualmente incondicional e para lutarem com as armas que lhe cabiam ao lado da soberania nacional contra as intenções despóticas: “Segui o meu exemplo, amáveis e corajozas Fluminenses; porque em toda parte vemos, que o animo e o valor tem salvado a Patria; e os projetos dos tiranos constantemente frustrados pelo poder da VIRTUDE.”<sup>195</sup>

Ao longo das leituras feitas dos posicionamentos assumidos por esses seis periódicos pertencentes a imprensa feminina das décadas de 1820 e 1830, percebemos que os argumentos utilizados por eles em definir a mulher e seus papéis sociais, isto é, suas representações de gênero, estavam intrinsecamente relacionados com a pretensão de fortalecer o Estado Nacional, respeitando cada um a sua posição política que os levava a aderir a um determinado tipo de “projeto de Brasil”.

A sociedade almejada naqueles anos, portanto, precisava de mulheres virtuosas e prontas para atuar com toda a abnegação possível no interior familiar e no combate a favor dos interesses da nação. Em outras palavras, moral e política criavam uma simbiose: ser boa mãe e esposa no início do século XIX estava intimamente dependente de também ser uma “cidadã” amante de sua pátria. Às vezes, nos momentos necessários de efetiva atuação para

---

<sup>193</sup> Idem.

<sup>194</sup> *A Mineira no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 26/07/1833, nº 4.

<sup>195</sup> *A Mineira no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 26/06/1833, nº 1.

manter a liberdade, o amor patriótico tornava-se primordial e acabava por suplantar, momentaneamente, o amor à família. Uma anedota encontrada no *O Mentor das Brasileiras* destacava o exemplo feminino de patriotismo digno de imitação nessas circunstâncias.

Annunciando-se a huma matrona da Grecia a morte de hum seo filho, que tinha acabafo em hum combate, defendendo valerosamente a liberdade da Patria, ella respondeu com muita tranqüillidade = Quando eu o dei do mundo, não foi de certo para outro fim.<sup>196</sup>

Temos outro discurso no *O Mentor das Brasileiras* de mesmo teor patriótico na transcrição do trecho de uma carta encontrada no *Tribuno do Povo* de certa jovem do Rio de Janeiro dirigida a seu esposo combatente na Guerra da Cisplatina. Na carta o importante era escolher sempre honrar a pátria:

.....Porém se essa guerra he util á minha Patria: e se o seo bem exige que morras, eu me conformo com a minha sorte, não te lembres mais de mim, e prefer e a honra da Patria, aos interesses de tua esposa, e a existencia do teo filhinho: e se ao contrario, segundo ouço, a guerra He injusta, e contra a Patria, larga as armas, e corre ao ceio de tua familia, que o homem livre, e verdadeiramente valoroso, he o que se sacrifica a vida pelo bem da Patria .....<sup>197</sup>

A discussão estabelecida até aqui sobre as pretensões educativas da imprensa feminina na primeira metade do século XIX nos levaram a outro passo em nossa pesquisa: entender de que maneira os jornais posicionaram-se frente a determinados conteúdos (natureza das mulheres, moda, luxo, sexualidade, matrimônio, maternidade, leitura) que auxiliavam, sob a ótica de cada um, como fios condutores para a adequada modelagem das mulheres oitocentistas nos seus papéis sociais. Vamos a eles.

<sup>196</sup> Retirado do *O Universal*, no *Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 23/12/1829, nº 4.

<sup>197</sup> Retirado do *Tribuno do Povo* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 18/02/1831, nº 63.

### 3 EM BENEFÍCIO DA NAÇÃO E DO LAR

#### 3.1 A correção da “natureza” feminina

O momento político vivenciado pela população brasileira nos idos de 1820 e 1830 trouxe a discussão sobre a indispensável reforma na educação da sociedade para que esta se conformasse aos novos valores morais e cívicos desejados no favorecimento da nação que se construía. Inaceitável era que as famílias seguissem a “perniciosa máxima que as mulheres deviao estar enclausuradas dentro de casa, e viver huma crassa ignorância”.<sup>198</sup> Agora, nos discursos, acreditava-se que o empenho para melhorar a instrução feminina serviria para fortalecer as suas virtudes morais e a possibilidade de render notáveis favores a pátria e, enquanto mães, formar adequadamente o espírito de seus filhos.

Preocupado profundamente com a educação moral do sexo feminino, o periódico *O Mentor das Brasileiras*, por exemplo, expôs claramente, mas sem qualquer “espírito de ofensa”, os erros que muitas famílias brasileiras cometiam em sua condução. A intenção do periódico, era prevenir os pais da mudança necessária de concepções com relação aos princípios que precisavam nortear as suas atitudes para com as filhas, as quais “algum dia formarao sua ventura, e a da Patria”.<sup>199</sup>

O jornal, entendendo que uma explanação muito densa dos “defeitos ordinários” da educação das “Jovens Brasileiras” não seria viável “porque isso seria huma tarefa tanto difficil, como perigosa nas atuais circumstancias”,<sup>200</sup> optou apenas por elencar aqueles que na sua opinião eram os mais prejudiciais na formação moral do sexo feminino. Em primeiro lugar tinha-se o ócio, responsável por originar mulheres avessas ao trabalho, negligentes com “matérias serias” e predipostas a serem influenciadas nefastamente por maus exemplos como o das “creadas lisongeiras, quase sempre viciosas se aproveitao de qualquer descuido para lhe ensinar doutrinas perigosas e que possão nutrir suas sinistras paixões [...]”.<sup>201</sup>

<sup>198</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del Rei, 27/08/1830, nº 39.

<sup>199</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 07/12/0829, nº 2.

<sup>200</sup> Idem.

<sup>201</sup> Idem.



Outro “defeito” elencado era o hábito de dormir em excesso. Desse erro, o físico e a moral femininos seriam na visão do periódico os principais prejudicados: enfraquecia as forças, levava ao abatimento e desvigorava o espírito. A leitura sem orientação também figurava como item citado. As novelas nesse ponto ganhavam destaque, uma vez que, se a jovem não possuía ainda um espírito fortificado pelo sustentáculo de uma “sã moral”, sua leitura poderia induzir ao precipício das perigosas e alienantes fantasias.<sup>202</sup>

A restrição da educação feminina aos saberes domésticos merecia a reavaliação dos pais. Inquestionável era sua importância, mas privilegiar apenas esse lado da instrução das mulheres não as tornariam capazes de se proteger das “seduções” quando estavam em sociedade. Por fim, o periódico destacava a condenável “tirania” paterna em relação a escolha do marido. A esse “defeito” foram tributados os desabores irremediáveis no matrimônio, tudo em função dos interesses particulares dos pais e dos jovens mancebos sequiosos por seus dotes.<sup>203</sup>

Depois das definições dos erros, *O Mentor das Brasileiras* idealizou, linha após linha, um plano educacional para o sexo feminino considerado digno para um século “esclarecido”. A obrigação primeira dos pais para com suas filhas era formar o seu juízo e ajudá-las a descobrir as qualidades específicas de seu sexo. Firmemente ancorado nessa postura o periódico transcreveu o trecho de uma carta de Bonnim direcionada a sua filha de sete anos que deixava em evidência o significado dessa obrigação.

Teo primeiro cuidado deve ser adquirir as qualidades do seo sexo, e o primeiro dever o de cumprir sempre as obrigações a ele anexas. Estas duas cousas tem huma mutua dependencia, e as não podes separar sem o risco de não ter humas, e de ser impropria para outras. Não terás jámais as qualidades d’huma mulher senão preencheres os deveres que teo sexo te impõe, pois que aquellas qualidades consistem no cumprimento destes deveres, e porque estes te parecerão peniveis.<sup>204</sup>

A educação desejada para as meninas oitocentistas visava prepará-las para fugir dos perigos, dos enganos e das seduções e para forjá-las enquanto dedicadas esposas e mães respeitáveis, ou seja, uma educação moral, da qual o “conhecimento depende a felicidade, ou a desventura de toda a existência”.<sup>205</sup> Todo o cuidado exigido para com essa educação

---

<sup>202</sup> Idem.

<sup>203</sup> Idem.

<sup>204</sup> Retirado do *Manual das Brasileiras* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 03/09/1830, nº 40.

<sup>205</sup> Retirado da *A Aurora* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/05/1830, nº 24.

advinha da idéia de “fraquesa da sua constituição” e de sua “extrema sensibilidade” que as tornavam susceptíveis aos mais variados vícios, entre outros: “[...] a leviandade, a irreflexão, a imprevidencia, a vaidade, os caprichos, a irascibilidade, o amor dos prazeres, o fastio no cumprimento dos seus deveres, o esquecimento da decência [...].”<sup>206</sup> Eis, portanto, o interesse demasiado em formar o seu espírito, fortificar o seu juízo e amadurecer a sua razão.

No artigo *Instrução para preservar as educandas dos defeitos ordinarios de seu sexo* encontrado no *O Mentor das Brasileiras* temos, simultaneamente, a citação dos componentes que formam a “defeituosa” natureza feminina e o estabelecimento de algumas estratégias de como seus educadores poderiam atuar na instrução das meninas para remediar os prejuízos considerados próprios de seu sexo. Dentre eles estão o “medo” e a “timidez” que supostamente invadiam sem cerimônia seus “espíritos susceptíveis”, principalmente pela má educação doméstica cheia de “idéas pavorosas” e “contos falsos” que corroíam a razão, cuja extirpação seria pela “suavidade no tratamento” para lhes demonstrar “o engano da fantasia”.<sup>207</sup>

Outra falta inerente do sexo feminino apontada abarcava o “fingimento”, a sua destreza para o engano e a ocultação de seus verdadeiros sentimentos. A base da correção desse vício, por parte das mães e mestras, seria a demonstração de sua indignidade; no incentivo da sinceridade no cotidiano das meninas; e na repreensão em particular ou em público (esta última só em caso de reincidências). Condenável também era o péssimo hábito feminino de se entregar a loquacidade, mas a dita pernicioso loquacidade que fazia a mulher desatar “a fallar com tanta precipitação sobre os defeitos alheios, que muitas vezes fallão contra si mesma”.<sup>208</sup> Aqui o que se deveria inspirar nas meninas era o equilíbrio entre a demasia e a falta, pois o não se expressar, o não expor o “natural desenvolvimento”, era visto como um defeito repreensível. Assim, “deve se lhes ensinar a fallar com escolha, e circunspecção, limitando seus discursos, cortando os que forem inúteis, fazendo absterem se em fim da muita verbosidade, e de tratarem de matérias, que não sejam dignas de attenção.”<sup>209</sup>

A inclinação “quase natural” das mulheres para a exposição de seus atributos físicos, muitas vezes através da excentricidade dos ornatos e vestimentas, ao invés da demonstração dos verdadeiros dotes do espírito foi mais uma questão destacada pelos redatores. A correção da estima exagerada pelo luxo e pelas modas, segundo *O Mentor das Brasileiras*, obrava para auxiliar as mulheres na conquista de um enlace matrimonial e na sua manutenção nos limites

---

<sup>206</sup> Idem.

<sup>207</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 26/03/1830, nº 17.

<sup>208</sup> Idem.

<sup>209</sup> Idem.

dos bons costumes.<sup>210</sup> A mesma idéia foi apresentada nas já citadas quadrinhas da professora Maria Guilhermina publicadas no *Espelho das Brasileiras*:

Saò própria do vosso sexo  
 Os enfeites, e os ornatos;  
 Porem d'alma os ornamentos  
 Estimaò mais os Sensatos.  
 Das decencias, naò do luxo  
 Deveis ser mui cuidadozas:  
 A decencia gera estima,  
 O luxo vos faz vaidozas.  
 [...]  
 Vòs tendes mais fortes armas  
 Para prender corações;  
 Docilidade, e modéstia,  
 Eis os mais firmes grilhões.<sup>211</sup>

De acordo com *O Mentor das Brasileiras*, a “arte de agradar” conveniente para a mulher oitocentista era baseada em se expressar através de seus gestos, suas falas e sua fisionomia os bens mais preciosos que possuía, a boa instrução e sua virtuosidade, longe de “huma frivola ostentação e vaidade” ou do oposto, a “timidez de espirito”. Dessa maneira, foi chamada a atenção feminina para um regime de “delicadesa de comportamento” própria do seu sexo e capaz de regalar os olhares masculinos com sua graça e discrição.<sup>212</sup>

Por outro lado, a cultivação de valores morais no “belo sexo” também estava relacionada à crença da sua capacidade de influir nas ações masculinas para o bem ou para o mal e, conseqüentemente, no destino social. Influência que se iniciava no berço (nos primeiros cuidados, carinhos e ensinamentos); prosseguia na vida adulta ao servir de impulso aos esforços dos homens para se destacarem na vida social em busca de sua predileção; e se fortalecia na “idade varonil”, momento em que os deveres da “natureza falam” mais alto e o matrimônio os unia definitivamente. Ambos, o homem e a mulher, eram vistos como metades que se completavam, podendo ser o primeiro considerado o corpo e a segunda a alma que lhe preenchia, cuja inépcia lançava o homem numa vida desregrada e sem utilidade. O amor e a

---

<sup>210</sup> Idem.

<sup>211</sup> *Espelho das Brasileiras*, Pernambuco, 06/05/1831, nº 28.

<sup>212</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/07/1830 , nº 33.

dedicação devotadas a família, reduto no qual encontraria as “doçuras” da vida, eram o que o impelia a realizar o bem geral.<sup>213</sup>

À mulher cuidadosa de suas sagradas funções convinha, portanto, conhecer os melhores dotes que lhe competiam para uma conduta prudente em nome da felicidade de seus familiares e da nação. O *Mentor das Brasileiras* não se fez de rogado e os listou um a um: “simplicidade”, “candura”, “innocencia”, “bondade”, “indústria”, “capacidade”, “delicadesa” e “fidelidade”.<sup>214</sup> A honra e a devoção a Deus agregavam-se também a esses valores de caráter, pois “Huma moça que tem sentimentos de religião, e piedade, huma moça, que está persuadida que a honra he o maior bem deste mundo será sem duvida boa filha, esposa digna e excellente mãe de familia.”<sup>215</sup>

As famílias na educação de suas filhas, de uma forma geral, precisavam mantê-las sob sua vigilância constante que, embora não fosse exercida como “opressão” frutificadora de perigosos “devaneios”, ajudaria o encaminhamento no que seria “justo” e “honesto”. Essa vigília, fonte do bom juízo, segundo *O Mentor das Brasileiras*, deveria recair, por exemplo, na escolha das sociedades freqüentadas pelas jovens moças porque, mesmo sendo o convívio social importante para a sua formação, em algumas se encontravam vícios horríveis.<sup>216</sup> O jornal *A Mulher do Simplicio* também aconselhou as mães nesse quesito: “He bom distrahi-las/ com divertimentos/ Visistas, que occupem/ Varios momentos;/ Mas tudo tem conta/ Tem peso, e medidas;/ Há tempo pr’a tudo/ No curso da vida”.<sup>217</sup>

O teatro, na opinião do *O Espelho Diamantino*, merecia estar entre os espaços de sociabilidade que competiam ao sexo feminino por condensar a decência e a aprasibilidade de um entretenimento público. Em consequência, descreveu-o como “escola de costumes e da polidez, verdadeiro espelho da vida, [...] o qual, em todas as cidades forma hum tribunal que decide sem agravo as questões de bom gosto e *bom tom*”.<sup>218</sup>

No *O Mentor das Brasileiras*, a convivência social foi apresentada como um item importante para o desenvolvimento do indivíduo tanto para o aumento de suas virtudes quanto para o degustar de certas “delícias” da vida. Contudo, essa convivência aprazível e utilitária precisava favorecer a interação entre as distintas idades – “Que o mancebo se ligue pois com a idade madura, que o homem feito procure o velho, que este nao despreze a mocidade [...]”<sup>219</sup> –

<sup>213</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 30/06/1830, nº 31.

<sup>214</sup> Idem.

<sup>215</sup> Retirado do *Popular*, no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 03/12/1830, nº 53.

<sup>216</sup> Retirado do *Manual das Brasileiras* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/07/1830, nº 33.

<sup>217</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 01/10/1842, nº 72.

<sup>218</sup> *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, Prospecto, s/d.

<sup>219</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 21/10/1831, nº 97

na qual as pessoas mais velhas e prudentes serviriam de exemplo na formação das demais: “Quando nas companhias as mais variadas os juisos são mais justos, a diferença de idade extingue a rivalidade, e a inveja, e sua temível comitiva derrama menos sua peçonha.”<sup>220</sup> Prejudicial era aquela onde preponderava o trato somente entre os iguais fazendo com que permanecessem ligados aos seus erros e a ignorância.

A conduta exemplar dos mais velhos foi repetidamente reforçada como um meio eficaz para fazer florescer nas almas das “incautas jovens” os bons costumes. A presença de uma mãe judiciosa e de preceptores de moral inabalável era indispensável nesse empreendimento. Para a primeira encontramos no *O Mentor das Brasileiras* uma detalhada sugestão sobre como agir em favor da boa educação das filhas:

Ora quem se imcube da educação de huma menina, logo que observa seu talento deve ir facilitando o seu desenvolvimento, e nunca se enfadar das perguntas, que lhe fizer, antes pelo contrario se deve mostrar satisfeita em lhe’ as responder; pois por este modo dando a confiança de perguntar conseguirá igualmente o meio para ensinar. Mas advirta-se que se deve responder somente o necessario, e muitas vezes será preciso usar de alguns exemplos para serem mais perceptíveis as explicações. Pouco a pouco se irá ensinando as cousas necessarias á vida, depois os dotes moraes, e todas as verdadeiras qualidades, que constituem huma senhora estimavel no meio da sociedade.<sup>221</sup>

Mais um cuidado essencial era insuflar nas filhas modos polidos merecedores de figurar nas ocasiões sociais, atentando sempre que o “bom tom” muitas vezes podia ser confundido com “exterioridades” cheias de afetação, nocivas a decência, a sinceridade e a pureza de sentimentos. Logo, “hum Pai discreto tomará por nome de polidez ou bom tom, que deve-se inspirar a suas filhas, as boas maneiras que nascem da affeição social e do respeito que devem guardar a sociedade, e assim combinará os passatempos com os bons costumes.”<sup>222</sup>

Por sua vez, o artigo intitulado *Reflexões sobre a conversação familiar* propiciou às leitoras do *O Mentor das Brasileiras* alguns apontamentos sobre como proceder nesse ato considerado extremamente comum, mas ao mesmo tempo realizado inadvertidamente por muitos indivíduos. Em uma sociedade que se pretendia civilizada e polida ficava digno de censura nas reuniões entre parentes e amigos pessoas que se portavam como “estatuas mudas

---

<sup>220</sup> Idem.

<sup>221</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 12/03/1830, nº 15.

<sup>222</sup> Retirado do *Manual das Brasileiras no O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/07/1830, nº 33.

obrando machinalmente” ou que se mantinham “como quadros pintados pregados na parede”. Tão pouco era pertinente as conversas enfadonhas e tolas, inclusive as de tom satírico com o qual apenas se conseguia fomentar mexericos.<sup>223</sup>

No interesse de orientar as senhoras numa prática correta de conversação foram estabelecidas regras a serem seguidas: adequar o discurso ao tipo de interlocutor com quem se estabelece um colóquio; falar somente o estritamente importante sobre o assunto em questão para evitar detalhes supérfluos e permitir que os demais também se exponham; manter sempre um ambiente prazeroso nos debates, nos quais cada um se expresse sem “virulencia”; evitar as “fanforrices”, as “ninharias”, os excessos de auto-elogios e qualquer afetação de “sábias”, e, por fim, com a modéstia devida ao seu sexo, empenhar-se nos mais diversos assuntos, indo da música, da literatura e das belas-artes até “as anedotas, ditos agudos e setenciosos bebidos de bons escritores”.<sup>224</sup>

A partir da análise das críticas e conselhos referentes a formação moral adequada para lapidar o que na primeira metade do século XIX entendia ser a natureza feminina fica patente que os discursos dos periódicos visavam que as mulheres estivessem envoltas em bons costumes e em comedimento dos gestos que as estimulariam na constituição de caráter firmado na modéstia, no amor, na abdicção e no cultivo de todas as boas virtudes do espírito. Retirada do periódico *Tribuna do Povo*, *O Mentor das Brasileiras* apresentou a suas leitoras uma construção minuciosa do caráter “ideal” desejado para as brasileiras “ideais”, sugestiva dos valores que as moldavam enquanto esposas, mães e patriotas:

As Brasileiras em geral, sendo dotadas de huma formosura encantadora, de costumes smplices, doces, e de maneiras agradaveis, são extremosas no seo amor. A sua falla meiga, e despida da asperreza Europea, annuncia o seo natural carinhoso e affavel. Zelosa da sua honra, repudiaio aquellas pessoas cujo amor fingido, chegao a conhecer, que so tem o fito em deshonra las. Se chegao a ser Mães de famílias, repartem todo o seo amor pelos seos filhos e Esposos, e dedicando os seos cuidados aos arranjos domesticos sao capazes de sacrificar a propria existencia pelos dous objectos de que acima fallamos. Sao em geral dotadas de talento e aptas para todos os estudos que os homens seguem; e apezar dos cuidados domesticos nao deixao de se interessar pelos negocios de sua Patria; e sao por natureza amantes da liberdade [...].<sup>225</sup>

O desejável, portanto, eram mulheres recatadas e polidas, inundadas pelos sentimentos que lhes eram creditados como inseparáveis de seu sexo: amor, afabilidade, docilidade. Todos esses predicados se uniriam em sua trajetória para auxiliar-lhes no seu papel central -

<sup>223</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del Rei, 11/06/1830, n° 28

<sup>224</sup> Idem.

<sup>225</sup> Retirado do *Tribuna do Povo* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 18/02/1831, n° 63.

cuidados e préstimos para com os filhos e marido - no interior da família e em sua condição de patriotas prontas a defender a idéia política mais importante e almejada da época, a “Liberdade”.

### 3.2 A moda como vaidade e símbolo de patriotismo

Através da imprensa feminina, semelhantemente à imprensa em geral, informações sobre moda, beleza e elegância passavam a circular mais vividamente entre a população brasileira oitocentista. Os artigos referentes à moda podem ser considerados como uma estratégia utilizada pelos jornais para seduzir o interesse feminino, embora os redatores muitas vezes associassem tal assunto a negativa “frivolidade” do considerado “sexo frágil”. Na *A Mulher do Simplicio* temos claramente estampado tal ardil da imprensa na esperança de chamar cada vez mais a atenção das leitoras.

Não ha remedios senhoras,  
He de minha obrigação  
Tratar de coisas que ocupem  
A vossa inteira attenção.  
[...]

E vendo eu, que francamente  
Fazeis o meu Beneficio,  
Trocando por vossos cobres  
Sempre – A mulher do Simplicio,

Devoção que não perdeis  
Há cinco annos já contados,  
Dos vossos meigos agrados.  
Sabei, que boas noticias  
Começo a dar-vos aqui  
Sobre o luxo, e sobre a moda  
[...]<sup>226</sup>

Nesse sentido, importante é a observação de que no século XIX o homem e a mulher continuavam regidos por uma dupla moral, na qual ao primeiro foi destinado “um código de honra originado nos contatos da vida pública, comercial, política e das atividades

---

<sup>226</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 28/03/1837, n° 54.

profissionais [...]” e à segunda uma moralidade “relacionada com a pessoa e os hábitos do corpo e ditada por um único objetivo, agradar aos homens”.<sup>227</sup>

A moda na estratégia de sedução era a grande aliada das mulheres, por permitir-lhes caminhar entre o exibicionismo e o pudor. Algumas partes do corpo tornavam-se os grandes fetiches dos olhares masculinos como, por exemplo, os pés que envolvidos no “jogo de esconde-esconde” originava “ao rés do chão uma inquietante zona de espera” e o decote que também foi muito utilizado pelas solteiras e casadas para empreender a atração sexual.<sup>228</sup>

As festas e os salões foram os espaços privilegiados nos quais as mulheres encontraram para a exibição (mais esmerada e exótica), o divertimento e a escolha de pretendentes. Se no espaço privado a mulher compunha-se com “a roupa simples da vida comum, ajeitada às exigências triviais da realidade<sup>229</sup>, nas reuniões mundanas temos a construção de uma “nova personalidade” feminina<sup>230</sup> “quando à esfera da pessoa se acrescenta uma ambiência fictícia, feita de novas cores com que se enriquece o matiz natural da epiderme, de novas curvas que se adicionam ao corpo, ajustando muito os vestidos ou multiplicando as formas com o recurso dos folhos, dos babados, do ruches e franzidos”.<sup>231</sup>

Embora fosse inegável nos jornais as “virtudes do espírito” como o primeiro alvo a ser alcançado pelas mulheres oitocentistas da primeira metade do século XIX, esses mesmos também agraciavam, nem sempre com toda boa vontade, suas leitoras com artigos cujo tema era a moda. Em certos artigos encontramos “falas” de alguns redatores que não faziam questão de esconder das leitoras a dificuldade de escrever acerca de tais assuntos.

*O Mentor das Brasileiras* manteve constantes ausências de artigos sobre modas (motivo de queixa até mesmo das correspondentes) que foi atribuída pelo próprio jornal a ser o tema “alheio da sua profissão” e pelo seu universo inconstante. No seu antecessor, *O Espelho Diamantino*, dos dezoito números encontrados em apenas cinco há artigos cujo tema remete-se a moda. Existia nos primeiros exemplares uma espécie de seção voltada para expor o que estava em voga nas modas da Corte para ambos os sexos, mas após a reestruturação do mesmo (comentada no capítulo um) ela desapareceu. Para esse jornal descrever o que se

<sup>227</sup> SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das roupas**: a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 58.

<sup>228</sup> Idem, p. 93 e 94.

<sup>229</sup> Idem, p. 151. Tania Quintaneiro pesquisando relatos de viajantes do século XIX também frisa a diferença de vestimenta feminina entre a casa e a rua. Era comum no interior dos lares encontrar senhoras (de)compostas com trajes domésticos de tecidos leves e transparentes, normalmente de gaze ou musselina, conhecidas como “camisa” ou *deshabillé*, “pouco decorosas, folgadas e diafanas demais”. Ver QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de Mulher**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 180 e 182.

<sup>230</sup> SOUZA, Gilda de Mello e, Op. cit., p. 94 e 151.

<sup>231</sup> Idem, p. 151.



vestia era também uma “difficil tarefa” devido à grande distância do Brasil em relação aos pólos da moda situados, sobretudo, na Europa (afirmava que o que chegava aqui como novidade, em seu país de origem já era “antiquário”) e a intrínseca variação do objeto analisado. Já *A Mulher do Simplício*, embora compartilha-se da críticas sobre as inconstâncias e exageros da moda, apresentou um artigo no seu número setenta e dois que demonstrava sua estranheza pelo fracasso do *Correio da Moda* no círculo literário da Corte. No seu número posterior aproveitou a notícia sobre a previsão do surgimento em 1843 de outro periódico dedicado a moda – *O Espelho Fluminense* – para compartilhar com suas leitoras a fragilidade do trabalho dos redatores, sobretudo daqueles que se dedicavam ao público feminino. O desinteresse delas foi considerado a desgraça de todo esse esforço, incluindo a quase ausência de literatura específica sobre moda no Brasil.

Contudo, o que observamos como tendência foi uma mescla de artigos que gravitavam entre informações sobre as “últimas novidades” dos adereços, dos vestidos e dos penteados e críticas a esse universo e ao luxo excessivo.

Na opinião do *O Espelho Diamantino* e do *O Mentor das Brasileiras* a ausência de informações sobre as modas e enfeites seria um “crime” contra a “Deosa Caprichosa”.<sup>232</sup> Assim sendo, o segundo jornal estabeleceu um ideal de beleza para as “Senhoras Brasileiras” baseado em trinta qualidades que enalteciam a fugura das mulheres brancas, muito semelhante as de origem européia, em detrimento de referências ao biótipo de negras ou mestiças<sup>233</sup>:

Três cousas brancas: a pele, os dentes, e as mãos.  
 Três pretas: os olhos, as pestanas, e as sobrancelhas.  
 Três vermelhas: os beijos, as faces, e as unhas.  
 Três longas: o corpo, as mãos, e os cabellos.  
 Três curtas: os dentes, as orelhas, e os pes.  
 Três largas: o peito, a testa, e a palpebras dos olhos.  
 Três estreitas: a boca, a cintura, e a planta do pe.  
 Três grossas: os braços, as nadegas, e a barriga das pernas.  
 Três finas: os dedos, os cabellos, e os beijos.  
 Três pequenas: os seios, o nariz, e a cabeça.<sup>234</sup>

<sup>232</sup> *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro. Prospecto, s/d e *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 30/11/1829, nº 1.

<sup>233</sup> Para maiores detalhes VER JULIO, Kelly Lislie e FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **A Educação através do corpo: dois mundos que se encontram**. In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História : História , guerra e paz. Londrina, 2005. Disponível em <<http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/KELLY%20LISLIE%20JULIO%20E%20THAIS%20N%20C3%8DVIA%20DE%20LIMA%20E%20FONSECA.pdf>>. Acesso em: 23/05/2009.

<sup>234</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 10/01/1830, nº 10.

A *Mulher do Simplicio* também se via na posição de oferecer as suas leitoras notícias sobre as modas que predominavam no Rio de Janeiro (“[...] Qual he gosto vosso/ Minha Penna faz sempre o que deve [...]).<sup>235</sup> Contudo, seu tom assumia em muito casos um viés de galhofa ou desdém: “Que quereis vos diga, leitoras,/ Da moda presente, Que tanto permanente,/ Pelas mais rigoristas senhoras/Vai já sendo usada/ Que ao bom gosto parece maçada!”<sup>236</sup> Esse periódico orientava suas leitoras, de acordo com ele próprio, no que era praticado no *toilette* oitocentista, fosse pelas informações em jornais sobre modas, como o periódico francês *Le Bon Ton*, fosse pelas conversas e visitas aos modistas que inundavam principalmente a Rua do Ouvidor.<sup>237</sup>

Com alguma riqueza de detalhes aparecem nos periódicos as modas utilizadas nas ruas e eventos sociais. Retiramos do *O Espelho Diamantino* informações sobre “as cinturas cumpridas, e mangas de gigot” e os “vestidos de negligé de chita francesa e riscados transparentes, com franzidos e fofos da mesma peça”<sup>238</sup> que deviam encantar as mulheres oitocentistas. As diversas formas de pentado encontramos detalhadas no *O Mentor das Brasileiras*:

[...] humas amarrão a cabello mui para traz em hum grande anel, a que chamão coco, outras o colocao em roda da cabeça depois de o haverem trançado em tres, ou quatro tranças, ficando a maneira de huma rodilha, e o prendem depois com hum pente grande de tartaruga; outras finalmente (e esta a moda que mais temos visto seguida) depois de o amarrarem bem no alto da cabeça o repartem em grandes anéis, formando huma espécie de diadema.<sup>239</sup>

A adequação do *toilette* feminino em relação aos ambientes freqüentados também foi outro assunto abordado. No espaço dos grandes centros, como o da Corte, predominava a exuberância dos rigores das modas. Já entre os verdes campos, a liberdade, a simplicidade e o belo natural ganhavam seu esplendor: “He melhor, entre os verdores/ Do campo, ver se a belleza/ Juntando o gosto singelo/ Ao simples da natureza./As alvas caças, as chitas,/ E tudo o que gosto tem,/ Não sendo setins e sedas,/ No campo parecem bem”.<sup>240</sup>

<sup>235</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 23/12/1841, nº 71.

<sup>236</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>237</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 01/10/1842, nº 72.

<sup>238</sup> *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, [?]/10/1827, nº 2.

<sup>239</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 21/06/1830, nº 34.

<sup>240</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 01/10/1842, nº 72.

Os homens rigoristas também podiam informar-se sobre a moda em voga para seu sexo nesses jornais. Para eles a *toilette* era composta de golas “estretas” e de “simples altura”; de “calsas de palas” (“estretas ou largas”) e ainda as “com bolsos e orelhas transversos na frente”; os coletes “com bicos e compridos”; as camisas “de fofos” e de “pregas”, as gravatas; os lenços e as sobrecasacas. Por “gostos correntes”, tudo em flores, listas e cores escuras.<sup>241</sup> A busca pelo apuro no trajar do sexo masculino da Corte é assim descrita pelo *O Espelho Diamantino*:

O Inglez rico tem o alfaiate, o Sombreiro, e ao Çapateiro em (London); o Francez mais modesto compra seus vestidos no Rio, mas feitos em frança. O Allemão veste huma casaca vinda de Hamburgo, entretanto os Petimetres do supremo bom tom, nesta Corte, tem adoptado huma moda mixta, na qual o apurado Toiletta Inglesa realça com o fantástico da Francesa. Para as personagens de alta jerarquia e empregos eminentes, o mais decoroso traje para companhias he o preto com roupa branca de cambraia finíssima, sem bordado, nem listas.<sup>242</sup>

Com muito receio e de forma até mesmo alarmante foram noticiadas como o “luxo e as estrangeirices” invadiam a sociedade brasileira das primeiras décadas oitocentistas. É possível encontrar menções em tom pejorativo relatando, por exemplo, que “o luxo e as modas exóticas e trapalhonas” ganhavam cada vez mais espaço na Corte, graças à “sagacidade estrangeira” que com suas “bugigangas douradas [...] encantão e seduzem o coração”<sup>243</sup> dos homens e das mulheres rigoristas.

Segundo Gilberto Freyre, no Brasil dos últimos anos do século XVIII e da primeira metade do século XIX, as pessoas e o seu estilo de vida sofreram um intenso processo de “europeização”: dever-se-ia “cumprimentar à francesa”, conversar fluentemente em francês ou inglês e tocar com maestria valsas românticas nos refinados pianos. Momento em que se tornava constante a imigração dos europeus das mais diversas nacionalidades em nossa terra, atuando nas mais variadas profissões (modistas, dentistas, médicos, professores, governantas, pedreiros...) e, por conseguinte, influenciando na remodelagem da educação, da arquitetura, da alimentação, da decoração e, claro, da moda.<sup>244</sup>

<sup>241</sup> Idem.

<sup>242</sup> *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, [ilegível]/10/1827, nº 2.

<sup>243</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 12/08/1831, nº 87.

<sup>244</sup> FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, 1º tomo, p. 334 e 335. Em relação à moda, o autor afirma que “as deficiências ou os excessos de formas de corpo que não

No *O Mentor das Brasileiras* encontramos um artigo que trazia o luxo como uma questão importante na definição dos destinos das nações, sendo considerado um ponto reflexivo que dividia os “escritores políticos” entre as idéias de perniciosidade e utilidade. Frente a esses debates, não relatados com detalhes no texto, temos a condenação taxativa do “luxo demasiado” seguido por diversas civilizações. Nesse sentido foram lembradas as “lições de experiência” que compunham a história de “não poucos exemplos de corrupção dos povos pelo luxo” como, por exemplo, “os antigos persas [que] apesar de pobres forão virtuosos no tempo de Cycero; porém da conquista da Ásia, donde trouxerão o luxo, elles se corromperão”.<sup>245</sup>

Ao lado dos erros do passado emergia o descompasso entre o luxo excessivo e o momento político vivenciado no Brasil, momento de busca pelo princípio, entre outros, da “igualdade”. Se anteriormente, nas denominadas “Monarchias puras”, o luxo era utilizado como um instrumento simbólico “para distincção de certas classes, cuja preponderancia mais consiste em huma ostentação apparente [...]”,<sup>246</sup> no século XIX, diante de uma nova situação política, o que deveria prevalecer era “o merecimento próprio” responsável por ascender o homem aos empregos eminentes, onde a estimação das virtudes civis, e políticas está acima de todos os prejuizos do seculo [...]”.<sup>247</sup>

Nesse contexto, a ostentação e o apego as “estrangeirices” somente alimentaria o “esnobismo” e a distinção pelos sinais exteriores da vestimenta em uma época desejosa que o destaque ocorresse através das qualidades pessoais de cada um<sup>248</sup>, principalmente pelo exercício “da simplicidade a qual fazendo de alguma sorte os cidadãos iguaes, faz desaparecer as rivalidades, que tanto mal causão as sociedades”.<sup>249</sup>

*O Mentor das Brasileiras*, apoiado nas idéias do *Correio Mercantil* transcritas no seu número quarenta e nove, apresentou um bem estruturado discurso enfatizando o perigo do luxo na construção de uma nação livre e assentada na tão propalada “igualdade”. A partir da notícia que a rainha da Inglaterra tomou a decisão de apenas utilizar produtos nacionais (vestuário, mobília,...) em detrimento dos estrangeiros foi desconstruída a idéia de utilidade

---

correspondem às modas de Paris e de Londres foram sendo corrigidas por meios de unguentos, cosméticos, dentes e cabelos postiços, ancas, tinturas para barbas e cabelos, espartilho”. A deformação do corpo feminino, segundo Freyre, começava cedo pela utilização de um “vestuário compressor” e “maiores restrições à atividade física”. Idem, p.104 e 117.

<sup>245</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/04/1830, nº 22.

<sup>246</sup> Idem, ibidem.

<sup>247</sup> Idem.

<sup>248</sup> Retirado da *A Mulher do Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 16/03/1832, nº 119.

<sup>249</sup> Retirado do *Correio Mercantil* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 05/11/1830, nº 49.

do luxo estrangeiro para as nações baseada na argumentação de “que elle anima a industria , faz circular as especies, e pode multiplicar as origens da opulencia, e da população [...]”.<sup>250</sup>

Na realidade, segundo o texto, o que se deveria levar em conta não era a “noção geral” normalmente usada para se referir ao luxo, mas sim sua definição como “toda a despesa, ou precisão apparatusa, que tende mais para a ostentação, que para hum verdadeiro prazer, e que se exercita mais sobre os objectos de fantasia, do que sobre os de valor real”.<sup>251</sup> Tendo essa definição em mente era preciso estar atento para como cada nação em suas particularidades posicionar-se-ia frente a essa questão, pois uma atitude irreflexiva poderia trazer diversos males.

Ademais, os “bons governos”, continuava o texto, possuíam a consciência do minguado “proveito” que o luxo propiciava. Enquanto a agricultura e a indústria forneciam os meios necessários para a subsistência e manutenção da população “[...] o commercio (vehiculo do luxo) quando por algum caso imprevisto sofre algum golpe, immensas familias, que delle se sustentavão, ficão sem abrigo, e expostas a miseria.”<sup>252</sup> Em consequência, a melhor atitude a ser tomada era priorizar as manufaturas, os inventores e os artistas nacionais. Nesse ponto, o governo brasileiro foi chamado a sua responsabilidade.

[...] os governantes são sempre os espelhos dos governados; embora aquelles chamem por esta, ou por aquella providencia, se nao são os primeiros a darem o bom exemplo, os povos jamais se deixão levar da força única das suas palavras. Se o nosso governo desse hum passo igual ao de Inglaterra, de certo faria nao pequeno beneficio ao Brasil, que por ser hum estado livre, onde se professa a igualdade, deve abandonar todo o fausto, ou ostentação de luxo, de que tanto alardeão os grandes por julgarem, que nisso se tornão senhores dos pequenos, quando então produz hum effeito contrario, depois que tanto se tem vulgarizado as luzes do século;[...].<sup>253</sup>

Constantemente o luxo nas páginas do *O Mentor das Brasileiras* assumia os ares do “mais forte inimigo da felicidade publica”. Inimigo em forma de vício que impregnava o Brasil de males físicos e morais e que sustentava “em alguns o carater de servidão”.<sup>254</sup> A idéia de vassalagem e submissão ficavam evidentemente associada à moda quando encontramos a

<sup>250</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 5/11/1830, nº 49.

<sup>251</sup> *Idem*.

<sup>252</sup> *Idem*.

<sup>253</sup> *Idem*.

<sup>254</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 09/12/1831, nº 104.

menção de uma “soberania dos figurinos”. A essa soberania os “Senhores e Senhoras rigoristas” são fieis e humildes vassallos, longe do ideal de “livres americanos”.<sup>255</sup>

As origens de tal mal, de acordo com o periódico, encontrava-se na herança deixada pela influência despótica da monarquia lusa e pelo legado do Primeiro Reinado: [...] mas o luxo plantado por d. João 6º, e regado pelo ex imperador causou nos sem comparação maior mal, e quase irremediavel, por isso que influindo sobre os costumes dos povos, os corrompeo.”<sup>256</sup> Não foi por acaso que *O Mentor das Brasileiras* retirou da *Mulher do Simplicio* uma critica mordaz da moda e do luxo estrangeiro entranhado na sociedade brasileira oitocentista pela educação até então recebida: “[...] Esse deleite Estrangeiro,/ Que insensível nos consome/ Nossos bons, nosso dinheiro./ Mas desse grande defeito/ A culpa nao temos nao;/ São prejuisos ganhadoss/ Pela nossa educação”.<sup>257</sup> Além disso, lembrou com um texto do *O Simplicio* a culpabilização da entrega da mocidade ao luxo não apenas pela sua própria inconseqüência – “Somos rapazes de bom gosto, e apreciamos as modas porque nascemos no seculo das luzes” -, mas também pelos vícios aprendidos com seus pais, os “papaizinhos da moda”.<sup>258</sup>

Havia também, ao lado dos lucros exorbitantes alcançados por esse comércio indesejável, ou no mínimo repreensível em seus exageros, o perigo dos estrangeiros (metaforicamente comparados a “sanguisugas”) que para cá traziam os seus negócios e extorquiam das famílias brasileiras até o ultimo real. Encabeçando a lista encontravam-se as modistas.

[...] alem de venderem em suas casa por miudas todas as fazendas roubadas aos direitos, apezar de todas as Leis experessas, levão pelo feitio de qualquer traste o tripulo, quando menos, do valor da fazenda de que he feito, e com differentes ardis mudão quotidianamente de modas, poem se na dependencia de serem procuradas, e necessarias para satisfazer aos caprichos do bello sexo, que desgraçadamente muitas vezes se corrompe, depois de haver arruinado seos pais e maridos! Custa encontrar huma mulher, á excepção das que mendigão, que não tragam fitas, e vestidos de grande custo, e pouca duração; e he este hum dos principios de grande corrupção.<sup>259</sup>

<sup>255</sup> Retirado do *O Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 06/01/1832, nº 108.

<sup>256</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 09/12/1831, nº 104.

<sup>257</sup> Retirado d’ *A Mulher do Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 16/03/1832, nº 119.

<sup>258</sup> Retirado do *O Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 06/01/1832, nº 108.

<sup>259</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 09/12/1831, nº 104.

Na *A Mulher da Simplicio* a parcela do sexo feminino rigorista também aparecia como o anti-exemplo das mulheres amantes de sua pátria. O “Maldito Luxo”, reforçava o periódico, era o “atraso”, a “miséria”, a “imoralidade”, a “desgraça” e o acinte a idéia de “Povo Brasileiro”. À nação o luxo desmedido para nada servia. Por isso as verdadeiras “cidadãs” brasileiras precisavam valorizar sua “formosura” e “graças naturaes” ao mesmo tempo em que deveria resplandecer nos seus vestidos o “dobrado patriotismo” costurado “A mão do nacionalismo”. O tempo dedicado a *toilette* na cópia das “coisas d’Europa”, segundo o jornal, era um erro – “Tal modas lindas meninas he muito perigosa , e feia [...]”<sup>260</sup> – gerador das aparências, das imagens fúteis e muitas vezes inapropriadas.

Logo, o maior “proveito” que uma mulher poderia oferecer a sua nação seria dedicar seu tempo em tarefas consideradas mais úteis e nobres, tudo para o bem do social e da liberdade. Assim convidava o jornal: “Deixai o Luxo senhoras,/ E tratai da educação;/ Dos vossos tenros filhinhos/ Esperanças da Nação/ Tende amor á Liberdade/ E puro nacionalismo;/ Que o luxo he filho da Corte/ Onde impera o despotismo.”<sup>261</sup> Em seu discurso as mulheres precisavam almejar um “título pomposo”, o de “seria Dama”, sustentado pela decência das vestimentas, pelo recato dos gestos e pelas prudentes nas falas.<sup>262</sup>

O *Mentor das Brasileiras* consciente da importância que as mulheres atribuíam a beleza dos artefatos e vestimentas, afinal ainda entendia-se que seus atributos físicos realçados pelos truques e tendências das modas também mereciam ser apreciados pelos homens, assumiu uma posição de certa forma condescendente com a “Deosa caprichosa”: “Com isto nao queremos que totalmente não haja algum adorno para as Senhoras; porem he a moderação, que nos aconselhamos; e he com ella que as nossas Patricias se tornarão mais felizes em qualquer estado.”<sup>263</sup> Felicidade inclusive no almejo do casamento, pois, a seu ver, as “luxuosas extravagantes” ao invés de conquistar acabavam por afastar em muitos casos os seus pretendentes receiosos, ora pela falta de “posse” capaz de sustentar sua esposa, ora pela abundância de “afflições” em função do luxo desmedido de suas cônjuges.<sup>264</sup>

As descabidas ações femininas em nome da moda receberam inúmeros versos da *A Mulher do Simplicio*. Um caso interessante relatado foi a da moda da fofaria (vestidos com grandes mangas recheadas de “prezuntos”). Segundo o jornal, diferentemente das mangas de “gigôs” que auxiliavam na impressão de cinturas grossas, “bem cheias”, a “nova fofaria”

<sup>260</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 04/09/1832, nº 8.

<sup>261</sup> *Idem*.

<sup>262</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 12/12/1835, nº 45.

<sup>263</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 22/10/1830, nº 47.

<sup>264</sup> *Idem*.

ditava a ordem da “cintura fina”. Assim, o jornal satirizava as mulheres adeptas desse tipo de manga denominando-as de “Moringuinhas da Bahia”.<sup>265</sup>

Impróprio parecia também na época mulheres mais velhas entregarem-se aos rigores das modas. As moças, por outro lado, embora com bastante precaução, era permitido o uso das “flores”, das “fitas”, das variadas cores para realçar sua jovialidade e atrair os olhares dos admiradores. De acordo com *A Mulher do Simplicio* triste figura fez determinada senhora de “cabeça embranquecida” quando ficou, “por se no rigor da moda, / Qual bella moça vestida”.<sup>266</sup> E prossegue:

[...]  
 Neste mundo, as coisas seguem  
 O seu curso regular:  
 Transtornal-as, he querer  
 A Natureza emendar.  
 [...]  
 As moças são que aproveitão  
 Dos verdes annos a flor,  
 P’ra modas, brincos, e enfeites,  
 Que as tornão mimos de amor.  
  
 As velhas tem suas contas;  
 São mais os pecados seos;  
 Cumpre-lhes deixar o mundo,  
 E encomendarem-se a Deos.  
 [...]<sup>267</sup>

Segundo os periódicos analisados, a corrupção do luxo também invadia o universo masculino, fazendo com que os representantes desse sexo afastassem-se da sensatez ao cair em dívidas e descrédito moral. Não era incomum, por exemplo, oficiais a “despender em dragonas, capacetes, e mais uniformes quase todo o saldo de hum anno, resultando que huma grande parte percão seo credito individando”<sup>268</sup> ou aqueles indivíduos entregues aos perniciosos faustos que observavam “com indiferença, ou antes com desprezzo o pobre official estropiado na guerra, ou envelhecido no serviço[...]; a viúva cujo defunto marido deu

<sup>265</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 28/03/1837, nº 54.

<sup>266</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 04/09/1832, nº 8.

<sup>267</sup> Idem

<sup>268</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 09/12/1831, nº 104.



á Patria seo descanso, seo sangue e sua vida, e a orfã á quem a fome conduz á prostituição, ou á morte.<sup>269</sup>

Os jovens “Adonis”, vazios de verdadeiros valores morais e de costumes, mereciam o escárnio – “ora quem deixará de rir, e de lastimar a fofice de taes embonecados?”<sup>270</sup> – e serem objeto dos interesses lucrativos dos estrangeiros que lhes prestavam serviços para compor a sua figura considerada anedótica e desapropriada para um homem. Sem piedade afirmava-se que “bem hajão os estrangeiros que delles tirão partido: hum raspa lhe os dentes; outro enverniza lhe os sapatos; este encrespa lhe o cabelo; aquelle finalmente impinge lhe agoa do poço por essência de rozas da Persia, e tudo isto precedido de dinheiro e mais dinheiro.”<sup>271</sup>

Retirados do jornal *Filho do Simplicio*, *O Mentor das Brasileiras* utilizava versos para chamar os *petimetres* (termo utilizado para designar pejorativamente os rapazes muito afeitos a valorizar as aparências) a maior ação que um homem pode prestar à sociedade que seria “Pelo Brasil dar a vida,/ Manter a constituição, / Sustentar a Independencia/ He a nossa obrigação.”<sup>272</sup> A devoção às modas, segundo os versos, os enlaçaria em um universo de ninharias, no qual o capricho nada mais fazia do que os manter “sempre em nescia lida”. A vaidade os tornaria homens fracos e levianos, antítese do que se esperava de um verdadeiro cidadão cheio de coragem e civismo.

Contra esse quadro de figura masculina inapta para a construção de uma nação civilizada e independente, aconselhava-se aos “petimetres” abandonar a “inclinação” para o desejo exagerado de ostentação e futilidade em prol de se transformarem em homens modelares de consciência e diligência, imbuídos do desejo de atuar no fortalecimento da pátria.<sup>273</sup>

As páginas do *O Espelho Diamantino* também serviram como veículo difusor do receio do modismo contaminar a sociedade em seu todo. Entretanto, se os homens e mulheres eram ambos suscetíveis aos encantos irresistíveis da moda, nas censuras cabiam dois pesos e duas medidas. Às mulheres eram dirigidas críticas com um tom mais enfático e enérgico.

Os homens triunfão quando discorrem sobre a sujeição das senhoras aos decretos da Moda, e entretanto talvez que ainda mais escravizados sejam pela volúvel deosa, e sem ter as mesmas desculpas. As Senhoras, obrigadas pelas leis da Natureza a

---

<sup>269</sup> Idem.

<sup>270</sup> Retirado do *Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 11/02/1831, nº 62.

<sup>271</sup> Idem.

<sup>272</sup> Retirado do *Filho do Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 19/08/1831, nº 88.

<sup>273</sup> Idem.

agradar aos homens, e quase sempre o não conseguem senão pela sua formosura e vantagens exteriores, estão na restricta necessidade de estudar os meios de relevarem a sua belleza, e de variarem os enfeites que a acompanhão, em quanto que aos homens que se appresentão na sociedade com as vantagens do valor, da sciencia, dos empregos, e da industri, nada diz também como hum modo de vestir singelo, se bem que limpo, e mal se pode conceber que a futil occupação de aperfeiçoar os seos trajes, consumindo horas e horas, combine com os estudos, e trabalhos serios, e que o Petimetre apuradinho que se meneia na rua com a cintura tão delgadinha, e o pé empresionado n'hum botizinho bom para uma criança, venha a ser algum dia hum cidadão corajoso e interessante. Entretanto, temos exemplos de homens grandes e heroes, que muito apuravão a sua toilette por tanto no não reprehendemos tanto a sujeição dos homens Às modas, como elles querem inculpar as senhoras e às censurar da mesma fragilidade.<sup>274</sup>

As críticas abrangiam o perigo das inversões de valores que os indivíduos “afrancesados” engendravam ao seguir cegamente a cultura estrangeira: “[...] modas, tafularias e depósitos he o nosso pão de cada dia, entretanto que a instrução, a moralidade e a economia como não são mercadorias decretadas pelos figurinos não valem a pena de se lhes prestar muita attenção!”<sup>275</sup> Inversão que punha em cheque a formação de homens e mulheres comprometidos com os bons costumes e com o bem da pátria, uma vez que estas valorizavam ao extremo seus desejos incessantes e aqueles por propiciar, em momentos de fraqueza, a satisfação inconseqüentemente do prazer e das ostentações a si mesmos e as suas mulheres.<sup>276</sup>

Para os redatores o rigorismo transformava as mulheres em “cabecinhas oucas” que em nome de adornos, enfeites, e tecidos, passavam a dar as cartas enquanto seus maridos satisfaziam, como servos, seus “caprichos” por receios de “caretas e arrufos”. Dessa inversão de valores tradicionais dos lugares e funções específicas destinados a cada sexo decorria a desordem social: o homem era tiranizado com um “pesado e despótico ônus” e as mulheres esqueciam-se dos deveres de “boa Esposa e boa Mãe”.<sup>277</sup>

No *O Mentor das Brasileiras* às mulheres foi indicado a busca pela simplicidade. A mesma simplicidade de vestir e portar-se das mulheres gregas, relacionadas normalmente aos valores de patriotismo e heroísmo, que cativavam “pela singeleza de seos costumes, innocencia de seo semblante, e simplicidade de seos vestidos, e elegancia de seo talhe [...]”<sup>278</sup> A partir dessa imagem feminina grega modelou-se a figura da “Deidade Brasileira”, na qual

<sup>274</sup> *Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, 15/10/1827, nº 3.

<sup>275</sup> Retirado do *Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/01/1831, nº 60.

<sup>276</sup> *A Mulher do Simplicio*. Rio de Janeiro, 01/12/1842, nº 72.

<sup>277</sup> Retirado do *Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/01/1831, nº 60.

<sup>278</sup> Retirado do *Tribuna do Povo* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 04/03/1831, nº 65.

os dotes físicos (cabelos, rosto, corpo) eram realçados por ornatos singelos que exalavam valores, tais como: inocência, simplicidade de costumes, elegância e “heroicidade formosura”. E, por fim, exclamava:

Ah! Pintura encantadora! ..... possuem as nossas Patricias sentir estas verdades, e fazer a felicidade da Patria; he esta simplicidade que acabamos de expor, a que anima o valor dos que combatem pela Liberdade, e pela salvação da Patria; he essa simplicidade a que outro o excita os rasgos de heroísmo, os prodígios de valor, e do mais sublime Patriotismo. Brasileiras, a Patria confia em vos, a gloria vos convida, a Posteridade vos espera.<sup>279</sup>

Outra tentativa de construir um ideal feminino a ser seguido pelas leitoras é encontrada no número cento e vinte e cinco do mesmo periódico, no qual foram utilizadas as idéias do *O Simplicio* sobre a diferença entre as mulheres “tafuleiras” e as mulheres “prudentes”. Através da descrição de uma festa de batizado, o periódico deixava transparecer essa diferença. Detenhamos na cena relatada:

[...] os convidados forão em tão grande numero, que nao havia mais a desejar; e em quanto huns criticavão dos outros (brincadeira), começarão as meninas a participar humas às outras, as modas, que tinhao mais acceitação, e os namoros que havião começado na primeira dominga da quaresma, em quanto o pregador ralhava com os surdos ouvintes: algumas Senhoras tambem, por nao se finalisar a conversa, fizerão ver: huma, as gracinhas do seo Lú-Lú, que ainda bem nao tinha anno e meio, já mandava o pai à fava; outra gabava as bondades do Sr. Manoel, porque ia todos os dias à rua do ouvidor, tirar com o lapis o desenho dos trépas, e comprar galanterias; e finalmente aquellas que sabião dar valor somente àquillo que he util e proveitoso, conversavao em economias, em educação dos filhos, e mesmo nos meios faceis que ha, para as Senhoras se adornarem sem entregarem aos estrangeiros o custoso suaor de seos pais ou maridos.<sup>280</sup>

Estabelecido esse universo social de frivolidade (“começarão as meninas a participar humas às outras, as modas, que tinhao mais acceitação, e os namoros que havião começado na primeira dominga da quaresma”), de desapego aos valores cristãos (“o pregador ralhava com os surdos ouvintes”) e morais (“as gracinhas do seo Lú-Lú, que ainda bem nao tinha anno e meio, já mandava o pai à fava”), percebemos que *O Simplicio*, apoiado pelo *O Mentor das*

<sup>279</sup> Idem.

<sup>280</sup> Retirado do *Simplicio* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 04/05/1832, nº 125.

*Brasileiras*, depreendia uma visão de ideal feminino representado pelas senhoras sensatas, comedidas. Em outras palavras, as que se preocupavam, por exemplo, com o que era conveniente, com a família e com a parcimônia nos gastos. Estas sim mereciam figurar como legítimas Brasileiras: “Eis aqui as verdadeiras Brasileiras; são estes os encantadores feitiços dos homens de bem: quem possui hum tal thesouro deve saber o gosto que tem morar no ceo!”<sup>281</sup>

Na tentativa de agradar os homens o que se desejava era o respeito das mulheres ao “pudor” e à “modéstia”, pois “huma paixão facilmente satisfeita trás consigo o desprezo, que acompanha tudo o que por pouco se compra”.<sup>282</sup> Da transcrição de uma carta direcionada ao *Farol Paulistano* que tratava da tradução de uma obra, segundo o correspondente,<sup>283</sup> “commendavel por seos excellentes princípios de moral, e de política”<sup>284</sup>, *O Mentor das Brasileiras* aliou-se ao interesse daquele em orientar adequadamente as “Senhoras em geral” e aos jovens que caminhavam errantes nos costumes das “Grandes Cortes”.

Resumidamente, podemos afirmar que o texto traduzido pregava a idéia de que a distinção das pessoas abrangia as sólidas qualidades físicas e morais de cada individuo ao invés dos volúveis ditames da moda, responsáveis em fomentar apenas o imoral “desejo de agradar” pela exterioridade.

Por suas mesmas graças naturaes he que a mulher deve brilhar, e nao por meio de ornatos, que a sobrecarregao, e desfigurao sem com tudo embellecê-la. Ha somente huma observação approvada pelo bom gosto, e confirmada pela razao; vem a ser, usar de vestidos, e ornatos, cujas cores guardem harmonia com a côr da pelle, e dos cabellos, bem como com o character da physionomia.<sup>285</sup>

O texto ainda ressaltava que as verdadeiras regras do bom gosto preconizavam a preocupação maior com questões como “asseio”, a “decência” e o “bom senso” e que tudo mais - “hum cuidado minucioso empregado no toucador, huma affectada exquisitece ou extravagância na maneira de vestir [...]” – representava a existência de sentimentos levianos prejudiciais tanto para o espírito (“puerilidade” e “frivolidade”) quanto para a realização dos

---

<sup>281</sup> Idem.

<sup>282</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, [data ilegível], n° 79.

<sup>283</sup> Infelizmente não há nenhuma indicação de quem seja o correspondente ou de qual obra o mesmo se refere.

<sup>284</sup> Retirado do *Farol Paulistano* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/05/1830, n° 26.

<sup>285</sup> Idem.

deveres sociais (“relaxação”, “negligência”, e “desgosto”).<sup>286</sup> Posicionamento já exposto anteriormente pelo periódico *O Espelho Diamantino*, cuja idealização de uma mulher perfeita exortava a higiene e o bom-senso nas escolhas dos ornatos e vestimentas.<sup>287</sup>

As fábulas também foram utilizadas como um meio para criticar o comportamento feminino de cultivar a beleza física em detrimento dos cuidados com os “dotes do espírito”. Como exemplo podemos citar a narração alegórica referente a uma raposa que encontrou ocasionalmente uma bela máscara de teatro inspiradora de admiração num primeiro momento. Contudo, após um detido exame, a raposa chegou a seguinte conclusão: “O’ quanta perfeição tem esta mascara, mas não tem miolo”.<sup>288</sup>

Em seguida à exposição dessa fábula, *O Mentor das Brasileiras* iniciava reflexões sobre a lição moral contida no caso envolvendo as personagens. Em sua opinião, as mulheres não deveriam ser consideradas máscaras que refletissem formosuras e disfarçassem o vazio de um “espírito desanimado”, alvos dos escárnios de sagazes homens, as raposas, que apenas encontravam o tédio e o fastio em suas relações com o sexo oposto. Com isso dito se invocava, por um lado, o rebaixamento que as mulheres se submetiam ao vislumbrar para si apenas o destino de objectos atrativos para os olhos como meras “figuras pintadas”. E, por outro lado, acrescentava como “a formosura que he acompanhada da virtude cativa o entendimento e o coração, e forma objecto que he infinitamente mais nobre”.<sup>289</sup>

As biografias sobre algumas personalidades femininas de distintas épocas também eram utilizadas no sentido de favorecer, através do seu carácter exemplar, a inspiração das leitoras em seguir as trajetórias das “heroínas” de seu sexo, cuja visibilidade evocava o reconhecimento de sua boa atuação na sociedade e de sua excepcionalidade. Diferente não seria sua utilização na demonstração de que as mulheres “podem avançar além das modas, e de hum estreito circulo de anedotas”.<sup>290</sup> A virtude e a instrução eram os grandes sucessos que as mulheres deveriam almejar.

Dentro desse panorama estava a biografia de Anna Le Febre Dacier (1631-1720), descrita como “respeitavel e douta mulher”. A sua erudição<sup>291</sup>, conseguida com os

---

<sup>286</sup> Idem.

<sup>287</sup> *Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, 15/10/1827, nº 3.

<sup>288</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 08/02/1830, nº 11.

<sup>289</sup> Idem.

<sup>290</sup> Retirado da *Aurora* no *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 19/11/1830, nº 51.

<sup>291</sup> De acordo com o artigo biográfico Ana destacou-se na “Republica das Letras”: “Em 1673, ella se annunciou em a literatura, pela sua edição de Cullimaco, enriquecida de notas, que mostrao a mais profunda erudição. Logo depois, Madame Dacier publicou os Commentarios sobre muitos autores para uso do Delphim..... Em 1674 publicou Flores; em 1684 Aurelias Victor; em 1685 Eutropio; Dictys de Creta em 1684. Ella precedeo todos os sábios, que forao encarregados de interpretar os autores latinos, para a educação do Principe.” *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 22/02/1830, nº 13.

ensinamentos de seu pai, era envolta pelos alicerces de “sua virtude, firmeza, generosidade, igualdade d’alma, e modéstia.” Em recompensa a tais talentos e prendas, a sua vida não poderia ter sido mais venturosa: “Dacier viveo com seo marido em huma perfeita uniao. Hum filho, e duas filhas forao os frutos deste laço formado pelo espirito, e pelo amor”.<sup>292</sup>

As mulheres não ficaram silenciosas frente ao debate que se construía em torno da moda e do luxo. Contudo, essas “falas” surgidas entre brumas nos jornais, expressão de certa postura feminina ativa e autônoma de pensar e de se posicionar frente a sua realidade e interesses, foi relacionada, como encontrado no *O Mentor das Brasileiras*, a uma personalidade semelhante a infantil exemplificada pela dita inclinação da mulher a “pirraça” e à indisposição a contrariedade.<sup>293</sup> Evidência disso foi o caso relatado de uma mulher que expôs sua indignação frente às censuras do *O Simplicio*.<sup>294</sup>

[...] o nosso Simplicio tem declamdo contra o luxo, e o tem mesmo ridicularisado huma maneira tal, que parecia impossivel, que as nossas Jovens não se envergonhassem dos despropositos, que formão em seos dias, que veio á nossa mão hum vestido de huma Senhora, cujas mangas (de mangação) pareceo-nos recheada de cousa que parecia papel; com effeito tivemos a curiosidade de revolver a tal presuntada; mas qual não foi a nossa admiração, quando vimos que a Senhorita os fabricara mesmo da folhas do Simplicio? não pudemos suppôr hum simples accaso, porem hum espirito de vingança, sem duvida em desforço dos ataques que ao sexo das graças tem feito aquelle rispido sensor; [...]<sup>295</sup>

Já a correspondente *Sentinella do Mentor* levantou-se contra a ausência de artigos acerca das novidades das modas no periódico saojonense: “Bem certa estou, que v. m. prometteo no seu prospecto dar nos alguns artigos sobre modas, a cujo promettido satisfez em parte no N. 6, porém até agora nao tem aparecido mais artigo algum a semelhante

---

<sup>292</sup> Idem.

<sup>293</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 03/02/1832, n.º 112.

<sup>294</sup> O periódico *O Simplicio*, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1831 e 1833, foi largamente utilizado pelo *O Mentor das Brasileiras* em suas inúmeras tentativas de desqualificar o luxo e as modas extravagantes através de várias transcrições de seus artigos satíricos e repreensíveis a respeito de tais objetos de reflexão. Eis, portanto, o porquê da reação tão negativa por parte da correspondente que tentou dar ao *Simplicio* uma reprimenda a mesma altura das censuras destinadas a seu sexo. O início da circulação do *Simplicio* mereceu uma nota enaltecedora nas páginas do jornal mineiro: “Publica-se agora no Rio de Janeiro em pequeno formato huma nova folha intitulada o Simplicio, que tem por fim censurar com graça o vicio do nosso século; este escriptor nos parece ser de hum gênio gracejador, e se bem que não se proponha a tratar de Politica, nao deixa com tudo de dar suas pennadas sobre alguns actos irregulares do Governo”. *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/01/1831, n.º 60.

<sup>295</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 03/02/1832, n.º 112.

respeito[...].<sup>296</sup> Esse descuido com os ditames da moda que circulavam na época, continuava ela, trazia serio risco para a jornal frente ao bom acolhimento e conceito junto ao seu público leitor.<sup>297</sup> Por meio das palavras da *A Sentinella...* percebemos que as “doutrinas” do periódico eram bem aceitas, mas só isso não bastava. Igualmente era preciso respeitar os interesses femininos por certos assuntos que lhes eram caros, que lhe denotavam de alguma maneira a sua individualidade em relação ao sexo oposto.

Em outro caso encontramos na seção *São João Del Rei* um texto no qual foi transcrito a conversa entre duas senhoras rigoristas. Nessa conversa estavam expressas as indignações femininas em torno das censuras sofridas por sua atração as novidades das modas: “Irra! He muita oppressão! Nao querem que tenhamos alguma enrança na representação publica, onde elles adquirem a gloria, e o renome, e nem ainda se nos permite ao menos dar parte ao nosso gênio na variedade das modas”.<sup>298</sup> Em prol de seu sexo uma das mulheres recorria ao universo masculino para demonstrar o quão volúvel também eram os homens. O que significava dizer que nos dois universos, o masculino e o feminino, encontravam-se o mesmo defeito, isto é, “o gênio variável”. Dessa forma, tornavam-se despropositados, ou até mesmo hipócritas, os ataques a sua autonomia de seguir seus gostos e entregar-se a seu bel-prazer às múltiplas e variadas tendências das modas.

E não teremos nos razão das censuras, que nos fazem na simples mudança das formas de nosso traje? Não gostao os homens tanto de que na Constituição do Estado tenha o Art. 174 para fazerem as mudanças que querem na forma de seo Governo? Como pois querem vedar, que nao tenhamos também o nosso Art. 174 na Constituição das modas? Não, minha amiga, não consitamos em tal prohibiçao; a natureza dá a todos o gênio variável; a diversidade do sexo he huma circunstancia meramente accidental.; para que pois seremos nos sos censuradas de gênio vario, se esses que de tal nos censurao cahem no mesmo defeito? Reflecta se com elles procedem naquillo, que tem o império; veja se as diversas formas de governos, que eles querem estabelecer, veja se as variedade de leis que sahem dessas Assembléas; note-se as multiplicadas providencias que descem dos tribunaes, que embraçao humas as outras, e os subtidos nem sabem á quantas andao; e não poderemos nos chamar =, à isto também reformas à moda, ordem à moda, e leis da moda?<sup>299</sup>

Esse discurso remete-nos às palavras de Gilda de Mello que destacam a moda para as mulheres oitocentistas como “a grande arma de luta entre os sexos e na afirmação do individuo dentro do grupo”. Assim, por um lado, a mulher encontrou na moda uma maneira

<sup>296</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 10/03/1830, n° 19.

<sup>297</sup> *Idem*.

<sup>298</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 02/03/1832, n° 117.

<sup>299</sup> *Idem*.

permitida de expressão. Apoiou-se nela para a construção de sua pessoa, para o desnudar de sua alma (materializada nas cores, nas formas e nos tecidos), transformando seu corpo em uma espécie de “obra de arte”. Por outro lado, a moda permitiu-lhe estabelecer diferenças no interior de seu próprio grupo. Nesse sentido, o sexo feminino estabeleceu um verdadeiro “estilo de existência” marcado menos pela vista exuberante dos trajes do que pela “maneira de usá-lo, de fazê-lo concordar com o seu corpo e a sua alma”. O controle dessa arte de vestir e postar-se favorecia a distinção entre suas congêneres menos habilidosas nas graças das maneiras.<sup>300</sup>

De uma forma geral, podemos afirmar que os jornais aqui citados sabiam da extrema importância de oferecer informações sobre as modas da época, utilizando-as como uma estratégia para angariar mais leitoras. Contudo, não abriram mão de doutriná-las nesse quesito ao demonstrar que deviam proceder pela virtude, pela razão, pela economia e pelo patriotismo, única maneira de alcançar um estado de estima na sociedade. Afinal, como afirmou *O Mentor das Brasileiras*, seguir as excentricidades e inconstâncias das modas levava apenas ao “engano” em um momento que na política acreditava-se que “O Tempo de enganar os homens [...] já estava acabado”.<sup>301</sup>

### 3.3 Relações amorosas e vida doméstica

O artigo intitulado *Os pretendentes da moda ou A mão de quarenta contos* publicado no periódico *A Mulher do Simplicio* relatava uma história cuja única função, a seu ver, era tornar-se um aviso para o perigo constante que as jovens inocentes estavam sujeitas. O “perigo” nesse caso era, como o próprio título já prenunciava, os “pretendentes da moda”, os homens cheios de “paixão ambiciosa” que vislumbravam se comprometer apenas com mulheres ricas almejando a apropriação maliciosa e descarada de seu dinheiro.<sup>302</sup>

A história descreveu minuciosamente o caso de uma moça rejeitada cinco vezes por interesseiros pretendentes, que ao mais rápido conhecimento de sua falta de fortuna fugiam deixando a pobre jovem completamente desiludida. Devido a uma reviravolta do destino, ou

---

<sup>300</sup> SOUZA, Gilda de Mello e, Op. cit., p. 89, 100 e 106.

<sup>301</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 18/02/1831, n° 63.

<sup>302</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 22/12/1842, n° 73.



melhor, pela piedade de um moribundo tio que lhe deixou por herança quarenta contos de réis, o seu destino como “solteira” desvaneceu e em seu lugar surgiu a visão da moça “loteria”. O seu tutor diante da profusão de pedidos de casamentos para a nova rica jovem adotou uma postura cuidadosa: “exigiu que os pretendentes/ As garantias mostrassem/ D’ honra, costumes, e emprego, / E tudo issto acreditassem”.<sup>303</sup>

Dos vários pretendentes apenas seis foram escolhidos pelo tutor, o qual inteirou a jovem de tal seleção. Sendo os cinco primeiros os mesmos que a tinham pretendido no passado e a abandonado, a moça escolheu o sexto rapaz que lhe devotou amor sincero na época de sua modesta vida. Finalizada a história, o jornal fez uma reflexão dedicada a todas as jovens desejosas de se casarem acertadamente. A elas ficava o desafio de estarem atentas para não se entregarem ao amor que “Se torna depreciado, como coisa, que se vende/ pelas praças do mercado!”, infeliz costume, segundo o jornal, que se instalava entre as famílias brasileiras por causa dos malefícios do luxo e dos bailes.<sup>304</sup>

A crítica, portanto, voltava-se para os jovens que se casavam não pelos honestos “impulsos do coração”, mas sim pelos prazeres que lhe podiam proporcionar o enlace matrimonial “[...] com senhora/ que cheira bem a dinheiro”. Em lugar da construção da “família honesta” ocorria o “arranjo de vida” que destinava as mulheres com dignos dotes espirituais a um desventuroso futuro, envelhecer solteiras.<sup>305</sup> Permanecendo na condição de celibatária, a mulher seria:

Abusada não só pelos homens, como pelas mulheres casadas. Era ela quem nos dias comuns como nos de festa ficava em casa o tempo todo, meio governante, meio parente-pobre, tomando conta dos meninos, botando sentido nas escravas, cosendo, cerzindo meia, enquanto as casada e as moças casadouras iam ao teatro ou à igreja.<sup>306</sup>

É possível afirmar que nas primeiras décadas do século XIX surgiu um crescente interesse em fomentar casamentos baseados em estima mútua. Nesse sentido, no ano de 1831,

---

<sup>303</sup> Idem.

<sup>304</sup> Idem. Em outro texto o jornal descreve alguns atos considerados indecorosos para as jovens da época praticados nos encontros sociais. Atos que nada agradariam homens prudentes e honrados na procura de um casamento com mulheres de mesmas qualidades, tais como: conversar “segredinhos”, sorrir de forma maliciosa e provocante, proferir “palavrinhas” inapropriadas junto às amigas e aproximar-se demasiadamente dos homens. *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 12/12/1835, nº 45.

<sup>305</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 22/12/1842, nº 73.

<sup>306</sup> FREYRE, Gilberto. Op.cit., p. 127.

*O Mentor das Brasileiras* estabeleceu o dote como prática necessariamente repreensível. Após apresentar um conto sobre a prudência paterna que, frente ao pedido de casamento de um rapaz de família abastada feito a sua única filha, aconselhou a mesma optar por marido um jovem mancebo de mesmos valores morais, instrução e costumes, o periódico mineiro expressou contrariedade pelo dote que acompanhava as moças lançando-as em “hum vil tráfico de interesse”,<sup>307</sup> situação frequente no Antigo Regime. As leis seriam fortes aliadas contra esse nocivo costume. A sua extinção favoreceria as uniões mais estáveis através do redimensionamento dos motivos de preferência para a futura esposa: o merecimento. Ou seja, o dote deveria ser os predicados morais trazendo a razão como o guia para a escolha do cônjuge. Segundo *O Mentor das Brasileiras*,

A avaresa suffocada acautelaria os pezares; as virtudes das mulheres animarão as nossas; os filhos serão mais vigorosos, mais estimados, mais bem tratados; o casamento acharia menos obstáculos, a situação seria menos indícisa, e todas as origens da felicidade circularão com mais facilidade.<sup>308</sup>

Igualmente interessante foi o discurso sobre os casamentos baseados na superficialidade das aparências: “Vi, gostei, quero cazar”. Esse erro no proceder dos jovens acabava em ruinosos casamentos originados em enganos desde os primeiros contatos dos cônjuges (na falta de conhecimento da personalidade, das condições financeiras e da benção paternal). Nesse assunto o conselho oferecido às mulheres era assumir uma postura judiciosa durante a escolha de seu par, inclusive respeitando a vontade da família, de não se entregar ao luxo demasiado, de freqüentar a boa sociedade convenientemente para adquirir civilidade e no mais desdenhar tudo “o que não presta”.<sup>309</sup>

O casamento realizado sem qualquer aceitação ou afeição do futuro casal, para *O Mentor das Brasileiras*, gerarva um teatro funesto, no qual os protagonistas eram envoltos em uma existência infeliz e possivelmente desonrosa. No discurso do jornal sanjoanense a família era o centro da existência humana, cujo ciclo – nascer, viver e morrer - completava-se. Ademais, era na vida privada que se encontrava “hum retiro simples, e hum asilo contra os desgostos do Mundo”. O casamento, sendo responsável pela formação da família, a base de todas as demais relações sociais entre os homens, merecia uma atenção especial, pois seu desacerto causava danos irremediáveis para os bons costumes, sobretudo na valorização da

<sup>307</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/01/1831, nº 60.

<sup>308</sup> Idem.

<sup>309</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 12/12/1835, nº 45.

verdade, da simpleza, da amizade e da afeição.<sup>310</sup> A ausência de entrosamento entre os consortes antes do enlace definitivo que os unia acabava por destinar a mulher ao fingimento e o homem à tirania.<sup>311</sup>

Em alguns casos, continuava o periódico, as mulheres eram consideradas de certa forma “privilegiadas” por conseguirem furtivamente, através das gelosias, ter visão prévia do pretendente ou pelos prejuízos da educação, que enganavam o seu “frágil” coração, criar amor ou simplesmente tolerância a este. Contudo, o que prevalecia era uma situação aterradora iniciada nos primeiros passos para o altar. Com o marido a postos, a esposa “palida” e “afflicta” quando percebe que o seu destino é inevitável: “Em fim abandona se sem força entre os braços de sua mai, treme; hum suor frio corre pelo seo rosto, parece experimentar as agonias da morte quando deve olhar face a face seo marido, ou aproximar a sua mão à delle.”<sup>312</sup>

Contra essa brutal visão, *O Mentor das Brasileiras* estabeleceu um ideal de felicidade conjugal alcançado pela união de homens e mulheres baseada na igualdade de bens<sup>313</sup> e sentimentos, que lhes favoreceriam penetrar num ambiente de amizade duradoura e equivalência de pensamentos, vontades e virtudes.

Cada hum acha no objecto, que ama universo de delicias: sim acha tudo, o que a imaginação pode criar de mais brilhante, e o que a esperança pode prometter de mais appetitoso! A verdade, a bondade, a honra, a ternura, o amor, em fim os mais ricos presentes do ceo, todos lhe são concedidos como premios da sua boa uniao, e em pouco tempo entrao a ver crescer em roda de si huma posteridade abundante, e feliz: as flores da infancia vao se abrindo diante de seos olhos, e cada dia huma nova graça, huma nova formosura ornao os doces fructos de seos amores;[...]<sup>314</sup>

A áurea amorosa que deveria enlevar os cônjuges, segundo o jornal, era aquela do “amor virtuoso”, fruto da soldagem das “doces leis do amor” com “as da virtude”, distante dos desvarios, evasão ou sofrimento. Esperava-se deles uma existência “sempre creadora de

<sup>310</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/01/1831, nº 58.

<sup>311</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 10/06/1831, nº 78.

<sup>312</sup> Idem.

<sup>313</sup> No discurso do *O Mentor das Brasileiras* a desigualdade de condições e de riqueza afetava principalmente as mulheres “[...] para as quaes de ordinário he melhor descer do que subir, e assegurar-se do imperio do agradecimento, do que expor se ao arrependimento de hum homem, que lhe fará lembrar talvez cada dia, que a considera como o principal obstaculo de sua ambição, ou de sua felicidade.” *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 21/01/1831, nº 59.

<sup>314</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 15/07/1831, nº 83.

acções honradas”, visto que em suas mãos estava o futuro de “huma alma toda nova”, os filhos, “retractos tanto das virtudes de seo pai como da belleza e agrados de sua mãe”.<sup>315</sup>

As engrenagens da relação conjugal precisavam funcionar com os dois sexos exercendo cada um os seus respectivos papéis em equilíbrio e complementariedade. A “dependência” que surgia desse tipo de relação servia para finalizar a propensa “discórdia eterna” entre os consortes. Nas palavras do *O Mentor das Brasileiras*, “com tal dependência hum do outro, que do homem he, que a mulher aprende o que he preciso ver, e da mulher o homem aprende o que he mister obrar”.<sup>316</sup>

Dessa maneira, a harmonia familiar também foi creditada ao homem. Esperava dele um comportamento de chefe de família pautado pela dignidade e pelo desvelo ao invés de demonstrações de ingratidão e falsidade; “Sêde mais justos/ Mais commmedidos/ Como amadores/ Como maridos/ Que as vossas barbas/ Serão honradas/ Por nós, solteiras/ Por nós, casadas!..”<sup>317</sup> Na *A Mulher do Simplicio* a dupla moral que regia a sexualidade tornava-se alvo de críticas costumazes. O amor feminino repleto de abnegação e fidelidade contrastava com a descrição de atitudes masculinas que conduziam as mulheres a enganar e ao sofrimento pelas traições e pelas desilusões. Palavras de ressentimento a tal situação foram proferidas em suas páginas.

O amor do homem,  
Em todo estado,  
Não pode ao nosso  
Ser comparado;  
Tudo o que temos  
Sacrificamos  
Ao caro objecto,  
Que idolatramos!...

A nossa honra  
O nosso agrado,  
Nosso desvelo,  
Nosso cuidado;  
De tudo nosso  
Vós sois senhores,  
E ainda ... ingratos!  
Nos sois traidores!..<sup>318</sup>

<sup>315</sup> Idem.

<sup>316</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 01/10/1830, nº 44.

<sup>317</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 03/04/1844, nº 77.

<sup>318</sup> Idem.

A conduta negligenciável do marido no lar redundava em insatisfações e discussões, tornando o casamento um suplício para o sexo feminino. Esse era o caso do homem “paxorra” para o qual, em qualquer situação, posicionava-se de forma apática, adepto do valor da frase “isso depois se arranja”. No texto *O amigo paxorra* esse estereótipo masculino foi retratado a partir da suposta discussão de um casal. A esposa cansada com as indiferenças, a preguiça, a malícia e as traições reclamou com o marido, mas este pouco se importou com as queixas, demonstrando claramente como o comodismo masculino frente aos próprios vícios ruía com a estrutura familiar. Para cada reclamação curtas respostas foram dadas: “Agora porque se enfada?/ Isso depois se arranja...”; “Pois bem, não me dê pancada... / Isso depois se arranja...”; “Basta, basta de maçada!.. / Isso depois se arranja...”; “Ora não fique zangada.../ Isso depois se arranja...”; “Por hoje fica esperada!... / Isso depois se arranja...”.<sup>319</sup>

Mais um modelo masculino visto sob a ótica negativa foi traçado pela *A Mulher do Simplicio* com a denominação de homens *manicacas*, sinônimo de “homem fraco e medroso”, por exemplo, diante dos caprichos e mandos femininos ou pela falta de integridade de caráter.<sup>320</sup> Semelhantemente censurados eram os “Srs Peralvilhos” que somente podiam oferecer uma bela aparência camufladora de intenções vis e de péssimas qualidades.

Caros Anginhos, bom esposo he aquelle homem que he honrado, virtuoso, e bom Cidadão; porque nao se pode ser huma cousa sem ser outra: se quereis ser felizes dai sempre preferencia às virtudes d’hum homem de bem, e detestai tanto os thesouros dos grosseiros, e lapuzes, como a gaifonice dos Peralvilhos de cabecinha à banda.<sup>321</sup>

Podemos apreender dessas críticas um padrão de masculidade que desprezava homens “amolecidos”, covardes e efeminados em favor daqueles que mantinha a autoridade no lar e decoro e coragem em público. Caso contrário, poderia ocorrer a quebra das hierarquias – como a inversão das tradicionais relações de gênero – e a corrosão de valores importantes – poder, obediência e honradez – para a sustentação de uma sociedade ordeira e de bons costumes.

O homem e a mulher agindo adequadamente no âmbito familiar eram considerados ambos “senhores”. Entretanto, a autoridade destinada à mulher ainda pautava-se pela

<sup>319</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 23/12/1843, nº 76.

<sup>320</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 12/05/1841, nº 67.

<sup>321</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 01/12/ 1831, nº 103.

hierarquia de poderes entre os gêneros, na qual os ditames masculinos imperavam solenemente. A esposa administrando o lar, o seu lugar inquestionável de atuação, deveria comportar-se como um “ministro de Estado”, mas a sua competência residia no “imperio de doçura, insinuação e complacência”, cujas “ordens” surgiam nas formas de “carícias” e as “ameaças” realizadas pelas lágrimas. Esse prestígio feminino no âmbito privado em momento algum poderia colocar em cheque, por usurpação de direitos e comando, a “voz” de maior autoridade, a masculina. Se o oposto fosse colocado em prática, “desta desordem so pode resultar miseria, escandalo, e deshonna”.<sup>322</sup>

A versão da família feliz necessitava das mulheres um comportamento dócil e submisso. Em outras palavras, a “sujeição” indispensável a esse sexo que deveria acostumar-se a ela “desd’ os mais tenros annos” capaz de mantê-las na trilha da honestidade guiadas pela “vontade de outrem”, representada inicialmente pelos pais e depois pelo marido.<sup>323</sup> Lição que as leitoras sanjoanenses poderiam aprender no *O Mentor das Brasileiras* através de um conto não intitulado retirado do livro *Thesouro das Meninas*.<sup>324</sup>

Basicamente, a história concentrou-se no caso de uma mulher infeliz no casamento em função dos castigos que lhes eram impeditos pelo próprio marido. Não suportando os maus tratos resolveu procurar uma velha, sua vizinha, considerada por muitos como feiticeira, mas que na realidade era apenas uma pessoa previdente. Qualidade que lhe permitia realizar “estudo em conhecer genios das pessoas, com que vivia, fazendo lhes obrar tudo o que ella queria, e prevendo o que ellas intentavao fazer”.<sup>325</sup>

Diante das queixas da esposa aflita, a velha simulou uma espécie de “feitiço”: em um pouco de água colocou sal e proferiu palavras em latim. Depois encheu uma garrafa com tal água e a orientou: “todas as vezes que virdes vosso marido em termos de se irar, enchei a boca della, pois vos prometto, que em quanto vos a tiverdes na boca, vos nao há de vosso marido maltratar”.<sup>326</sup> E assim foi feito.

No fim, a mulher, retornando à vizinha para adquirir mais da água que lhe salvou de uma existência sofredora em seu matrimônio, descobriu a engenhosa estratégia da velha. A

<sup>322</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 01/10/1830, nº 44.

<sup>323</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 03/12/1830, nº 53.

<sup>324</sup> O livro *Thesouro das Meninas* de Pauline de Montmorin, condessa de Leprince de Beaumont, enquadra-se nas leituras ficcionais do século XVIII de cunho moralizador e educativo destinado às crianças e aos jovens que aportaram no Brasil no início do século XIX. Da mesma autora temos outras seguintes obras: *Magazin des adolescentes, pour servir de suite ou Magazin des Enfants; Instructions pour les jeunes dames, qui entrent dans le Monde, se marient, &c pour servir de suite au Magazin des Adolescentes*; e *Magasin des enfants*. ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003, p. 118 e 124.

<sup>325</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 29/12/1831, nº107

<sup>326</sup> Idem.

água, sem qualquer elemento especial, era apenas para “embaraçar” a sua atitude frente ao marido. Com a boca cheia do líquido ela não poderia falar e muito menos reclamar, o que não alimentaria a fúria do companheiro. Logo o “conselho” dado ao sexo feminino nesse conto era o “silêncio” capaz de transformá-lo em seres apazíveis e pacíficos na relação conjugal, na qual o “marido não achando mais contradição” gozaria a vida “bem com sua mulher, amando a muito”.<sup>327</sup>

As orientações de comportamento para as mulheres na instituição do casamento não pararam por aí. O *Mentor das Brasileiras* apropriou-se de uma das várias cartas publicadas pelo escritor irlandês Jonathan Swift (1667-1745) e adaptou-a em dois números de seu jornal com o título *Carta enviada por Swift á huma noiva sobre a maneira de se conduzir no estado de casada*. A preocupação do autor era afastar as mulheres dos “deffeitos, nimiedades e ninharias” que as acomediam depois de consumado o casamento. O correto era manter a prudência e os bons costumes para alcançar a estima do esposo como “amiga verdadeira, e huma companheira estimável”.<sup>328</sup>

No geral, as lições da carta apresentavam-se como instruções que mereceriam a profunda atenção feminina e o empenho de todas as suas forças para serem colocadas em prática: continuar a exercer a modéstia e o retraimento no cotidiano; não realizar a indiscrição em público de oferecer ao marido “provas de amor e carinho”; evitar demonstrações excessivas de tristeza, cobranças e ciúmes pela ausência do cônjuge; pautar-se mais pela “robustez e aceio” na arte de agradar do que pelo apego desenfreado ao luxo; e discernimento no momento de escolher as amigas para não cair em “algum habito de vaidade, affectação, e tontice, ou de qualquer outro vicio, ainda pior”.<sup>329</sup> Assim, as mulheres conscientes da efêmera condição da “formosura” e da “paixão” precisavam providenciar certos cuidados para sustentar os encantos que atraíam sempre a afeição masculina.

Devereis pois fazer os maiores esforços para adquirires aquella especie de merecimento, de que tanto apreço faz vosso esposo nas pessoas que o tem, e pelo qual he elle tambem estimado. [...] Aconselho-vos que façais uma collecção das melhores historias e viagens que vos eu escolher, e empregareis algumas horas do dia na sua leitura, formando extractos a não teres boa memória. Buscareis pessoas instruidas e ajuizadas em cuja conversação podereis formar o vosso juízo maduro e um gosto delicado. [...] e passareis a ser uma companhia ajuizada e ao mesmo tempo agradável, o que deverá produzir em vosso marido um verdadeiro amor e

---

<sup>327</sup> Idem.

<sup>328</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/12/1829, nº 3.

<sup>329</sup> Idem.

uma bem fundada estimação que não diminuirão na mais aborrecida e enfadonha velhice. Nas matérias mais importantes respeitará elle as vossas opiniões, e o vosso juízo, e poderao ambos continuamente conversar sem necessidade de um terceiro que sustente a conversação.<sup>330</sup>

Interessante é a estranheza do periódico em não encontrar no texto de Swift instruções para as mulheres no tocante a maternidade, algo tão fundamental quanto a plena realização humana na relação conjugal. Em nota de rodapé assim se exprime a esse respeito:

Não sei porque rasão lembrando-se Swift da cultura do entendimento nas mulheres a fim de agradarem a seos maridos, esqueceo-se de applicá-la para os bons officios que a mãe deve prestar a seos filhos. As mãis são as primeiras mestras dos filhos e sendo estas ignorantes, enchem os filhos de muitos erros e prejuisos, com os quaes se fazem infelizes por toda a vida, e o peor he virem empestar e denegrir com seos vicios, a sociedade em que nascerão.<sup>331</sup>

Dessas palavras retiramos que o enaltecimento feminino residia em seu papel gerenciador no seio familiar, sendo o exercício da maternidade o seu ponto alto. Negar tal destino era algo inconcebível, como nos mostra a *Chronica de Wascon* cuja narrativa envolvia uma mulher supostamente sem qualquer sentimento maternal para com seus filhos.

Huma mulher de quarenta annos de idade apresentou se em casa de hum cirurgião com hum menino de dous mezes para que o dessecasse. O cirurgião contava a indignação para ver até onde chegava a infamia daquella mulher. Esta lhe declarou, que era tal a sua miseria, que a obrigava a vender o mais jovem de seos filhos, e acrescentou, que se nao fosse sufficiente a quantia que lhe desse por elle para remediar se, venderia tambem para o mesmo effeito a hum moço de treze annos, que tinha. O cirurgião a fez prender e conduzir ao tribunal de Policia. Crê se que tal mulher estivesse demente.<sup>332</sup>

A crônica, a nosso ver, é passível de assegurar sentimentos de repulsa ou pelo menos um sentimento de incômodo diante de tão seca realidade: a ausência do cuidado com os filhos. A mulher foi colocada como transgressora de uma moral e conduta entendidas como

---

<sup>330</sup> Idem.

<sup>331</sup> Idem.

<sup>332</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 20/05/1831, nº 120.



intrínsecas a sua pessoa. Logo não caberia-lhe outro desfecho senão o composto por desgraças (a prisão e a demência).

Diferente da postura do autor criticado, *O Mentor das Brasileiras* esforçou-se no estímulo para as famílias aceitarem e respeitarem o seu imprescindível papel na criação dos filhos. Em outras palavras, quando se referiu as obrigações paternas, procurou demonstrar que essa obrigação era irrecusável – “Nem a pobreza, nem os trabalhos, nem respeitos humanos o dispensão de nutrir seos filhos, e de os educar por si mesmos”<sup>333</sup> -, pois todo pai “deve homens a sua espécie, à sociedade homens sociaes, elle deve cidadãos ao Estado”<sup>334</sup>. Para tal, o jornal, bebendo na fonte das idéias rousseauianas, divulgava que a atuação do pai, “o verdadeiro mestre”, necessitava articular-se com a atuação da mãe, “a verdadeira ama”, em uma complementariedade harmoniosa e benéfica de funções: “das mãos de hum passe o menino as do outro”<sup>335</sup>.

Embora fosse exigida a associação das atuações paterna e materna na primeira educação dos filhos, a responsabilidade recaia mais ostensivamente sobre a segunda. Isso porque no discurso do jornal a vontade divina que regia a natureza não deu aos homens a capacidade de gerar e alimentar seus filhos e sim elegeu as mulheres para tal destino. A relação mais próxima com a prole, portanto, tornava as mulheres mais aptas a zelar e influir sobre a sua educação. Uma argumentação interessante estabeleceu-se nesse ponto:

As leis são sempre muito occupadas dos bens, e mui pouco das pessoas, por quanto tendo por objecto a paz, e não a virtude, não dão bastante autoridade as mãis. Entretanto o seu estado he mais seguro, do que o dos pais; seos deveres são mais custosos, seos cuidados importão mais à boa ordem da familia, e geralmente fallando ellas tem mais amisade aos filhos.<sup>336</sup>

Aqui percebemos uma clara ênfase da importância feminina em seu papel de mãe. Se no espaço público a mulher possuía um papel secundário, sem grande “autoridade”, por ele privilegiar as leis que cuidavam dos “bens” e da “paz”, no âmbito privado ela era a personagem principal, o eixo familiar, e a propagadora da virtude, vislumbrada como importante elemento para o êxito de uma boa sociedade. Gerar, amar e educar os filhos eis a sua parcela de cooperação para com a pátria.

<sup>333</sup> Retirado do *Popular* n’*O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 29/10/1830, n° 48.

<sup>334</sup> Idem.

<sup>335</sup> Idem.

<sup>336</sup> Idem.

No centro dos discursos sobre casamento e maternidade, a castidade feminina foi extremamente valorizada entre as qualidades que deveriam caracterizar moralmente as mulheres das primeiras décadas oitocentistas no Brasil. Na educação das mulheres indispensável era semear a idéia de “que so hum homem de bem saberá aprecia la, e que so este será digno de occupar o seo coração pelo mais sagrado dos vínculos sociaes.”<sup>337</sup> Seguindo esse raciocínio a vaidade e os prazeres carnavais tornavam-se fontes de inúmeros perigos ao belo sexo, inclusive a temida prostituição.

Através de outro conto, desta vez do escritor inglês Edward Young (1683-1765),<sup>338</sup> apresentado pelo *O Mentor das Brasileiras* como *Clamores da prostituição arrependida*<sup>339</sup>, encontramos a infelicidade que se apoderou de uma jovem de dezesseis anos admirada por todos em consequência da sua distinta beleza. A inocência presente nesses anos joviais foi-lhe surupitada pela influência perversa de “astuta corruptora” que através de “huma linguagem enganadora” insuflou a moça a render-se à sensualidade e a luxúria. Contrita pelo deslize cometido, responsável por apagar sua virtude, a pureza, ela alertava as “donzellas” com o seu exemplo, enfatizando a sorte única de eternas misérias que acometeriam o sexo feminino que escolhesse em nome da vaidade esquecer-se de zelar pela própria honra.

Aprende de mim, e sabe o que se perde, em se perdendo a innocencia. Não vos deixeis enganar por mulheres libertinas: não vos deixeis cahir em os laços em que sua imprudência as tem precipitado, e lembrai-vos que desde o primeiro instante em que tropeça vossa fraqueza, principião vossas desgraças para não acabarem jamais.<sup>340</sup>

Esse discurso marca a permanência da visão dos séculos anteriores de que às mulheres era inapropriado vivenciar livremente a sua sexualidade. No Brasil, desde o período colonial, construiu-se todo um aparato discursivo e normativo, empreendido pela Igreja, moralistas e médicos, em favor de estabelecer um ideal feminino sacralizado no papel de boa mãe e esposa, na fabricação da “santa-mãezinha”, em oposição a uma realidade marcada por desvios, concubinato, prostituição, adultério, que colocavam em risco os interesses do Estado

<sup>337</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 03/12/1830, nº 53.

<sup>338</sup> O poeta Edward Young obteve expressiva repercussão no Brasil em fins do século XVIII e início do século XIX com seu livro *Night Thoughts on Life Death and Immortality*. Entre os anos de 1769 e 1807 *Night Thoughts* estava em segundo lugar, depois de *As Aventuras de Telêmaco*, na listagem das obras mais requisitadas à censura portuguesa para serem remetidos ao Rio de Janeiro. ABREU, Márcia. Op. cit., p. 90 e 260.

<sup>339</sup> Originalmente o livro de Young foi publicado com o título *O castigo da prostituição*. Ver JINZENJI, Mônica Yumi. Op.cit., p. 173.

<sup>340</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del- Rei, 25/01/1830, nº 9.

e da moral cristã no processo civilizatório da sociedade brasileira. Assim, a mulher se via diante da necessidade de se adequar ao amor materno, ao amor casto, ao laço conjugal, e à uma sexualidade resguardada. A sua vida, portanto, deveria ser regida pelos valores do “recato” e “obediência”, centrada nos limites da casa e da família, educando os filhos e submetendo-se ao adestramento de seus sentimentos e corpo.<sup>341</sup>

No periódico *A Mulher do Simplicio* encontramos dizeres a respeito de como as mulheres poderiam se proteger das investidas maliciosas dos homens, visto que eram estereotipadas como almas incautas facilmente entregues aos sentimentos. Revestiam-se da áurea de “amantes escravas” ou de “leal amante” que tudo sofriam em nome da razão do seu afeto. Para reverter esse quadro, as moças, aspirantes incansáveis de atingir o estado de esposas, foram orientadas a optar pela prudência e sagacidade na espinhosa “arte de amar”. Tal proceder evocava “Mostrar-se docil, e meiga,/ E também nobre e austera, Exigir quando lhe exigem/ Sob palavra sincera”.<sup>342</sup> E para completar “não atraioçar o amante/ Nem dar tudo o que elle quer:/ Que afinal todos costumão/ Chamarem - tola – a mulher”.<sup>343</sup>

Assim, a construção de um modelo dominante de família ditado pelos jornais esbarrava muito na definição de perfis femininos (esposas, donas-de-casa, mães) aptos para atuar em prol do casamento e da maternidade, principalmente na formulação de características ditas próprias das mulheres (pureza, docilidade, sujeição e abnegação). Como destaca Michelle Perrot, durante o século XIX, embora ainda permanecesse o sentimento de alteridade em relação à mulher, o sexo feminino presenciava suas capacidades morais ganharem relevo. No sinuoso e tenso jogo de equilíbrio de poder entre ambos os sexos, os homens oitocentistas desejavam torná-las suas “cúmplices”. Isso através de duas estratégias: o cerceamento de seus “poderes” e de sua “ascendência” e a canalização do potencial feminino para o “domínio doméstico” e a filantropia.<sup>344</sup>

---

<sup>341</sup> DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, a maternidade e as mentalidades no Brasil colônia. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p. 105,106 e 131.

<sup>342</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 23/12/1839, nº 63.

<sup>343</sup> Idem.

<sup>344</sup> PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 266-268.

## 4 A BOA LEITURA

### 4.1 Escritos e escritores: uma seleção

Alguns jornais nas suas iniciais atividades no Brasil oitocentista já reservavam algumas linhas, normalmente na última página de cada exemplar, para a exposição de “anúncios” e “avisos” que podiam abarcar “a venda de impressos nas tipografias e lojas - leis encadernadas, folhinhas de algibeira, folhetos e livros- assim como o interesse pela compra de impressos, como alguns livros específicos e números de jornais antigos”.<sup>345</sup>

Atitude que representava bem, em uma época com alto índice de analfabetismo entre a população, principalmente entre as mulheres,<sup>346</sup> as primeiras tentativas de um movimento para alargar os limites do rol de livros que o público leitor poderia desfrutar durante as horas de leitura, indo de obras clássicas e religiosas até os romances modernos. Tal movimento teve origem na “revolução da leitura” que ocorreu na Europa no século XVIII, responsável pelo interesse do indivíduo em dedicar mais tempo à leitura e pela transformação do caráter dessa prática em extensivo (ampliação e variação de obras a serem lidas) e em solitário (gerando um espaço de autonomia significativa para o leitor, beneficiando inclusive o sexo feminino).<sup>347</sup>

Foi neste contexto que a imprensa européia deu os primeiros passos em direção ao “jornalismo cultural” para favorecer o processo de disseminação do conhecimento, no qual “o editor procurava trazer aos seus leitores ensinamentos e orientações, tentando aproximá-los dos interesses que julgavam importantes para serem recebidos por um público maior do qual o jornalista seria o porta-voz, e interprete.”<sup>348</sup>

---

<sup>345</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op.cit., p.105 e 106.

<sup>346</sup> Maria Ligia Prado, citando a estatística feita por Maria Beatriz Nizza da Silva, apresenta uma lista de subscritores de obras publicadas pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro nas primeiras década do oitocentos contendo um total de 700 nomes, dos quais constatou-se apenas que 0,8 % eram de mulheres. Contudo, afirma a pesquisadora, o público leitor feminino ganhou força no decorrer do século, fato constatado por relatos de viajantes e de literatos da época e pela difusão de periódicos dedicados a apreciação das mulheres. PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Editora da USP, Bauru: Editora da universidade Sagrado Coração, 1999, p. 123-126.

<sup>347</sup> Idem, p. 127 e 128.

<sup>348</sup> FERREIRA, Tania Maria Tavares B. da C. Os livros na imprensa: as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil da segunda metade do século XIX. In: CARVALHO, José Murilo (org.). **Nação e cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 187 e 189.

Os tratados setecentistas sobre as maneiras corretas de leitura das Belas Letras, destacavam-lhe três funções, “formar um estilo, instruir e divertir”, sendo essa última menos favorecida em relação às duas primeiras. Assim, o ato de ler era associado a uma ação “formadora” dos indivíduos,<sup>349</sup> cabendo ao leitor selecionar os objetos de sua leitura para escapar das letras “sedutoras” que desfavoreciam a razão e a reflexão em nome dos sentimentos e dos prazeres. Na realidade, a verdadeira instrução deveria concentrar-se no estudo intensivo de seletas obras modelares “muito lidas e meditadas”.<sup>350</sup> Essa inclinação instrutiva da leitura ficava extremamente evidente nos jornais inseridos em nossa pesquisa. O *Espelho Diamantino*, por exemplo, afirmava como desejo apreciar a “Mocidade Brasileira” empenhar-se no campo da literatura “para que do fructo dos estudos, ella aproveitasse a fama, e lugar que dão as obras litterarias, em quanto os Cidadãos disfructão as obras, que illuminão, divertem e exaltam a civilisação”.<sup>351</sup>

Os redatores da imprensa brasileira do século XIX, portanto, não escaparam da prática de escrever textos, espécie de resenhas, sobre as últimas novidades literárias e científicas saídas dos prelos. Após a leitura arguta, essas publicações eram comentadas e criticadas tendo em vista o que desempenhavam para o processo civilizatório da nossa nação. Acrescente-se a isso a tão necessária “orientação” dos leitores que se encontravam no cotidiano a mercê de um universo maior de livros, “em número e títulos, em volume e importância”, nem sempre considerados portadores de úteis e corretos conhecimentos.<sup>352</sup> Segundo Tania Ferreira, no Rio de Janeiro os redatores do periódico *O Patriota, jornal literário, político, mercantil*, impresso nos anos de 1813 e 1814, além de deixarem bem informados seus leitores sobre as recentes publicações, registravam suas críticas às obras “polêmicas” e seus elogios “dentro de percepções ligadas as suas posições políticas.”<sup>353</sup>

Mais de uma década depois temos *O Espelho Diamantino*, em sua sessão *Litteratura*, também divulgando e emitindo pareceres sobre algumas obras que foram impressas em fins da década de vinte. Esse foi o caso da publicação do romance *Saint Clair das Ilhas ou Os Desterrados na Ilha da Barra* traduzido do francês e impresso na Typografia de Silva e Porto e Comp.<sup>354</sup> Resultado, segundo o próprio periódico, da “produção de hum jovem Brasileiro”

<sup>349</sup> ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil colonial. In: \_\_\_\_\_ . (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, São Paulo: mercado das letras, 1999, p. 214.

<sup>350</sup> Idem, p. 224.

<sup>351</sup> *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, [ilegível]/10/1827, nº 2.

<sup>352</sup> ABREU, Márcia. Op. cit., p. 188, 189 e 191.

<sup>353</sup> Idem, p. 187 e 188.

<sup>354</sup> A obra *Saint Clair das Ilhas*, baseada no entrelaçamento do ficcional e do histórico (reinado de James I e II), da inglesa Mistriss Helme, obteve grande popularidade no contexto europeu e brasileiro, sendo alvo até os

identificado pelas letras A. S. C.. A obra foi dedicada a Albino Gomes Guerra de Aguiar, Brigadeiro e Comissário Geral do exército do Império do Brasil. O livro constituiu-se em objeto de júbilo na resenha publicada por ser fruto dos “primeiros momentos de regeneração e raridade de autores e escritas em que nos achamos” e por fomentar as atividades das tipografias nacionais vista como “hum interessante ramo de indústria” que só tinha a trazer benfeitorias, principalmente para o mundo das Belas Letras.<sup>355</sup>

O texto apresentava a obra a partir do elogio ao enredo “que produz situações admiráveis, representadas tanto ao vivo, que ellas enlevão”, concomitantemente ao de optar por um estilo “puro”, “natural” e, às vezes, “energico”. A indicação da obra deveu-se também por apresentar personagens exemplares como Ambrosina descrita cheia de predicados (“bella”, “corajosa” e “virtuosíssima”) e Saint Clair, homem que serve de “modelo dos esposos, dos pais, dos amigos”.<sup>356</sup> Nas palavras do *O Espelho Diamantino*,

Saint Clair da Ilhas he romance cheio de exemplos de virtude, e patriotismo, mostrando por narrações tocantes que o merecimento pessoal, desempenho dos deveres, em as maiores dificuldades e obstaculos, acaba finalmente por se mostrar superior a todos os inimigos, e adversidades, e eleva o seu possuidor á hum grão sublime de felicidade, e consideração, digno e quase certo premio do homem virtuoso.<sup>357</sup>

Apesar de tantos elogios, o tradutor foi criticado, sem grande aspereza, em função de algumas falhas, “leves nodoas”, no processo de tradução baseadas na advertência de peculiaridades das linguagens de cada nação: “tendo cada lingua seu genio certas locuções nationaes se não devem traduzir litteralmente assim como *bien plus beau*, traduzido por *bem mais bello*, em vez de *muito mais bello*, parece-no languido e até inusitado.”<sup>358</sup>

Esse mesmo periódico trouxe a lume em seu número posterior comentários sobre a publicação do *Compêndio científico para a Mocidade Brasileira*, cujo uso seria feito nas escolas de meninos e meninas. O texto não apresentou uma visão analítica da obra, prometida para os próximos números, mas discorreu sobre a sua materialidade e seu conteúdo. Assim o

---

últimos anos do século XIX de inúmeras edições. A sua notoriedade pode ser interpretada pela capacidade da autora em orquestrar aventuras e lugares pitorescos com um tom moralizante voltado para o valor da virtude, do amor e do casamento. É importante frisar que existem várias menções dessa obra nos escritos de José de Alencar e em diversos romances e contos de Machado de Assis. Ver MEYER, Marlyse. Op.cit., p. 31-101.

<sup>355</sup> *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, [ilegível]/10/1827, nº 2.

<sup>356</sup> Idem.

<sup>357</sup> Idem.

<sup>358</sup> Idem.

*Compêndio...* foi descrito como uma obra de trezentas e trinta e sete páginas em “8º grande”, cuja venda do primeiro tomo, no valor de 8\$000 rs, dava-se em três livrarias no Rio de Janeiro: a do Veiga (rua da Quitanda), de Bompard (rua dos Pescadores) e de Baptista dos Santos (rua das cadeias). Os segundo e terceiro tomos poderiam ser adquiridos por subscrição de 6\$000 rs nas lojas apenas do Veiga e de Bompard.<sup>359</sup> Os seguintes pontos foram destacados genericamente de seu conteúdo:

[...] ornado de nove estampas lutographicamente tiradas, de dezenho, Architectura civil. Militar, e naval, de tachigraphia, Cosmographia, Astronomia, e Jurisprudencia, com hum projecto de código civil: sciencias, e artes estas, de que, entr’outras, no mesmo compendio se trata etc etc etc.<sup>360</sup>

Na visão do periódico, como essa obra era direcionada para a educação da “Mocidade”, tornava-se importante colocar as “Mães de famílias” cientes de seu conteúdo e da intenção do autor, pois para elas o “maior e o mais caro cuidado deve se referir a educação dos filhos.”<sup>361</sup>

*A Mulher do Simplicio* seguindo a maré da divulgação da arte e da literatura preencheu suas páginas com diversas poesias alusivas a sentimentos amorosos e às figuras mitológicas, cuja leitura era considerada como um “passatempo” para os “peitos sensíveis” das “amáveis patricias bellas” em seus momentos dedicados ao “entretenimento do tempo perdido”.<sup>362</sup> Dentre as temáticas poéticas temos também a presença de certos sonetos, cantos e liras com forte teor político de autoria de personalidades importantes da época, como Francisco de Paula Brito. Por ocasião da aprovação da maioridade de D. Pedro II, Brito mostrou seu entusiasmo com o seguinte soneto:

Vai findar de huma vez fera anarchia  
 Por quem rica a nação jaz devastada;  
 O Ramo d’ Oliveira, em vez da espada,  
 Já desarma o furor da rebeldia.

Essa Palavra, d’ honra garantia,  
 Pelo Anjo da paz foi proclamada;  
 Do patronato se desfez a escada

<sup>359</sup> *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, 15/10/1827, nº 3.

<sup>360</sup> *Idem*.

<sup>361</sup> *Idem*.

<sup>362</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 23/12/1843, nº 76

Por onde affeito o immérito subia!

O Throno cercão Cidadãos prestantes:  
COITINHO, que nas crises arriscadas  
Serviços fez, julgados relevantes;

Limpo, recto em acções bem calculadas;  
Dous Illustres e Honrados Cavalcantes,  
E os Honrados e Illustres dous Andradas.<sup>363</sup>

É verdade que em muitas poesias não encontramos qualquer referência a autoria. Apenas identificamos em certas glosas, sonetos e motes a indicação por iniciais como, por exemplo, “J.T.S.”, “A.J.P.H.” ou pseudônimos: “o Trovador” e o “Vate Cabofreense”. Desse último o periódico informava às leitoras que “[...] a’ luz novas obras deu/ Onde por vós animado,/ De vós se não esqueceu”.<sup>364</sup> Devido a boa novidade, *A Mulher do Simplicio* transcreveu alguns cânticos líricos que faziam parte, ao que tudo indica, da sua segunda obra, merecedora, na opinião do jornal, do auxílio de um mecenas: “Queira o ceo do vate amigo/ Abrandar a sorte dura/ Possa hum protector tão digno/ Dar-lhe a anhelante ventura.”<sup>365</sup>

Na nítida tentativa do jornal de demonstrar o talento do “Vate” foram escolhidos três temas desse trabalho literário para expô-los em suas páginas: o canto referente à explanação “doce” da saudade, às *Meditações*, na qual “Elle toca o coração/ e mostra a força do eterno/ Na voz clara razão”; e ao canto intitulado *A Mulher*, cujas linhas a descrevia como “coisa” em sua face fútil e vaidosa e “pessoa” quando virtuosa.<sup>366</sup>

Aqui podemos afirmar que a poesia, além de entretenimento também era usada como instrumento moralizante, algo já praticado desde meados do século XVIII por inúmeros poetas.<sup>367</sup> Nesse sentido, a composição poética de tal autor referente ao sexo oposto vinha confirmar os estereótipos femininos baseados na sólida constituição moral fiadora da beleza, da formosura e da admiração.

Lições morais também apreendidas nas traduções feitas de alguns poemas do francês Everiste Parny (1753-1815) pela “Redactora” da *A Mulher do Simplicio*. Em *O amante que se desdiz*, o eu lírico, inicialmente, maldizendo a sua triste condição de traído por um “falso amor” chegava à conclusão de que essa falta cometida por sua “bella” era desculpável, uma

<sup>363</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 01/12/1840, nº 65.

<sup>364</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 22/12/1842, nº 73.

<sup>365</sup> Idem.

<sup>366</sup> Idem.

<sup>367</sup> ANASTÁCIO, Vanda (org.). *Sonetos, Marquesa de Alorna*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007, p. 68.



vez que “Si os homens, que vos procuram,/ Sempre fosseis agradável,/ Perdendo a força do Encanto, / Sereis menos amável”.<sup>368</sup> Em outras palavras, tais versos equivaliam a parabenização do comportamento feminino prudente e recatado nas relações amorosas.

Nicelta, a “bela e jovem” figura de uma écloga do mesmo autor assumiu para si os mesmos preceitos. Tal figura feminina frente às investidas masculinas, afirmou sua inexperiência – tinha apenas quatorze anos - para os sofrimentos do amor (“Sim tornou-me Ella, mas nesses annos/ São sempre os homens / Nossos tyrannos/ Sempre encantados/ Dos nossos rostos/ Voluveis todos/ Mudam de gostos”).<sup>369</sup> E de sua boca, no instante que emprendia a fuga do pretendente incansável em conquistá-la, foram proferidas algumas palavras conselheiras: “Mulher que de homem quizer fugir/ Não dê resposta/ A quanto ouvir”. Segundo a “redactora”, “Santa verdade/ Reluz aqui/ Nos doces versos/ do bom Parny”.<sup>370</sup>

Como o ato de ler nem sempre foi visto de forma benéfica para as pessoas,<sup>371</sup> os jornais acautelados trouxeram indicações que serviriam para nortear a boa leitura, favorecendo a formação de um ideal feminino fortemente arraigado em valores morais capazes de constituir uma mulher instruída e virtuosa, apta a conduzir adequadamente seus papéis de mãe e esposa. O *Mentor das Brasileiras* através de um texto de Beatriz Francisca de Assis Brandão<sup>372</sup> orientou o sexo feminino a valorizar a leitura e o trabalho em seu cotidiano, ou seja, empreender-se no “estudo sólido, e occupações razoáveis” que estimulasse por meio de suas acções o bom “conceito das gentes sensatas” e os “prazeres para todos os períodos da sua idade”.<sup>373</sup> Para tanto, recomendava a leitura entendida como forma de imbuir nas jovens almas femininas o verdadeiro mérito, não aquele da beleza vazia e passageira, e sim o do carácter bem formado.

Mais adiante, no número cinquenta e três, a idéia de que “bons livros” precisavam ser ministrados na formação de prudentes mulheres levava a indicações explícitas por parte do jornal das leituras mais adequadas ao seu público alvo.

<sup>368</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 23/12/1840, nº 66.

<sup>369</sup> *A Mulher do Simplicio*, Rio de Janeiro, 01/10/1842, nº 72.

<sup>370</sup> Idem.

<sup>371</sup> VER ABREU, Márcia. **Os caminos dos livros**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

<sup>372</sup> Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779 – 1868) nasceu em Vila Rica, tendo como pai o sargento-mor Francisco Sanches Brandão e como mãe Isabel Feliciano Narcisa Seixas. Beatriz foi detentora de uma instrução baseada no conhecimento das primeiras letras e música alargada, através de influência de um amigo da família, por noções de línguas estrangeiras (francês e italiano). Profundamente ligada ao mundo das letras debruçou-se na elaboração de poesias, traduções e colaborações na imprensa e na fundação de uma escola particular para meninas em sua terra natal. Fato igualmente destacável na sua biografia foi a tentativa de Joaquim Noberto de Sousa e Silva, José de Sousa Silva Rio e Luis Antônio de Castro de sugerir a aceitação de Beatriz no rol dos membros honorários do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Infelizmente, a comissão composta por Antônio Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo deliberou contrária a tal pedido. VASCONSELLOS, Eliane. Beatriz Francisca de Assis Brandão. MUZART, Zahidé Lupinacci (org). Op. cit., p. 82,84 e 85.

<sup>373</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 12/03/1830, nº 15

*Tornamos a lembrar aos pais a boa lição de suas filhas: se estas hão de empregar o tempo em leituras de novellas, pela mor parte espertadoras de paixões criminosas, leão as sapientíssimas Epistolas de S. Paulo; leão a imitação de Christo de Kempis, leão para instrução, e recreio o Telemaco do virtuoso Bispo Fenelon, e a Escola dos costumes pelo Abbade Blanchard.*<sup>374</sup>

Nesse ponto, achamos interessante analisar algumas das opções de leitura oferecidas pelo jornal para entendermos o seu significado pedagógico para as mulheres.<sup>375</sup> Os romances foram obras literárias de marcante presença entre as décadas setecentistas e oitocentistas. Tamanha publicidade atraiu a atenção de inúmeros defensores e detratores do “espírito romanesco”. Para esses últimos a leitura de romances e novelas estava frequentemente associada ao “desejo de diversão das mulheres”, o que a tornava nociva por atuar na parte do gênero humano idealizado como o mais suscetível aos apelos dos sentimentos, sinônimo de paixões e ilusões, do que da razão.<sup>376</sup> Gabrielle Houbre, ao analisar no contexto francês o papel do romance em relação à educação das jovens, afirma:

O que é incontestável é que as leituras constituem uma questão de peso na formação das jovens: mal escolhida, elas por certo podem perverter sua inocência, [...] assim como o controle estrito e incessante que as rege. Mas boas leituras – isto é, leituras que as mães e os pedagogos leigos e eclesiásticos consideram convenientes – permitem ao contrario, perfazer a educação das moças, nelas inculcando, com o auxílio de exemplos, o que é certo e o que é errado, a conduta adequada e aquela que decididamente deve ser evitada.<sup>377</sup>

As opiniões pendulares de “perigo” e “proveito” sobre a leitura de romances não impediram que os jornais oitocentistas a utilizassem para atrair leitores mais fiéis de seus exemplares, o que rendia maiores publicações e tiragens. Assim, os “romances-folhetins” entravam em cena alcançando um grande sucesso de público no século XIX. Da década de 1830 até o início de 1850 encontramos traduções de obras de ficção estrangeiras como os romances *O Conde de Monte Cristo* (Alexandre Dumas), *Os trabalhadores do mar* (Victor Hugo) e *Mistérios de Paris* (Eugène Sue).<sup>378</sup> A partir dessa última década foram os romances

<sup>374</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 03/12/1830, nº 53.

<sup>375</sup> A escolha das obras analisadas foi estabelecida a partir das informações obtidas em referências bibliográficas, visto nossa dificuldade de pesquisarmos as obras originais.

<sup>376</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. Op. Cit., p. 126 e 127.

<sup>377</sup> HOUBRE, Gabrielle. Como a Leitura chega às jovens... França, primeira metade do século XIX. In: **Tempo** (Revista do Departamento de História da UFF). Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, nº 9, v.5, p. 17 e 18.

<sup>378</sup> MOREL, Marco e BARRROS, Mariana Monteiro de. Op. cit., p. 55.

nacionais que dominaram a cena, trazendo o reconhecimento público de escritores como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis.<sup>379</sup> Dessa maneira,

O grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou ser hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo na Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos que eram a maioria.<sup>380</sup>

Contudo, ocorreu no ano de 1830 a iniciativa pioneira do jornal *O Beija-Flor: Anaes Brasileiros de sciencia, politica, litterartura & C.*<sup>381</sup> de publicar a considerada primeira “novella nacional”: *Olaya e Julio ou A periquita*. A autoria desse folhetim é imputada a Charles Auguste Taunay<sup>382</sup>, filho de Nicolay Taynay que veio para o Brasil no ano de 1816 com a Missão Artística Francesa.<sup>383</sup> A narrativa ambientada no nordeste brasileiro foi dividida em duas partes, nos exemplares quatro e cinco do periódico, somando trinta e cinco páginas para o início e a conclusão da novela.<sup>384</sup> Os protagonistas da história são, Olaya, rica filha de fazendeiro, e Julio, um menino pobre e órfão. Os dois na infância estabeleceram uma relação de carinho que na maturidade ganhou a feição de amor. O primeiro encontro de Olaya e Julio foi marcado pelos infortúnios deste último (pobreza, doença e desafeto com o irmão de Olaya) que acabaram por afastá-los. Na despedida, Olaya em um rasgo de generosidade lhe deu comida, dinheiro e uma periquita para que, em eventual necessidade, pudesse ser vendida para render alguns tostões ao miserável Julio. Este, contudo, guardou-a empalhada como lembrança de Olaya.

Passados alguns anos, Julio, estabelecido como rico comerciante, retornou ao sertão no intuito de encontrar a moçoila dos seus pensamentos. Mas para sua surpresa a rica e bela Olaya de suas lembranças transformara-se em uma jovem arruinada pela seca que acometeu o

<sup>379</sup> Idem, p. 56. Para maiores detalhes Ver SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 208-285.

<sup>380</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 279.

<sup>381</sup> *O Beija-Flor* foi impresso no Rio de Janeiro a partir de 1830 pela Typografia de Gueeffier e C.

<sup>382</sup> Marlyse Meyer denomina a história de *Olaya e Julio* como uma novela “franco-brasileira”, pois, apesar de ser escrita pelo francês Charles Auguste Taunay, possui a narrativa feita em português com temas e enredo focalizando a realidade brasileira (sertão, escravidão...). Posteriormente, essa mesma novela foi traduzida para a língua francesa na *Revue Française* (1839-1840). MEYER, Marlyse. Op. cit., p. 333 e 345.

<sup>383</sup> Idem, p. 343.

<sup>384</sup> COSTA, Carlos Roberto. Op. cit., p. 76. Na sua pesquisa Costa transcreveu na íntegra a história de Julio e Olaya que nos serviu de base para a explicação da mesma em nossa dissertação. Ver Capítulo 2, p. 78-88.

Ceará. Ao mesmo tempo consternado pela situação da moça e feliz pelo reencontro, o rapaz desposa Olaya num final ilustrativo do amor e da virtude superando as mais difíceis situações.

A simbiose entre literatura e imprensa era fruto da importância que a primeira obteve entre a população tanto pela busca da identidade nacional - tão bem apregoada pelo Romantismo - quanto pela sua força como elemento de distinção entre os escritores. Por outro lado, facilitava a publicação da produção literária nacional que se ressentia das bases deficitárias do mercado editorial nas décadas iniciais oitocentistas. O alto custo para a impressão piorava ainda mais a situação, obrigando muitos autores a arcarem sozinhos com as despesas da edição de suas obras, embora existissem as “listas de subscrição”, nas quais os assinantes pagavam antecipadamente pelo exemplar de uma determinada obra. Não devemos esquecer que surgiram também no rastro do Romantismo os periódicos e as revistas literárias como *Niterói* de 1836; *Minerva Brasiliense* de 1843 e *Guanabara* de 1849.<sup>385</sup>

Voltemos, após esse rápido esclarecimento dos folhetins, aos nossos jornais da imprensa feminina do início do século XIX. O *Mentor das brasileiras*, mediante a celeuma entre diversos intelectuais e moralistas a respeito da leitura dos romances, procurou orientar o gosto feminino na sua prática. Em consequência, embora com uma postura persistentemente melindrosa com as “leituras de novelas”, indicava para o “recreio” das moças o romance do francês Fénelon (1651-1715), *As Aventuras de Telêmaco* (1699), de grande notoriedade no ocidente entre os séculos XVIII e XIX. O sucesso foi tão estrondoso que após seu lançamento vieram outras inspiradas em seu modelo, tais como a do padre Theodoro de Almeida, *O feliz independente do mundo e da fortuna, ou a arte de viver contente em quais quer trabalhos da vida*; e as *Aventuras de Diófnas* de Theresa Margarida da Silva Orta.<sup>386</sup>

O livro de Fénelon narra as peripécias vividas pelo protagonista Telêmaco em suas viagens à procura de seu pai, o rei de Ítaca, Ulisses, que não retornou para casa depois da vitória contra os troianos. Impulsionado pela situação em que vivia sua mãe Penélope, insuportavelmente pressionada a aceitar um novo marido que assumiria o trono vazio de Ítaca, Telêmaco iniciou sua jornada ao lado da deusa Minerva disfarçada pela figura da personagem Mentor, a qual na narrativa é o preceptor daquele.<sup>387</sup>

<sup>385</sup> MOREL, Marco e BARRROS, Mariana Monteiro de. Op.cit., p. 54, 58 3 59.

<sup>386</sup> ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros...*, p. 314 e 315.

<sup>387</sup> Martins, João Paulo. **História e romance: a idéia de história em As aventuras de Telêmaco e a s relações entre o texto histórico e a prosa ficcional na passagem dos séculos XVII-XVIII.** In: I Seminário Brasileiro Sobre Livros e História Editorial, Rio de Janeiro, 2004, p. 3, <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/historiaeromance.pdf>> Acesso em 05/03/2009. Algumas pesquisas aventam a hipótese de que o redator José Alcebíades tenha retirado da figura da deusa Minerva no romance de Fénelon a inspiração para escolher o título de seu periódico para representar suas

Através das aventuras e desventuras de Têlemaco na procura do pai foram apresentadas informações tanto geográficas das diferentes locais de suas passagens, quanto a exposição dos costumes, da religiosidade e das diferentes formas de governos.<sup>388</sup> Devemos lembrar que a epopéia de Telêmaco teve sua origem relacionada a intenção do autor de instruir um seu discípulo na leitura de texto clássicos ao mesmo tempo que o via como um livro aproveitável ao apresentar em suas tramas lições “para bem governar”.<sup>389</sup>

A moral encontra-se emaranhada em cada linha do livro. Na companhia do Mentor, Telêmaco recebeu “vários preceitos [...] que deveria seguir quando subisse ao trono de Itaca.” João Martins destaca, entre outros, “o combate ao fausto, ao luxo, a ociosidade” e o enaltecimento da sabedoria baseada no uso da razão.<sup>390</sup> Preceitos repetidamente enfatizados como aqueles fundamentais para reger a atitude feminina, como já foi demonstrado por nós no discurso do jornal sanjoanense e nos demais.

Contudo, dentre todos esses pontos, Beatriz Francisca ressaltou para as leitoras do *O Mentor das brasileiras* uma parte especial, a mais importante lição que se pode tirar da *As aventuras de Telêmaco* em relação as suas congêneres: “[...] fazeias ler, e até decorar aquelle capitulo, em que Fenelon faz fallar Telemaco sobre as qualidades de antiope, e , se todas beberem esta sabia lição, será realmente bello o nosso sexo.”<sup>391</sup> De acordo com Mônica Zinzenji, a parte da obra referida pela professora foi o momento no qual Telêmaco e Mentor discutem o interesse do primeiro por Antíope, ensejo para a definição de “paixão avassaladora” – representada pela atração cega que Telêmaco sentiu por Eucaris (uma ninfa) e Calipso – a o “amor” considerado o sentimento mais sublime e que só foi despertado em seu coração pela figura de Antíope que transfigura-se na narrativa nas imagens de “casamento” e “família”.<sup>392</sup> Nesse sentido, ressalta a pesquisadora, a presença no romance de uma moralidade cristã auxiliava na luta contra “as práticas sociais e sexuais diversas ao mesmo tempo em que se buscava ordenar a sociedade a partir dos matrimônios oficialmente

---

intenções educativas. Os papéis do Mentor na obra ficcional e do periódico no cotidiano brasileiro do século XIX assemelham-se no intuito de orientar indivíduos no melhor dos ensinamentos morais e políticos. Cf. MORAIS, Christianni C., CALSAVARA, Eliane de L., SILVA, Gisele E.da. **Leituras “corretas” para mulheres “ideais”: educação moral do “bello sexo” para instrução da família e formação da pátria no século XIX.** In: <caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/historiaeromance.pdf.> Acesso em 21/09/2007; JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher: lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832).** Belo Horizonte: Programa de Pós- graduação da Faculdade de Educação da UFMG, 2008, Tese de doutorado, p.134.

<sup>388</sup> Idem, ibidem.

<sup>389</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op.cit.,p. 131.

<sup>390</sup> Martins, João Paulo. Op. cit., p. 9 e 10.

<sup>391</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 12/03/1830, nº 15.

<sup>392</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op. Cit., p. 132.

reconhecidos pela igreja católica, o que pressupunha uma série de ‘virtudes’ femininas como a castidade, discrição e moderação.”<sup>393</sup> Na narrativa Mentor tece minuciosa descrição das qualidades de Antíope, objeto do amor do jovem rapaz:

Antiope é meiga, singela e sesuda: não lhe desdenham as mãos o trabalho; tudo antevê de largo, e a tudo sabe calar-se; e, sendo concluinte no oblar, não é supita: está sempre ocupada; não se enleia, porque tudo faz a tempo: capricha da boa ordem da casa de seu pae; e d’isso seorna mais, que de sua mesma belleza. Ainda que em tudo s’esmere, e tenha a cargo o emendar, estreitar, poupar (cousas que fazem aborrecidas quasi todas as mulheres) dá-se a amar a toda família: é porque n’ella não se acha, como nas outras mulheres, paixão, contumacia, leveza, nem condição: com um mover d’olhos dá a perceber-se; e todos temem descontental-a: passa as ordens precisas, manda so o que pode executar-se: reprehende com doçura; e, reprehendendo, anima. N’ella descansa o coração de seu pae, como à sombra, sobre tenra grama, repousa o viandante quebrantado da calma.<sup>394</sup>

A partir da citação acima percebemos que se destacou de Antíope, considerada no livro o “thesouro” que qualquer homem desejaria para si, a figura feminina atuante no espaço privado e preocupada com o bem-estar da sua família. Novamente aparecem as mais importantes qualidades que se supunha adequadas ao cotidiano das mulheres oitocentistas: a pureza, o amor, a abnegação, o labor e a simplicidade.

Na elaboração de um rol de preferências literárias desejável para as mulheres oitocentistas é possível detectar igualmente vestígios, embora esparsos, de pareceres negativos contra determinadas obras, ora por sua suposta imoralidade, ora por conteúdos cujas lições não eram consideradas proveitosas. Na missiva da correspondente do *O Mentor das Brasileiras* identificada como *Varinha de Marmelo* encontramos sua indignação ao saber pelo periódico *Amigo da Verdade* sobre a publicação da obra *Significação amorosa das flores, ou Linguagem dos Amantes, dedicada á mocidade* na tipografia do mesmo. Entre várias críticas a esse jornal – retratado como constante detrator do que “pode ser profícuo ao Brasil” e do sistema de governo vigente no período – a correspondente afirmava o perigo que tal leitura representava para a mocidade brasileira: “Dar-se há a luz huma obra, que ninguém ainda se

<sup>393</sup> Idem, p. 133.

<sup>394</sup> FENELON, François. **As aventuras de Telêmaco**. Tradução Capitão Manuel de Souza e de Francisco Manuel do Nascimento. Paris: Libreria Europea de Baudry, 1859, p. 346. Disponível em: <caminhosdoromance.iel.unicamp.br>, Acesso em 14/06/2009.

lembra de a imprimir, e que apenas corria manuscrita por mãos de gente a mais immoral[...]”.<sup>395</sup>

Supomos que tal obra contemplava a explicação de um costume utilizado desde o período de colonização entre os enamorados envolvidos em relações amorosas furtivas. Devido ao alto índice de analfabetismo entre as mulheres, as demonstrações de afeto ocorriam pela “linguagem das flores” baseada na “combinação engenhosa de interpretação simbólica das diferentes flores, construindo uma expressão codificada”.<sup>396</sup> Dessa forma, podemos deduzir que o ato de imprimir e divulgar um subterfúgio que alimentava amores secretos, muitas vezes perigosos para a manutenção dos bons costumes, representava uma afronta aos sequiosos pela sã moral. Talvez seja por isso que na opinião da correspondente e de *O Mentor das Brasileiras* a obra em questão pudesse assumir o papel de uma contra-indicação de leitura.

Outra leitura perigosa por colocar em risco a formação de “jovens bem moralizados, homens honestos, e Cidadão proveitosos” foi o livro de Rousseau, *Emílio ou Da Educação*, que desde a sua publicação tornara-se o baluarte da fórmula da educação masculina e feminina nos moldes iluminista, importância que persistiu durante décadas no século XIX. A crítica a tal obra encontrada no *O Mentor das Brasileiras* gravitava em torno da existência de teorias impraticáveis na realidade e da aversão a preceitos religiosos. Com um tom de pesar foi impresso o seguinte trecho:

Abramos a Emília do eloquente Rousseau, veremos como este homem extraordinario tem reunido em seu livro, debaixo do ponto de vista o mais seductor possível, aquillo que se acha de mais racional em todos os Instituidores conhecidos. Este livro he cheio de maravilhosos methodos, e sublimes lições. Mas que desgraça! A maior parte de seus methodos, tão belos em theoria, são impraticaveis no exercicio. Suas sublimes lições de moral são bem extravagantes, por se propor a exterminar a sociedade, separando os homens, que se devem unir. O seu livro em fim He quasi todo deshonorado pelas suas animosidades contra a Religião! Ah! Este livro, que devia e podia ser o Codigo da sabedoria, o tyipo dos costumes, e a fonte da felicidade publica não é mais do que um resumo de escandalos, onde algumas verdades uteis são suffocadas por erros, que as envolvem de todas as partes.<sup>397</sup>

<sup>395</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 21/07/1830, nº 34.

<sup>396</sup> RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Op. cit., p. 85.

<sup>397</sup> Retirado do *Manual das Brasileiras no O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 04/03/1831, nº 65.

Além dos anúncios e indicações e contra-indicações de obras, os redatores também praticavam no século XIX a apropriação<sup>398</sup> na elaboração de seus exemplares, baseada na ação de agregar das mais variadas maneiras (inserção de trechos de obras e de jornais, capítulos de livros, ou mesmo a impressão (in)completa de publicações) o conjunto de obras que eram de sua preferência (filosóficas, políticas, religiosas, literárias...) visando alcançar a função intrutiva que assumiam para si.<sup>399</sup>

A análise dos textos que compõem *O Mentor das Brasileiras* torna-se um caso modelar que permite observar como essa apropriação ocorria nos idos das primeiras décadas oitocentistas no Brasil. Encontramos em diversos exemplares inúmeros autores renomados, em especial franceses e ingleses, tais como: Diderot, La Fontaine, Rousseau, Montesquieu, Voltaire, Adam Smith, Thomas paine, Volnei, Jane Marcet, Fénelon, Bonnin, Jonatham Swift, Edward Young. Entre os gêneros mais recorrentes destacamos as fábulas, anedotas, a filosofia, a economia política e a história. O exercício de apropriação desse periódico pode ser descrito genericamente pela ausência completa das referências das obras, pela indicação apenas do nome do autor, e pelas adequações tipográficas. Nas palavras de Mônica Jinzenji, as diversas obras citadas nesse periódico “tinham em comum o formato in-octavo, além do fato de serem voltadas principalmente para o público juvenil”, assim como “não eram muito extensos e eram impressos em letras grandes.”<sup>400</sup>

Em alguns casos também presenciemos, sobretudo, após a exposição de fábulas, de contos e de anedotas, a inserção das “necessárias reflexões” que podem ser interpretadas como um instrumento orientador para o “adequado” entendimento das leitoras a respeito do que foi exposto anteriormente. Essa intenção confirma-se pela própria crença do jornal, apesar da sua intenção de incentivar as “potencias intellectuaes” femininas, das dificuldades das mulheres em se inteirar dos assuntos complexos. Em consequência afirma já no seu prospecto que “não nos faremos cargo de huma instrucção profunda, que tornaria fastidiosa a leitura, e cançaria o espirito que procura o útil de mistura agradável.”<sup>401</sup>

Do universo amplo das apropriações realizadas pelo *O Mentor das Brasileiras* relativo aos livros que circulavam na época, encontramos algumas que nos permitem traçar um

<sup>398</sup> Atualmente o conceito de “apropriação” é de fundamental importância para a História Cultural, uma vez que, de acordo com um dos seus grandes difusores, o pesquisador Roger Chartier, permite aos estudiosos de um determinado contexto focar a “atenção nos empregos diferenciados, nos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos e das mesmas idéias”. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 136.

<sup>399</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 106.

<sup>400</sup> Idem, p. 110.

<sup>401</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, Prospecto, 30/11/1829, nº 1.



panorama de como foram utilizadas pelo jornal na sua busca de instruir as mulheres nas mais sábias lições.

Começaremos pelas fábulas que assumiram seu lugar de prestígio entre os gêneros literários no século XVIII, em especial na França, encantando e moralizando adultos e crianças. Assim, temos a imensa divulgação das fábulas de Esopo,<sup>402</sup> conhecidas também como *Apólogos*, elaboradas buscando na vida animal as metáforas moralizantes que deveriam seguir a existência dos homens.<sup>403</sup> Igualmente importantes eram as fábulas do grego Fedro (15 a. C. – I d. C.), cujas 135 fábulas foram distribuídas em cinco livros compostos por algumas narrações do próprio autor e outras “reescritas” de Esopo. As suas fábulas eram apimentadas com censuras irônicas direcionadas ao contexto histórico ao qual o autor pertencia, transformando-se em “arma de combate moral e político”. Atitude que lhe rendeu a proibição da circulação de dois livros por “conterem alusões e ataques pessoais.”<sup>404</sup>

No século XIX as fábulas mantiveram uma ampla popularização no espaço europeu penetrando inclusive nas escolas (reproduzidas nos manuais dos alunos) e na imprensa periódica. Diferente não foi a aceitação das fábulas no contexto brasileiro desta mesma época. Inúmeras foram as requisições enviadas ao desembargo do paço do Rio de Janeiro solicitando as Fábulas de La Fontaine, Fábulas de Esopo e as Fábulas de Fedro.<sup>405</sup>

Não fugindo à regra – “[...] não percamos de vista que o tom didático, na forma de diálogos, dicionários, anedotas e parábolas foi comum desde os panfletos da Independência, voltado para qualquer público [...]”<sup>406</sup> – *O Mentor das Brasileiras* utilizou nada menos que trinta e três fábulas para abarcar lições de política e de moralidade que caberiam na sua tão desejada educação feminina. Destas, vinte e seis são intituladas. A ausência de autoria também é patente. Apenas cinco são indicadas, a saber: *O macaco e os viadantes perdidos* de La Fontaine; *O cão e sua sombra* e *O lobo e o cordeiro* de Fedro; *A pomba e a formiga* e *O poeta, o cérebro, a pena e o tinteiro* de Pierre Blanchard.<sup>407</sup>

<sup>402</sup> A referência como esópica deve-se ao grego Esopo (630 a. C. – 560 a. C.) que se destacou no interior dessa literatura. Ver JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 118.

<sup>403</sup> Idem, ididem.

<sup>404</sup> Idem, p. 122.

<sup>405</sup> Idem, p. 120.

<sup>406</sup> SILVA, Wlamir. “**Amáveis Patrícias**”: O Mentor das Brasileiras e a construção da identidade da mulher liberal em Minas Gerais (1829-1832). In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Wlamir%20Silva.pdf>>, Acesso em 05/03/2009.

<sup>407</sup> Jinzenji pesquisando esse mesmo objecto no *Mentor* ainda destaca que quatorze foram extraídas de Fedro e quatro do periódico pernambucano *O Popular*. A pesquisadora enfatiza ainda que a autoria da fábula indicada no jornal como de La Fontaine “não se parece com nenhuma das fábulas daquele autor”. JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 122.

A inserção das fábulas nos exemplares do *O Mentor das Brasileiras* caminhou juntamente com os rumos que a política seguia no período pós-independência. Assim, eram constantes as referências, em especial nas fábulas esópicas, aos perigos dos tiranos, ao enaltecimento do liberalismo, à glorificação e posterior detratção de D. Pedro I, e à defesa da facção moderada.<sup>408</sup> O que nos leva a crer que o periódico aproveitou seu caráter pedagógico para concretizar o objetivo de incluir as mulheres nos debates políticos que preenchem “a maior parte das conversações no meio da sociedade”.<sup>409</sup>

Nesse sentido, foi exemplar a fábula *O velho e o Burro* que trazia associada a si reflexões sobre a política liberal no Brasil e sobre a evocação das mulheres em se posicionar na luta pela liberdade no contexto do enaltecimento da monarquia constitucional. Apesar de extensa, pedimos licença ao leitor para apresentar quase na íntegra a fábula e sua moralidade construída pelo periódico sanjoanense, pois me parece interessante expô-la em toda a sua riqueza de detalhes, os quais resumem magnificamente muito do que se tem dito até agora em relação aos debates políticos oitocentistas na primeira metade do século XIX e como a imprensa feminina vislumbrava o papel da mulher patriota.

#### O Velho e o burro

Viajava hum velho por huma estrada com hum burro carregado; sahirão de emboscada huns ladrões, e para elles se encaminharao com animo de fazer presa no burro com a carga que conduzia. O velho assustado, com boas palavras persuadia ao sendeiro, que apressasse os passos para poderem escapar das garras dos ladrões que se aproximavao; porém o burro cada vez mais vagaroso lhe perguntou: se acaso elle cahisse no poder dos ladroes, se estes lhe poriao duas albardas; ao que respondeu francamente o velho, que não lhe poriao mais que huma. Então o burro sem alterar o seo passo vagaroso, lhe tornou = pois que me importa que eu sirva a ti ou a elles, com tanto que eu leve as minhas albardas?

#### Reflexões

Esta fabula nos offerece grandes moralidades, se a lermos com reflexão. O seo autor quis por ela, mostrar que quando se trata da mudança dos principados dos Reis, os pobres nada mudao se não o nome do Senhor; mas nos descobrimos mais huma idéia de moralidade ao comportamento do burro para com o velho seu Sr. O burro nenhuma utilidade encontrou em fugir das garras dos ladrões, e acompanhar ao velho uma vez que a sua sorte nao melhorava, e a sua condição era sempre a de servir debaixo das cargas, e do azorrague. Tal he pois a condição do escravo, que

<sup>408</sup> Cabe ressaltar que entre as décadas de 1820 e 1840 ocorreu na imprensa periódica brasileira em geral a tendência de “animalizar” pessoas e grupos políticos nos embates a respeito do absolutismo e do liberalismo constitucional no claro intuito de caracterização ou estigmatização. Quanto a isso, pode-se dizer que em tal período “as metáforas de animais, monstros e deformações fazem parte de uma lógica que indica tentativa de enquadramento, controle e dominação.” MOREL, Marco. Op. cit., p. 98.

<sup>409</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, Prospecto, 30/11/1829, nº 1.

nenhum empenho tem em defender a um Sr. para se submeter ao jugo de outro; porque nesta mudança só se altera o nome em quanto a sorte do miseravel he sempre a mesma.

Hum governo despotico está nestas mesmas circunstancias; os vassalos (título de que mais se presao os servis) não podem- se dispor com coragem a derramar seo sangue para defender a vida de hum tyranno, que lhes recompensa seos esforços com o azorrague, com opressão, e com tyrannia; nos combates falta-lhes o valor, quando considerao qual há de ser o premio de seos trabalhos [...]

[...] O Brasil está em marcha; elle não pode retrogradar; suas machinas tendem sempre para o melhoramento; e nem He possível que no século de luzes appareça o império das trevas[...].

E com quanto conhecemos a bondade e magnificência de nosso IMPERADOR, jamais O queremos despotico; por isso mesmo que muito estimamos a Sua conservação, e a felicidade da Patria.[...]. Nunca queremos Monarcha sem Constituição, nem Constituição sem Monarcha. Por defendermos a Constituição daremos a propria vida, e nao nos tornaremos inertes à maneira do burro da fabula. Para hum fim tao justo, qual he sustentar a liberdade, nenhuma mãe negará seo filho, nenhuma esposa impedirá com imprudentes lagrimas os passos de seu marido, nenhuma Senhora mesmo se julgará destituída de forças para defender a liberdade de sua patria se a ver atacada; este amor innato da liberdade faz rebentar nas épocas precisas os germes das virtudes patrioticas, e do sexo o mais delicado faz sobressahir acções de hum heroismo não vulgar. Não nos illudamos pois com vãs fantasmas, e continuemos a sustentar a causa santa da Constituição, e seremos uma Nação sempre ditosa.<sup>410</sup>

A intenção de instruir civicamente o sexo feminino abarcou também o conhecimento da Constituição do Império entre as leituras recomendáveis para as mulheres em sua formação. Na procura de engendrar verdadeiros cidadãos, assim se exprimiu *O Mentor das Brasileiras* a esse respeito: “tende sempre diante de vossos olhos o sagrado código da nossa Constituição para quando a sorte vos fizer mãis de familias, imbuir a vossos filhos nestas santas doutrinas, unicas que podem fazer perfeita nossa patria.”<sup>411</sup> Nesse momento de tentativas de construção de uma nação constituída por homens e por mulheres cívicos, o ato de ler e absorver cada palavra de tal “sagrado código” tornou-se indispensável e foi por isso que ocorreu a inclusão de sua leitura no âmbito escolar e a difusão da prática de vários redatores inspirarem-se nele para constituir as epígrafes de seus jornais. Além disso, empreendeu-se um esforço de impressão “em larga escala”, podendo seu texto ser adquirido em várias tipografias pelo valor de 320 réis.<sup>412</sup>

*O Mentor das Brasileiras* para oferecer lições sobre economia política escolheu da escritora e cientista inglesa Janet Marcet o livro *Conversations on Political Economy* de 1816 que apresentou didaticamente as bases fundamentais do liberalismo clássico fortemente

<sup>410</sup> *O Mentor das Brasileiras*, São João del-Rei, 06/01/1830, nº 6.

<sup>411</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 05/03/1830, nº 14.

<sup>412</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 154.

estruturadas nas idéias de Malthus e David Ricardo, importantes estudiosos sobre o tema. Marcet, influenciada pelo pai, assumiu um grande interesse pelos estudos científicos que lhe rendeu notoriedade entre os intelectuais de seu tempo. A consagração primeira veio com a obra intitulada *Conversion on Chemistry* no ano de 1805 de repercursão na área de química, especialmente nos EUA e na Grã-Bretonha.<sup>413</sup>

Antes de iniciar a conversação entre a tutora –Sra. Bryant – e sua pupila –Caroline – em um jogo de perguntas e respostas (maiêutica) para expor o tema em questão, o jornal ressaltava como Marcet era considerada uma mulher famosa no meio intelectual, enfatizando sua destreza em explanar com clareza e simplicidade assuntos complexos e marcados por questões controversas e sua inserção nos assuntos considerados espinhosos para o “bello sexo”.<sup>414</sup>

A conversa no jornal começa com a discípula, por estar convencida de que a *riqueza* “he essencial à prosperidade das Nações”, recorrendo à mestra para a compreensão de como “se alcançará tão desejável objecto”.<sup>415</sup> O *trabalho* torna-se nesse ponto o primordial elemento para a “fabricação” da riqueza: “o homem é destinado pela lei do creador a comer o pão pelo suor do seu rosto”. Da noção de trabalho passa-se para as reflexões do *Direito de Propriedade* que deveria ser garantido e sustentado pela lei, ou seja, que a propriedade é uma “instituição legal”.<sup>416</sup> Somente assim, através da atuação do governo e elaborações de leis, que os indivíduos “industriosos” conseguiriam obter segurança contra os “preguiçosos”. Segurança que estimulava a “industria” e o “trabalho productivo”, responsáveis pela fortuna e felicidade das nações.<sup>417</sup> Os dois últimos exemplares do *O Mentor das Brasileiras* que contém as lições de Marcet tratam da necessidade da divisão e acumulação da propriedade territorial para lançar o homem “a progressiva carreira de melhoramento” ao invés de deixá-los em seu “estado e natureza animal”.<sup>418</sup> O que levava a conclusão de que algumas restrições a liberdade natural do homem pelas leis eram às vezes preciso.<sup>419</sup>

A intenção primeira do periódico era publicar as conversações III e IV da obra,<sup>420</sup> basicamente voltadas para as reflexões sobre *propriedade*, mas apenas a primeira foi impressa e mesmo assim sem a versão integral. Segundo Mônica Jinzenji, ocorreram adaptações como

<sup>413</sup> Idem, p. 135 e 139.

<sup>414</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 11/06/1830, nº 28.

<sup>415</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 11/06/1830, nº 28.

<sup>416</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João de- Rei, 16/06/1830, nº 29.

<sup>417</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del- Rei, 30/06/1830, nº 31.

<sup>418</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 07/07/1830, nº 32.

<sup>419</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/07/1830, nº 33.

<sup>420</sup> O livro é composto por vinte e três capítulos no total, versando, entre outros assuntos, sobre a divisão do trabalho, o salário, a pobreza e o comércio. Ver JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 136.

omissões de páginas e de partes em que Caroline foi levada a ter dúvidas ou que demonstrava contradição; e o acréscimo de um trecho sobre questões referentes a “acumulação de propriedade” e “herança” que não fazem parte do livro de Marcet. Opção importante por se tratar de uma questão – a propriedade – cujas reflexões eram de grande valia para o liberalismo moderado na província de Minas Gerais, uma vez que seus representantes também eram grandes detentores de terra, os quais viam essa condição como um benefício (autonomia financeira) para a atuação política.<sup>421</sup>

O jornal sanjoanense na mesma linha do jogo de perguntas e respostas para a explicação de diferentes temáticas dirigidas aos mais diversos grupos de leitores, recorreu ao livro francês *Da Lei Natural ou princípios físicos da moral deduzidos da organização do homem e do universo*, cuja autoria pertence a Constantin-François de Chasseboeuf (1757-1820), conhecido também como Conde de Volney, assíduo freqüentador dos círculos de discussões dos enciclopedistas. Essa obra abarca as ponderações do autor a respeito dos princípios morais associados “à saúde física”, o que demarca claramente as duas áreas de conhecimento a que se dedicava: a medicina e a filosofia.<sup>422</sup> A escolha pela obra de Volney foi defendida pelo próprio jornal por se entender a moral como o elemento de suprema importância para os patriotas. *Da lei Natural*, a seu ver, era a melhor obra que se encaixaria nesse processo de encaminhamento dos leitores nas reflexões de tal objeto.<sup>423</sup>

Temos impressos no jornal os seguintes capítulos da obra: cap. I - *Da lei Natural*; cap. II – *Caracteres da Lei Natural*; cap. III – *Princípios da Lei Natural relativamente ao homem*; cap. IV – *Bases da moral. Do Bem, do mal, do pecado, do crime, do vicio e da virtude*; cap. V – *Das virtudes individuais*; cap. VI – *Da temperança*; cap. VII – *Da continência*; cap. VIII – *Da coragem e atividade*, cap. IX – *Do asseio*; cap. X – *Das virtudes domésticas*. Apenas dois capítulos não foram apresentados, os capítulos XI e XII, intitulados respectivamente, *Da justiça* e *Desenvolvimento das virtudes sociais*.<sup>424</sup>

Além dessas ausências temos igualmente lacunas deixadas na exposição do capítulo VII, *Da continência*, que se enquadrava, segundo o autor da obra, no interior das virtudes individuais. As omissões, nesse sentido, referem-se às idéias de “castidade” (em específico

<sup>421</sup> Idem, p. 136 e 138. O *Mentor das Brasileiras*, passados alguns números, apresentou um texto sem autoria identificada intitulado *Reflexões sobre a agricultura*, no qual enfatizava a agricultura como a “verdadeira riqueza de hum povo”. Aqui, novamente, foi reforçada a idéia da suma significância do labor agrícola e de seu controle por “boas leis [que] animão”. De acordo com as palavras do texto: “todas as nações devem fazer por ter boa agricultura, julgando a como o principal apoio do Estado.” *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 07/10/1831, nº 95

<sup>422</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 141.

<sup>423</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 23/03/1832, nº 120.

<sup>424</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 141.

dos membros das instituições monásticas católicas) e de “adultério” (talvez uma espécie de “tabu” que não deveria nem sequer passar pelas mentes femininas da época). Tal atitude pode ser entendida pelo pragmatismo do autor “para quem as justificativas para a castidade, fidelidade e demais virtudes não repousavam na moral cristã”.<sup>425</sup> Algo em dissonância com o discurso do jornal e com outras instâncias do período, visto que a obra encontrava-se no rol das leituras censurada no Brasil.<sup>426</sup>

Depois das adaptações, *O Mentor das Brasileiras* não poupou páginas para abrir as portas das “santas doutrinas que Volnei exarou em sua obra de ouro”.<sup>427</sup> Nos três primeiros capítulos foram apresentados a definição do que é a *Lei Narutral* (“ordem regular, e constante dos factos, pela qual Deos rege o Universo; ordem que sua sabedoria apresenta aos sentidos, e a rasão dos homens para servir as suas acções de regra igual e comum, e para os guiar [...] a perfeição e a felicidade”)<sup>428</sup> seguida pela enumeração de suas características básicas (primitiva, imediata, universal, invariável, benéfica e suficiente) e do esclarecimento do seu único princípio, a “conservação” do próprio indivíduo.

A partir do capítulo IV foram traçados os fundamentos da moral que consistiam em saber as diferenças entre bem e mal e pecado e virtude e suas conseqüências para a conservação do corpo e das faculdades do homem. Com isso apreendido, foi exposto com detalhes as “três classes” da virtude que passam a compor os demais capítulos: (1) as virtudes individuais (sabedoria, temperança, coragem, atividade e asseio); domésticas (economia, amor paternal, amor filial, amor conjugal e cumprimento dos deveres de amo e [ilegível]) e sociais.

A leitura sobre a história do Brasil também se mostrou benéfica para o sexo feminino oitocentista. Na busca de inserir suas leitoras nesse tipo de conhecimento, o periódico *O Mentor das Brasileiras* criou uma seção específica voltada para a apresentação de uma narrativa do passado brasileiro. Em função do grande destaque dado a essa temática pelo jornal, que acompanhou praticamente todo o seu período de impressão, optamos por estabelecer um subitem nessa dissertação que explorasse detidamente sobre o possível eixo motivador que levou o periódico mineiro a colocar em suas páginas uma narrativa da história do Brasil; as características dessa narrativa; e o desejado objetivo a ser alcançado com a circulação dessa narrativa entre as leitoras do periódico.

---

<sup>425</sup> Idem, p. 142.

<sup>426</sup> Idem, ibidem.

<sup>427</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del Rei, 23/03/1832, nº 120.

<sup>428</sup> Idem.

## 4.2 A História do Brasil difundida pelo *O Mentor das Brasileiras*

Durante os anos seguintes a 1822 no Brasil a busca pela nacionalidade brasileira, inspiradora do amor à pátria, tornou-se um dos maiores desafios para a consolidação do Estado Imperial. Nesse sentido, a produção historiográfica e o ensino da história nacional surgiram, a exemplo do contexto europeu, como soluções para a “criação” da nação: através do “conhecimento dos fatos notáveis do Império” e de seus heróis, a primeira geração dos cidadãos brasileiros teria a sua constituição moral e cívica.<sup>429</sup>

O periódico semanal *O Mentor das Brasileiras* em meio a sua tarefa de educar o sexo feminino da “Nação Brasileira” também utilizou o potencial da História enquanto pedagogia do cidadão em sua formação moral, cívica e política. Embora fosse um consenso que às mulheres caberia uma educação elementar para cumprir adequadamente seus deveres no matrimônio e na maternidade, os novos tempos, a era da razão e da liberdade, demonstravam a necessidade de adicionar alguns elementos em sua formação para alcançar uma “instrução mais sublime”.<sup>430</sup>

Para tal, as “Senhoras brasileiras” foram convidadas pelo redator do *O Mentor das Brasileiras* a serem interlocutoras nos mais variados assuntos (notícias nacionais e estrangeiras, política, moralidade...) e a visitar as páginas da história, nas quais “vão achar os prodígios das do seu sexo e as convulsões do Império do Universo”.<sup>431</sup> Para tanto, da História seriam retirados “exemplos dignos de imitação”, as heroínas, que mereciam destaque pelas ações virtuosas, sobretudo no tocante à política e aos costumes. A experiência passada só vinha a confirmar o merecimento feminino: eram “nos fastos da História” que desfilavam “as Cornélias, as Porcias e as Lucrecias, que tanto concorrerão para o bem de sua Pátria”.<sup>432</sup> Dessa maneira, as personalidades históricas femininas - com suas vidas marcadas, por exemplo, pela honradez, pelo amor, pela inteligência, pelo instinto maternal e pelo espírito patriótico - entravam em cena no lugar das “heroínas de romances” com suas “vidas fantasiosas” que poderiam alimentar as consideradas perniciosas irracionalidade e alienação

<sup>429</sup> FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. 2 ed. Belo Horizonte: Authêntica, 2004, p. 47.

<sup>430</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 30/11/1829, nº 1.

<sup>431</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 18/02/1831, nº 63.

<sup>432</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, Prospecto, 30/11/1829, nº1.

das mulheres.<sup>433</sup> Esses estudos, continuava *O Mentor das Brasileiras*, beneficiariam também o papel feminino de mãe-educadora das futuras gerações de patriotas:

Alem disto os seus filhos não serao criados com prejuisos antigos; e aprendendo da mais estas doutrinas não entrarão para o mundo tao estúpidos como até hoje; conheceram os bens da Liberdade e se farão capazes de a sustentar.<sup>434</sup>

A história do Brasil contida na seção intitulada “Parte Histórica” no periodico iniciou sua apresentação no número três e terminou no número cento e vinte e nove, último número impresso do jornal. A narrativa, embora contínua, sofreu pequenas interrupções, sendo mais significativa a ocorrida do número dezoito ao número trinta e dois, justificada pelo redator em nome de outras “matérias” que se faziam mais urgente, particularmente as questões políticas que fervilhavam a sociedade. Interrupções à parte, o compromisso assumido pelo redator no tocante a história do Brasil foi claramente definido no jornal:

Desde já advertimos as nossas amaveis leitoras, que não nos fazemos cargo de longas narrações, ou factos minuciosos; a pequenez da nossa folha o nao admite; lançaremos rapidamente os olhos sobre paginas mais interessantes da história do Brasil.<sup>435</sup>

Contudo, a idéia de lançar “rapidamente” a atenção sobre a história do Brasil não se deu de fato. A narrativa construída pelo *O Mentor das Brasileiras* se ateve ao constante detalhamento dos fatos relatados. Inquestionável afirmação pela constância dessa seção no periódico: ao todo, levando em consideração a ausência de alguns exemplares, a “parte histórica” ocupou noventa e quatro números do jornal.

A formulação da história do Brasil feita pelo *O Mentor das Brasileiras* teve como base o livro do francês Alphonse de Beauchamp,<sup>436</sup> *Histoire du Brésil* publicado em três volumes no ano de 1815.<sup>437</sup> Considerando a “pequenez” de sua folha o redator não poderia ter feito uma escolha mais acertada para oferecer lições historiográficas às leitoras. Por um lado, a narrativa de Beauchamp encadeava os acontecimentos de forma mais sintética do que de

<sup>433</sup> MORAIS, Christianni C., CALSAVARA, Eliane de L., SILVA, Gisele E.da. Op. cit., p. 13.

<sup>434</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 18/02/1831, nº 63.

<sup>435</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/12/1829, nº 3.

<sup>436</sup> Alphonse de Beauchamp (1767-1832) foi um escritor de popularidade em sua época, cuja autoria estava relacionada a obras biográficas e a compêndios históricos. JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 145.

<sup>437</sup> Idem, p. 144.



outros autores que optavam pelo estilo das descrições densas mais voltadas para a natureza e os indígenas em suas obras, tais como: Magalhães Gandavo, Rocha Pitta e Manuel Aires de Casal.<sup>438</sup>

Por outro lado, mesmo seguindo a sequência de eventos e assuntos estabelecidos por Robert Southey em sua *History of Brasil*, cujos volumes foram publicados de 1810 a 1819, Beauchamp também se diferenciou desse por elaborar um texto que pode ser considerado mais apto ao sexo feminino por subtrair determinados fatos que analisados pelo viés da moralidade tornavam-se inadequados expô-los como, por exemplo, a poligamia e a antropofagia dos povos indígenas. Nas palavras de Beauchamp, “Se nas graves lições que a história oferece à meditação dos homens, os crimes são em maior numero do que as virtudes, he para o historiador ainda maior obrigação, assinalar com respeito as ações generosas, posto sejam raras, que honram e consolão a humanidade.”<sup>439</sup>

Dos três volumes escritos por Beauchamp foram publicados no jornal conteúdos apenas dos dois primeiros tomos. No processo de tradução e compilação ocorreram supressões como as dos quatro iniciais livros do primeiro volume intitulados respectivamente: *A origem da Monarquia portuguesa; descobertas e conquistas dos portugueses na África e Índia; Viagem de Pedro Álvares Cabral à África; descoberta do Brasil; Estado do Brasil na época da descoberta; Capitánias hereditárias na época de João III*. Houve também a incompletude desse processo de adaptação do conteúdo historiográfico de Beauchamp do segundo volume em função do término da impressão do jornal.<sup>440</sup>

Para completar a narrativa foram utilizadas mais duas obras. A primeira foi de Simão de Vasconcellos (1597-1671), *Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil: do que obraram seus filhos nesta parte do novo mundo*, datada de 1663, que auxiliou na composição das partes esclarecedoras do trabalho jesuítico de catequese e mediação nos conflitos entre colonos e índios. A segunda obra escolhida foi de mais um francês, Jean de Léry (1534-1611), *Histoire d’ un Voyage fait em La Amerique* de 1611. Desse livro o redator apropriou-se de excertos sobre a atuação de Villegaignon no Brasil.<sup>441</sup>

A história do Brasil no *O Mentor das Brasileiras* principia com a “descoberta” do nosso território como fruto de um acaso gerado por uma providencial “tempestade”.

---

<sup>438</sup> Idem, ididem.

<sup>439</sup> *O Mentor das Brasileiras*, São João del-Rei, 07/07/1830, nº 32.

<sup>440</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op. Cit., p. 145 e 146.

<sup>441</sup> Idem, p. 150.

Já erão passados alguns annos depois que os Hespanhoes, guiados por Christovão Colombo, havião descoberto parte da America septentrional, quando Pedro Alvares Cabral, Almirante Portuguez, indo de viagem para a India , e querendo evitar a Africa, impellido de huma tempestade veio surgir defronte de huma terranova, e desconhecida: era o Brasil.<sup>442</sup>

Eis que surge a “terra nova” diante dos olhos do incauto Pedro Álvares Cabral e de seus subordinados, uma terra “fertil, retalhada de rios caudalosos, coberta de arvores fructiferas, povoada de homens e animais”.<sup>443</sup> Em seguida, a primeira missa, o batismo do novo território, os primeiros contatos com os indígenas, o descaso luso com a nova possessão e, posteriormente, as tentativas efetivas de estabelecer a colonização.

No seu “nascimento” o Brasil foi apresentado como uma vasta porção de terra marcada pelas idéias de exuberância natural e abundância. Nesse sentido, a utilização do conhecimento geográfico - descrição territorial, climática e dos recursos hídricos - favorecia a apresentação de uma beleza imensurável, portadora no seu âmago de riquezas e fecundidade. Percebemos isso na descrição da localidade em que se fundou São Paulo de Piratininga:

São Paulo está situada sobre huma colina junto da qual serpenteão dous regatos de agoas crystalinas; goza a Sul, e a Leste, de hum magnífico aspecto. A vista estende se ao Norte sobre bosques immensos. O ar refrigerado pelas montanhas de Pernabincaba; na estação das chuvas ve se entumecer, sahir dos seos limites, e innundar todos os campos visinhos. Ao Norte do rio estende, por trinta ou quarenta legoas, esta cadêa de ricas montanhas que encerrão as primeiras minas de ouro, e de diamantes então pouco conhecidas e das quaes não deveó depois Portugal a cultura senão á activa preserverança, e ao desejo insaciavel dos habitantes de São Paulo.<sup>444</sup>

Essa natureza, por sua vez, necessitava ser civilizada para atingir o seu progresso. Os portugueses tornaram-se elementos essenciais em tal processo, uma vez que eram considerados os divulgadores e empreendedores do ideal civilizacional. A partir de seus esforços a “natureza bruta” foi lapidada para dar origem a uma nova e próspera sociedade. Nesse sentido, é interessante a descrição da construção da cidade de São Sebastião:

---

<sup>442</sup> Idem.

<sup>443</sup> Idem.

<sup>444</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 15/10/1831, nº 96.

Em poucos mezes a natureza bruta foi animada, e fertilizada pela mão do homem: os rios até então deixados á sua vaga corrente correrão por seus leitos desimpedidos; as aguas estagnadas, ou tristes charcos serão dessecados, e exhaustos; o musgo inutil não suffucou mais as ervas nutritivas, o machado, e o fogo abrirão bosques impenetraveis aos raios do Sol, não offerecendo senão arvores estrelaçadas, que succumbião debaixo do peso dos séculos; e *arbustos espinhosos, e estereis, que cobrião as mais férteis collinas.*<sup>445</sup>

A presença dos missionários jesuítas no Brasil foi considerada de fundamental importância para o bom encaminhamento do processo civilizacional. Coube a eles disseminar os preceitos morais e religiosos, considerados “os únicos fundamentos retos da sociedade”.<sup>446</sup> Na luta obstinada contra “todas as desordens” e “excessos de toda qualidade”,<sup>447</sup> os jesuítas, cheios de destemor e fé, “reunir[am] as forças morais, os princípios políticos para estabelecer novas sociedades sobre os fundamentos da religião, e para merecer por este meio palmas Evangelicas, e o reconhecimento eterno das Tribus Indianas”.<sup>448</sup>

Os “apóstolos” do Brasil, encabeçados por Manuel da Nóbrega, atuavam em duas frentes: enquanto na primeira desejavam “reprimir a cobiça feroz dos invasores” (os portugueses), na segunda visavam eliminar o desejo de “vingança talvez muito justa dos povos selvagens.”<sup>449</sup> No afã de concretizar seus objetivos utilizaram suas forças na construção de igrejas, na catequização dos indígenas e na fundação de colégios.

[...] o zeloso Nóbrega, estabeleceu huma escola perto de S. Salvador, onde se dedicou sem reserva ao ensino dos meninos naturais, órfãos Portugueses, e mestiços; chamados mamelucos. Estes moços neofitos assistião a missa tão frequentemente em procissão á roda da Cidade, e pelos campos vizinhos, precedidos de uma cruz e entoando canticos. Isto produzia grande effeito entre os selvagens naturalmente sensiveis à musica, e tocados pelo apparatus das solemnidades religiosas.<sup>450</sup>

O valor dos jesuítas residia também em suas atuações políticas como, por exemplo, na defesa das vilas atacadas pelos “selvagens inimigos”, no angariamento de apoio dos mesmos e na luta contra invasões estrangeiras.

<sup>445</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 24/06/1831, nº 80.

<sup>446</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 02/04/1830, nº 12.

<sup>447</sup> *Idem*.

<sup>448</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 07/07/1830, nº 32.

<sup>449</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 02/04/1830, nº 18.

<sup>450</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/07/1830, nº 35.

N'outras partes do Brazil, os Missionarios Jesuitas conseguão successos comparaveis ás suas primeiras missões, tão notaveis nas relações politicas, e religiosas. Quando a cidade de S. Salvador, cujos contornos erão destruídos pelos Aymures, reclamou o socorro dos Pitagoares de Pernambuco, somente os Jesuitas poderão ajuntar forças capazes entre estes selvagens. O irmão Diogo Nunes os veio capitaneando, e oitocentos guerreiros escolhidos lhes renderão obediência [...].<sup>451</sup>

Contudo, percebemos no desenrolar da narrativa que os portugueses adquiriram outra faceta: a de invasores e conquistadores ambiciosos. Nas relações com os nativos demonstram-se “srs duros e avaros”.

A figura dos indígenas foi delimitada pelos contornos de predicados de cunho pejorativos (“ferozes”, “selvagens”, “animais”, “antropofagos”...) que por vezes esbarravam em ambigüidades (cruéis/dóceis; aliados/inimigos). Em alguns momentos são reconhecidos como “possuidores originários do território” ultrajados pela tirania dos “invasores europeus”.

As armas de fogo os repellirão, e lhes fizeram assim conhecer sua inferioridade, sem diminuir o valor. A politica Europea rompendo em fim os vinculos que os união, deo lugar a tratados [?], a alianças perfidas que asseguravão aos conquistadores a posse inteira da costa.<sup>452</sup>

O discurso estabelecido para eles era baseado na tentativa de descrever, para cada tribo, os costumes, a linguagem, os tipos de habitação, a alimentação, organização social, entre outros. Os Aimorés, por exemplo, foram descritos da seguinte forma:

Estes selvagens não tinham nem vestidos, nem habitações; andavam inteiramente nus, dormião agachados como animaes no fundo dos bosques, tinham se habituado a andar sobre as mãos no meio dos matos, e dos espinhaes, onde não era possivel segui-los. [...] Sustentavão se de fuctos silvestres, e de animais que matavão com suas flechas, cujos tiros erão inevitaveis, e comião tambem os inimigos vencidos, que não matavão somente para banquetes de aparato, mas para fazer delles seu sustento habitual, reputavão no *como animaes de que devia e cheia de sangue como farião os tigres*.<sup>453</sup>

<sup>451</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 20/01/1832, nº 110.

<sup>452</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 07/07/1830, nº 32.

<sup>453</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 60/01/1831, nº 60.

O tipo físico e a capacidade intelectual eram também questões evocadas para se elucidar a condição desses habitantes exóticos da nova terra. Esse foi o caso dos Tupis que mantiveram os primeiros contatos com Diogo Álvares Côrrea, o Caramuru.

Estes Índios são da casta dos Tupinambás, cujo nome significa bravos, [...]. Sua estatura he ordinaria, bem proporcionados, e trazem compridos cabellos. O óleo de urucum de que fazem continuo uso dá a sua pele huma cor azeitonada [...].

Estes Indios tem o entendimento claro, intenção justa. A rasão e persuasão achão nelles acesso fácil, com tanto que não se procure domina-los. Os órgãos finos e delicados, a memória segura, e fácil os faz susceptíveis de instrucção. Tem por si mesmos adquirido alguns conhecimentos praticos, de que usão com utilidade.<sup>454</sup>

Após a primeira impressão do Brasil como uma “Nova Terra” vasta e fértil vemos emergir, de forma assombrosa, outra realidade, desta vez rude e cheia de perigos (insetos, animais peçonhentos, epidemias e fome).

Huma molestia do fígado se fez epidêmica na classe inferior: seos insultos erão quentíssimos na estação úmida. As affecções de vista affligirão particularmente os soldados, e os pobres [...]

[...] O mais terrível porem era a chaga no anus; porque se os seos progressos não erão logo atalhados pelo opio, era fatal aos colonos, e nenhuma sorte de morte foi mais dolorosa, e mais cruel.<sup>455</sup>

Havia também um padecimento moral entre os colonos denominado como “huma espécie de degeneração intelectual” oriunda de dois fatores. O primeiro refere-se aos tipos de indivíduos que vieram povoar a colônia - “criminosos”, “fascinorosos”, “mulheres deboxadas” e hereges<sup>456</sup> - os quais trouxeram consigo toda a sorte de crimes e imoralidades. Por outro lado, temos a miscigenação entre as três raças que propiciou “novas constituições que modificarão de tal modo as antigas enfermidades, que escaparão os novos symptomas à sagacidade dos médicos mais habeis.”<sup>457</sup>

Entretanto, a união desses fatores teve sua parcela de contribuição no processo de colonização com o surgimento dos “Mestiços Brasileiros” (mamelucos) no desbravamento do

<sup>454</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 06/01/1830, nº 6.

<sup>455</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/10/1831, nº 98.

<sup>456</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/12/1829, nº 3.

<sup>457</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 28/10/1831, nº 98.

território, no aprisionamento dos escravos e na descoberta de ouro e pedras preciosas. Desta forma, “creava-se alli huma casta de homens altivos, e intractaveis, que pela mistura do sangue com os Indigenas, vierão a adquirir vigor prodigioso na constituição, e actividade infatigavel.”<sup>458</sup>

Os portugueses, além dos males físicos e morais, sofriam também com as constantes ameaças de invasão por parte de outros europeus, principalmente franceses e ingleses.

A importancia que o governo Portuguez dava ao Brasil, os novos caminhos que trilhavão suas frotas para esta vasta região, as produções naturaes de hum paiz de que se exageravão as riquezas, tudo parecia advertir aos povos navegantes da Europa, que suas bandeiras podião tambem viajar pelo Oceano que banha as costas Orientais da America do Sul. Já alguns corsarios Francezes, tinhão celebrado em seo paiz a Bahia Meridional. As suas descripções pomposas, e as provas que trazião do commercio amigavel com os naturaes da costa, fizerão nascer a idea a alguns navegantes de formar estabelecimento duravel em hum paiz ainda tão pouco conhecido, e cuja occupação não parecia dever ser partilha exclusiva de huma das menores nações da Europa, quanto á população, e á extensão de seo territorio.<sup>459</sup>

As lutas contra outros conquistadores foram descritas com minúcias. Nelas as astúcias dos comandantes, o poderio militar e o apoio dos indígenas tornavam-se elementos fundamentais para a vitória de qualquer um dos lados. A narrativa da vitória dos portugueses, apoiados pelos “mamelucos” e “brasileiros” (indígenas), no confronto com os franceses no Rio de Janeiro em função de acabar com as pretensões destes em estabelecer um povoamento fixo no Brasil, foi marcada por uma clara conotação heróica. Eis a descrição da atuação do governador-geral Men de Sá para dominar o forte Coligny:

Mendo de Sá entrou logo no porto, aproximou-se ao lugar do desembarque, e bateo em vão dous dias, e duas noites a fortaleza, cujos baluartes erão de rocha viva, que resistia ás balas. Muitos dos sitiantes forão levados pelo fogo inimigo, e maior numero posto fora do combate. O governador desanimado esteve a ponto de tornar a embarcar artilharia, e dar ordem a retirar; porém se mostrou poucos talentos no ataque, não era falta de coragem, e vergonhoso de abandonar a empresa sem proveito, determinou-se a huma tentativa desesperada: assaltou uma parte das fortificações que domina a terra, e tomou de assalto a rocha onde estava o armazém. A tomada deste posto importante intimidou de tal sorte os franceses que

---

<sup>458</sup> Idem.

<sup>459</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 17/09/1830, nº 40.

na noite seguinte eles, e seus aliados os Tamoyos abandonarão navios, e outros pelo continente.<sup>460</sup>

Esse episódio também demonstrava que a narrativa histórica do *O Mentor das Brasileiras* auxiliava na criação do panteão dos grandes vultos do Brasil. Estes, inspirados pelo destemor e plenos de determinação, trouxeram um destino venturoso para a nova sociedade. A figura de Men de Sá, citado no trecho acima, foi traçada em outros momentos, por exemplo, pelo “comportamento justo, e ao mesmo tempo firme.”<sup>461</sup> Enquanto esteve no poder, segundo a narrativa, colocou em prática “planos de prosperidade”, cujo desfecho foi a realização de uma administração “das mais celebres que oferece a História do Brasil.”<sup>462</sup>

Entre as personalidades destacadas no processo de constituição do Brasil emergiu uma figura que destoa, para os olhos mais atentos, na elaboração de uma história estritamente masculina. Estamos falando da índia Paraguaçu, esposa de Caramuru e, posteriormente, conhecida como Catarina Álvares.

De acordo com Kantor, esse casal constituiu-se em um dos mais conhecidos mitos fundadores de nossa história e nacionalidade. O enlace matrimonial dessas duas figuras históricas fortaleceu a identificação positiva das “origens miscigenadas dos primeiros clãs colonizadores”<sup>463</sup> do Brasil e a idéia de soberania lusa no processo de colonização, representado nesse caso pelo casamento interétnico e pela vassalagem política sustentada pela indígena.<sup>464</sup>

Percebe-se assim que a presença de Paraguaçu na narrativa histórica encontrada no jornal estava relacionada ao seu casamento com o ilustre Diogo Álvares e foi permitida por apresentar uma trajetória que favorecia a construção da origem da Nação brasileira e de exemplos femininos memoráveis: se, em um primeiro momento, sua presença ficou restrita a celebração do domínio português (foi civilizada e civiliza os seus), essa mulher vai aos poucos assumindo sua feição de heroína, transformando-se em um exemplo feminino de coragem e determinação em nome de seu amor pelo marido: sob os “raivosos clamores de

<sup>460</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 14/01/1831, nº 58.

<sup>461</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 03/09/1830, nº 40.

<sup>462</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 27/08/1830, nº 39.

<sup>463</sup> Kantor, Íris. **Esquecidos e Renascidos**: historiografia acadêmica luso americana (1724-1759). São Paulo: Hucitec; Salvador, BA: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004, p. 220.

<sup>464</sup> Idem, p. 221.

Paraguaçu<sup>465</sup>, os índios Tupis e Tamoios conseguiram heroicamente salvar Diogo do julgo do donatário Francisco Pereira Coutinho, considerado “Caprichoso” e “despótico”.<sup>466</sup>

Do lado oposto dos exemplos positivos temos a construção dos anti-heróis que na narrativa tornavam-se representantes da traição, do despotismo e da ganância. Em função de suas ações vergonhosas encontravam um fim trágico, normalmente marcado pela derrota, pela miséria ou pela morte. O caso do francês Villegailhon no contexto de sua frustrada tentativa de se radicar com seus compatriotas no Brasil merece ser aqui citado.

O destino singular de Villegailhon não devia esquecer na Historia da America Portuguesa. Não ocupou por muito tempo a scena mas a mistura de grandeza, e bizzarria, de irresolução, e de constancia, affouteza a emprehender, sobre a qual as paixões momentaneas exercitão de ordinario o seo imperio, offerecem em seo character mais de huma observação util relativamente a moral, e a politica. A ambição de huma parte, da outra o zelo religioso destrubirão a época mais notavel da sua vida. Cada hum destes sentimentos lhe servio alternativamente de mascara; e quando acabou de gozar este duplicado papel, declarando-se contra o Calvinismo, recebeu então dos protestantes da França o appellido de Caim da America.<sup>467</sup>

O cotidiano dos “colonos portugueses” em nosso território também assumiu o seu espaço nas linhas da história do Brasil do número noventa e um ao número noventa e oito. Esse assunto foi abordado focalizando o contexto das principais localidades que, antes do domínio espanhol sobre Portugal, já alcançavam níveis significativos de prosperidade e progresso (Bahia, São Vicente, São Paulo e Pernambuco). Nessa parte foram exploradas às questões como número de habitantes, descrição territorial, plantações, comércio, alimentação, criação de animais, fundação de colégios e igrejas, entre outros. A descrição do estilo de vida em São Salvador é um exemplo interessante a ser citado.

A Cidade situada sobre huma altura escarpada, quase de cem toezas, empregava guindastes para alli poder chegar as mercadorias vindas por mar, e provisoriamente guardadas no armazém do porto.

A maior parte das ruas, ainda que alinhadas, e assas largas, erão tão íngremes que ficarão impraticaveis ás carruagens, e mesmo aos palaquins. Apesar deste inconveniente, os colonos ricos não andavão a pé, e já então se fazião transporte em redes de algodão com cortinas, suspendidas a hum grande pão de bambu, que dous negros vigorosos levarão sobre os hombros. [...]

<sup>465</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 18/01/1830, nº 8.

<sup>466</sup> *Idem*.

<sup>467</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 24/12/1830, nº 56.



[...] Estes ricos proprietarios fazião se observar geralmente pela extravagancia de seu fausto; sua mulheres não trazião se não estofos de seda bordados de ouro, e sua casas são ornadas com a mesma prodigalidade. [...] O mercado da cidade era sempre provido de pão, feito de trigo vindo de Portugal, e de vinho das Canarias, e Madeira da melhor qualidade.<sup>468</sup>

Com a suspensão do jornal no mês de julho de 1832, por motivos de saúde do redator, não podemos descobrir o ponto final da história do Brasil difundida pelo *O Mentor das Brasileiras*. Em seu último número a narrativa foi interrompida com o episódio incompleto da luta travada entre o comandante francês La Ravardiere e o mestiço Jerônimo de Albuquerque para determinar a posse e o controle do Maranhão.

Definido o conteúdo do conhecimento histórico do Brasil apresentado às leitoras do periódico sanjoanense, outra questão se faz presente: qual o objetivo dessa narrativa divulgada por um jornal nas primeiras décadas do século XIX?

Lembremos que o pós-independência do Brasil foi um período em que tudo estava por se definir. De uma forma geral, era o momento de construir a “Nação Brasileira”, moderna e ilustrada segundo os padrões europeus. Nesse processo, como já foi dito anteriormente, a imprensa e a produção e o ensino da história nacional foram meios largamente utilizados. Ambos assumem para si a visão de portadores de uma incumbência política e pedagógica perante a sociedade.

Analisando *O Mentor das Brasileiras* percebemos que o seu redator empreendeu uma síntese desses dois meios para concretizar seus objetivos de instruir cívica e moralmente o sexo feminino oitocentista. A circulação desse jornal entre o seletivo público feminino da “boa sociedade”, além de inseri-lo no ideário liberal da época, divulgava o passado do nosso país recém-independente com seus fatos “mais interessantes” e a apresentação das personalidades que ajudaram a forjar o presente que, por sua vez, construiria o futuro.

Assim, por vários momentos, em meio a dificuldades e decepções, foram destacadas as particularidades e as potencialidades do Brasil. Nesse sentido, como afirma Mônica Jinzenji apoiando-se na visão de escritoras estadunidenses do século XIX, “é o estudo da história do próprio país que fornecerá os conhecimentos acerca de sua pátria, e associado ao

---

<sup>468</sup> *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, 16/09/1831, nº 92.

estudo da constituição e do sistema de governo, as mulheres terão mais clareza de seu papel na sociedade”.<sup>469</sup>

De um modo geral, o trabalho dos redatores de orientar leituras, criticar, adaptar e imprimir obras, esclarece a imprensa periódica oitocentista em seu todo como um profícuo meio de circulação de idéias e agente educador. No que tange especificamente a nossa análise da imprensa feminina descobrimos a intenção inegável de inserir as mulheres no “melhor” da “república das letras” nunca perdendo de vista os aspectos normativos e doutrinários. Assim, as leituras indicadas ou contra-indicadas bem como a apropriação de idéias e de textos pelos jornais reforçavam a representação da “mulher ideal” (doméstica, cristã e cívica).

---

<sup>469</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Op. cit., p. 144.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa análise dos jornais da imprensa feminina - *O Espelho Diamantino*, *O Mentor das Brasileiras*, *Espelho das Brasileiras*, *A Mulher do Simplicio*, *A Filha Única da Mulher do Simplicio* e *A Mineira no Rio de Janeiro* – buscou compreender como a elite política e intelectual brasileira da primeira metade do século XIX construiu representações referentes às mulheres, passíveis de se transformarem em parâmetros para o estabelecimento de um “ideal” feminino oitocentista.

Percebeu-se que a construção de uma figura feminina modelar estava relacionada com a preocupação em incentivar e melhorar a educação das mulheres. Posicionamento que invadiu os discursos liberais, assumindo uma feição crítica em relação aos valores do absolutismo, visto como terreno fértil para o atraso cultural e para a formação de indivíduos ociosos, indolentes e servis. Nesse ponto, os discursos impressos levantaram suas vozes para proclamar o fim da reclusão e da ignorância das mulheres, situação que atrasava a difusão dos novos valores morais e cívicos fundamentais ao projeto de nação que se construía.

Contudo, esses discursos não mascaravam a permanência, mesmo que camuflada, da concepção de inferioridade tanto biológica quanto moral-intelectual das mulheres. As idéias, por exemplo, do filósofo Jean- Jacques Rousseau exerceram forte influência no pensamento no século XIX. Particularmente, na sua obra *Èmile* de 1762, através da personagem Sofia, Rosseau defendia que o sexo feminino merecia uma educação distinta do homem em função de suas diferenças de “constituição” física e moral regida pelas leis da natureza. A mulher, segundo esse filósofo, possuía a condição subordinada ao seu sexo enquanto que a razão tornou-se a prerrogativa do homem: “[...] a fêmea é fêmea durante a vida toda, [...] tudo a leva sem cessar a seu sexo e, para bem desempenhar-lhe as funções, precisam uma constituição que se prenda a ele [...]”<sup>470</sup> A educação feminina, portanto, encontrada nas idéias rousseauianas, tinha por objetivo formar “mulheres honradas” e “mães de família” baseada em lições que favorecessem uma “razão prática” para regerem os seus deveres no interior do espaço privado.<sup>471</sup>

<sup>470</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 428.

<sup>471</sup> Idem, p. 463.

Nos periódicos analisados a necessidade de educá-las não visava prioritariamente benefícios próprios que poderiam gerar no cotidiano feminino. O esforço concentrava-se em munir as mulheres de habilidades para bem desempenhar os papéis de companheira do homem e primeira educadora dos filhos, o que consagrava a defesa de uma educação limitada e diferenciada em relação ao sexo oposto.

Somente deveria constar na pauta de seus conhecimentos aquilo que as fariam melhores na atuação dessa dita vocação “natural” do sexo feminino, isto é, assuntos como moralidade, educação laica e religiosa, polidez, tarefas domésticas, virtudes, criação dos filhos. Em outras palavras, ideais, valores e comportamentos capazes de estimular as qualidades da submissão, do trabalho, da obediência, da simplicidade, da passividade, do recato, da castidade e da dedicação. Qualidades que as tornariam dignas de admiração e respeito dentro do matrimônio e na vivência da maternidade.

É importante ressaltar que, além de esposas e mães, as mulheres também eram incitadas a se enxergarem como patriotas, amantes da liberdade e da nação. Esse papel feminino seria alcançado por meio de algumas atitudes, a saber: praticar uma conduta exemplar de honra e patriotismo, na definição de um posicionamento político, na difusão de valores cívicos no seio da família e no apoio aos homens para participarem de todas as ações benéficas à nação

Para alcançar esses objetivos, os jornais analisados utilizaram a estratégia de trazer à tona visões prescritivas de valores e comportamentos, a orientação de leituras e a apropriação de textos que favoreciam a construção do feminino baseado em ideais liberais e virtuosos. De acordo com os periódicos, a adequada formação política e moral direcionada às mulheres facilitaria a estruturação de famílias envoltas numa sã moral que sustentariam uma sociedade ordeira, livre e civilizada. Assim, moldava-se uma figura feminina que conjugava a habilidade de manter a harmonia do lar e, conseqüentemente, da nação.

## REFERÊNCIAS

### 1. Periódicos

ESPELHO Diamantino (O). Rio de Janeiro: Typographia de Plancher-Seignot, [ilegível] de outubro de 1827 a [ilegível] de abril de 1828. 13 nos. BNRJ, PR- SOR 00299 (1).

ESPELHOS das Brasileiras. Pernambuco: Typografia Fidedigna, 2 de maio a 13 de maio de 1831. 4 nos. BNRJ, PR-SOR 4848 (1).

FILHA Unica da Mulher do Simplicio (A). Rio de Janeiro: Typographia de Thomas B. Hunt & Ca, 14 de março a 17 de abril de 1832. 3 nos. BNRJ, PR-SOR 547 (1).

MENTOR das Brasileiras (O). São João del Rei : Typografia do Astro de Minas, 30 de novembro de 1829 a 01 de junho de 1832. 123 nos. BNRJ, PR-SOR 04182 (1).

MINEIRA no Rio de Janeiro (A). Rio de Janeiro: Typographia Fluminense, de Brito & Cia, 26 de junho a 26 de agosto de 1833. 4 nos. BNRJ, PR-SOR 553 (1).

MULHER do Simplicio, ou A Fluminense Exaltada (A). Rio de Janeiro: Typographia de Thomas B. Hunt & C. / Typographia de Lessa & Pereira / Typographia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 10 de março de 1832 a 3º de abril de 1846. 20 nos. BNRJ, PR-SOR 731 (1).

### 2. Fontes documentais impressas

FENELON, François. **As aventuras de Telêmaco**. Tradução Capitão Manuel de Souza e de Francisco Manuel do Nascimento. Paris: Libreria Europea de Baudry, 1859, p. 346. Disponível em: <[caminhosdoromance.iel.unicamp.br](http://caminhosdoromance.iel.unicamp.br)>, Acesso em 14/06/2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio ou Da educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

### 3. Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil colonial. In: \_\_\_\_\_ . (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

ANASTÁCIO, Vanda (org.). **Sonetos, Marquesa de Alorna**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. **O Império em construção**: projetos de Brasil e ação política na Corte regencial. Rio de Janeiro: Programa de Pós- Graduação em História Social da UFRJ, 2004, Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. Projetos de Brasil e construção nacional na imprensa fluminense (1831-1835). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Bessone da C. (orgs). **Imprensa e História**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

BUITONI, Dulcília Helena. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

CALSAVARA, Eliane de Lourdes. **Entre o discurso e a prática**: o ideário feminino na sociedade são-joanense (1829-1832). São João del-Rei: Programa Pós-Graduação da UFSJ, 2005, Monografia de Especialização em História de Minas, século XIX.

CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. **A marcha da civilização**. As vilas oitocentistas de São João Del Rei e São José do Rio das Mortes – 1810/1844. Belo Horizonte: Programa Pós-Graduação da UFMG, 1998, Dissertação de Mestrado.

CARVALHO, Marcus J. M. de. A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Bessone da C. (orgs). **Imprensa e História**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. **Espacio público, crítica y desacralización en siglo XVIII**: las origens culturales de la Revolución Francesa. Barcelona: Gedisa, 1995.

COSTA, Carlos Roberto. **A Revista no Brasil, o século XIX**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP, 2007, Tese de Doutorado.

COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: ABREU, Marta e SOIHET, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, a maternidade e as mentalidades no Brasil colônia**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres: As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

Duarte, Constância Lima. A ficção didática de Nísia Floresta. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FILHO, Luciano Mendes de Faria (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. A mulher e o jornalismo: contribuição para uma história da imprensa feminista. In: AUAD, Sylvia V. A. Venturoli (org). **Mulher – cinco séculos de desenvolvimento na América**. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CRE/MG, 1999.

\_\_\_\_\_. Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). **Escritoras Brasileiras do século XIX**. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, v. 1.

\_\_\_\_\_. Nísia Floresta Brasileira Augusta: pioneira das letras e do feminismo nacional. In: AUAD, Sylvia V. A. Venturoli (org). **Mulher – cinco séculos de desenvolvimento na América**. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CRE/MG, 1999

FERREIRA, Tania Maria Tavares B. da C. Os livros na imprensa: as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil da segunda metade do século XIX. In: CARVALHO, José Murilo (org.). **Nação e cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FILHO, Luciano Mendes de Faria; NASCIMENTO, Cecília Vieira do; INÁCIO, Marcilaine Soares, JINZENJI, Mônica Yumi. Educar para civilizar. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ano XLIV, nº 1, jan-jun de 2008.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, 1º tomo.

GODINEAU, Dominique. A Mulher. In: VOLVELLE, Michel (org.) **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOUBRE, Gabrielle. Como a Leitura chega às jovens... França, primeira metade do século XIX. In: **Tempo** (Revista do Departamento de História da UFF). Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, nº 9, v.5.

HUFTON, Olvem. Mulheres/homens: uma questão subversiva. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Orgs). **Passados recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: ED. UFRJ; Ed. FGV, 1998.

JINZENJI, Mônica Yumi. **A instrução e educação das senhoras brasileiras do século XIX através do periódico O Mentor das Brasileiras**. Disponível em: <[HTTP://www.sitemanson.vanderbit.edu/files/foUXAY/Jinzenji.doc](http://www.sitemanson.vanderbit.edu/files/foUXAY/Jinzenji.doc)> Acesso em: 25/06/2008.

\_\_\_\_\_. **Cultura impressa e educação da mulher: lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832)**. Belo Horizonte: Programa de Pós- graduação da Faculdade de Educação da UFMG, 2008, Tese de doutorado.

JULIO, Kelly Lislie e FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **A Educação através do corpo: dois mundos que se encontram**. In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História: História, guerra e paz. Londrina, 2005. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/textos/KELLY%20LISLIE%20JULIO%20E%20THAIS%20N%20C3%8DVIA%20DE%20LIMA%20E%20FONSECA.pdf>> Acesso em 24/05/2009.

KANTOR, Íris. **Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso americana (1724-1759)**. São Paulo: Hucitec; Salvador, BA: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.



LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, João Paulo. **História e romance: a idéia de história em As aventuras de Telêmaco e a s relações entre o texto histórico e a prosa ficcional na passagem dos séculos XVII-XVIII**. In: I Seminário Brasileiro Sobre Livros e História Editorial, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/historiaeromance.pdf>> Acesso em: 05/03/2009.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo Saquarema: a formação do Estado imperial**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

MATTOS, Selma Rinaldi de. **O Brasil em Lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manoel de Macedo**. Rio de Janeiro: Acess, 2000.

MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAIS, Christianni C., CALSAVARA, Eliane de L., SILVA, Gisele E. da. **Leituras “corretas” para mulheres “ideais”: educação moral do “bello sexo” para instrução da família e formação da pátria no século XIX**. In: <[caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/historiaeromance.pdf](http://caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/historiaeromance.pdf)> Acesso em: 21/09/2007.

MOREIRA, Luciano da Silva. **Imprensa e Política: espaço público e cultura política na província de Minas Gerais, 1828-1842**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, Dissertação de Mestrado.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820 – 1840**. São Paulo: Hucitec, 2005.

MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Josefa Barreto. \_\_\_\_\_ (org). **Escritoras Brasileiras do século XIX**. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, v. 1.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Cidadania e participação política na época da Independência do Brasil. In: Cad. Cedes, Campinas, v. 2, n. 58, 2002, p. 59. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n58/v22n58a04.pdf>> Acesso em: 18/11/2008.

\_\_\_\_\_. **Corcundas e constitucionais: a cultura política da Independência (1820-1822).** Rio de Janeiro: Editora Revan; FAPERJ, 2003.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. **Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural.** São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de Mulher.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Cultura Histórica em Debate.** São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

REIS, Adriana Dantas. **Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX.** Salvador: FCJA, Centro de estudos Baianos da UFBA, 2000.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FILHO, Luciano Mendes de Faria (orgs). **500 anos de educação no Brasil.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos anti-lusitanos no Primeiro Reinado.** Rio de Janeiro: Relume – Dumard, 2002.

SALES, Germana Maria Araújo. Mulheres entre linhas: coser, ler e escrever. In: **Duc in Atum:** revista de ciência e conhecimento. Revista da faculdade de Filosofia e letras Santa Marcelina. (FAFISM). V. 3, n 1, 2003.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Delfina Benigna da Cunha. In: Zahidé Lupinacci Muzart (org). **Escritoras Brasileiras do século XIX.** 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, v. 1.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) **A Escrita da História**: novas perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SILVA, Rodrigo Fialho da. **Por ser voz pública**: intrigas, debates e pensamento político na imprensa mineira; Vila de São João d'El Rei, 1827-1829. Vassouras: USS, 2006, Dissertação de Mestrado.

SILVA, Wlamir. A imprensa e a pedagogia liberal na província de Minas Gerais (1831-1835). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Bessone da C. (orgs). **Imprensa e História**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

\_\_\_\_\_. **“Amáveis Patricias”**: O Mentor das Brasileiras e a construção da identidade da mulher liberal em Minas Gerais (1829-1832). In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Wlamir%20Silva.pdf>> Acesso em: 05/03/2009.

SODRÊ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SOHIET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro F. S. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaios da teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das roupas**: a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

VASCONSELLOS, Eliane. Beatriz Francisca de Assis Brandão. MUZART, Zahidé Lupinacci (org). **Escritoras Brasileiras do século XIX**. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000,v. 1.

\_\_\_\_\_. Violante de Bivar e Velasco. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org). **Escritoras Brasileiras do século XIX**. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, v. 1.

VILLALTA, Luis Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. (orga). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v.1.

### 3. Obras de referências

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionario bibliographico brasileiro**. Edição fac- similar. Rio de Janeiro: Editora Conselho Federal de Cultura, 1970, v.1, p 208 e 209. Disponível em <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acessado em 22/05/2009.

**Catálogo de jornais e revistas do Rio de Janeiro (1808-1889) existentes na Biblioteca Nacional**. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. v. 85, 1965 (fac-simile 1981).

## ANEXO A - Prospecto de *O Espelho Diamantino*

A influencia das mulheres sobre as vontades, as acções e a felicidade dos homens, abrange todos os momentos, e todas as circunstâncias da existencia, e quanto mais adiantada a civilização, tanto mais influente se mostra este innato poder, de forma que, se a companheira do homem inda selvagem, cultiva as terras, carrega os fardos, orna, e tinge o corpo do consorte, não deixando de lhe dar conselhos para a guerra, para a paz, e para a caça, a esposa do homem civilizado, não satisfeita com o tomar sobre si todo o peso do governo interior da família, e estes inumeráveis trabalhos que a industria tem tomado indispensaveis para as commodidades, e regalos da vida, está tambem pronta a repartir os cuidados do marido involvida nos lances e tormentas dos negocios privados, ou publicos, a sugerir-lhe expedientes mais delicados, e appropriados do que as suas mais internas meditações, a sustentar seu animo na adversidade, a inclina-lo á moderação e suaves sentimentos, quando o orgulho dos sucessos lhe inspiraria egoismo, ou insolencia.

Mas querer os merecimentos das mulheres, seria huma tarefa tão ardua como inutil, e sobre este assumpto, mais alta, e eloquente que qualquer orador falla todo coração humano, o do menino que tira o primeiro sustento do benfazejo seio da ternissima mãe, o do mancebo cujo sangue ferve á simples apparicao de hum ente encantador, o do velho que nos ultimos paroxismos da vida recebe consolações, e socorros de hum sexo incansavel nos officios da caridade.

Tendo as mulheres huma parte tão principal, nos nossos interesses, e negócios, necessário he que lhes de conta destes mesmos negocios, e dos seus progressos, pois que pretender conserva-las em hum estado de preocupação, e estupidez pouco acima dos animais domésticos, he uma empreza tão injusta como prejudicial ao bem da humanidade, e as nações que a tem ensayado, tem cahido no maior abrutecimento, e relaxação moral.

Tais verdades, tão antigas como a raça dos filhos de Eva não são hoje desconhecidas por nação alguma da Europa, e lá as sciencias, artes, e novidades estão ao alcance do bello sexo, até em obras, as aulas e periodicos privativos dellas, porem cá precisão, mais de huma vez, serem ecoadas, logo que costumes caseiros, e que cheirão alguma coisa ao ranço dos mouros, entretido até a epoca da independencia pelo servilismo colonial, reinão ainda em quase todas as classes da sociedade, oppondo-se ao desenvolvimento do character das Senhoras, do qual alguns rasgos, como relampagos em trevas mostram a gentil disposição para os sentimentos generosos, o amor a patria, a cultura das artes, e o preenchimento de todos os deveres.

O nosso periodico, fraco ensayo, cujo mayor merecimento consiste em abrir a carreira as mais habeis, tem por especial destino promover a instrucção e entretenimento do bello sexo desta Corte apresentando-lhe as noticias, e novidades mais dignas de sua attenção.

Nossa politica se mostrará indulgente, e conciliadora, como as amaveis pessoas as quaes à destinamos. A mulher mais docil ás inspirações da natureza, mais semelhantes a si mesma nas circunstancias extremosas, de que o homem, menos feroz que o republicano;

menos vil de que o escravo dos tyrannos, apparece em todas as revoluções como hum anjo tutelar, sempre pronta a intervir, sempre pronta a moderar o fogo da vingança, como balsamo da generosidade.

Em litteratura procuraremos a variedade; as obras, que com hum fim moral apresentam narrações interessantes, terão a preferencia, sem que desprezem nem os bons versos, quando teremos a fortuna de os encontrar, bem a historia e com a especilalidade a moderna, da qual extrahiremos todas as acções virtuosas, ou heroicas perpetradas por mulheres, e cujo numero nos promette huma ampla materia para nossas folhas.

As bellas-artes, cuja cultura entretem suavemente as horas que o fervor da mocidade tomaria perigosas, e o desengano da idade pezadas, merecem a particular attenção de hum sexo destinado á vida retirada, e cuidaremos em descrever o seu estado actual nesta Corte e mesmo na Europa, assim como suas mais notaveis producções.

O Theatro, escola de costumes e da polidez, verdadeiro espelho da vida, o mais decente, e agradável dos divertimentos públicos, entra naturalmente na jurisdição do bello sexo, o qual, em todas as cidades forma tribunal que decide sem agravo as questões de bom gosto e *bom tom*.

A respeito das modas, artigo privativo das senhoras, seria hum crime em nos, e quase hum sacrilegio, se as omitindo, deixassemos de render hum culto á Caprichosa Deosa, cujos decretos, por mais variaveis e impertinentes que sejam, veem-se cegamente obedecidos.

Devemos aqui declarar que o titulo de Espelho Diamantino não foi meramente escolhido por fantasia. O espelho he o confidente mais estimado das Senhoras, e poucas há que com elle se não entretenham hum bom bocado cada dia ..... alem d'isto ninguém se persuada que nosso Espelho está simplesmente allegorico ..... hum objecto composto de preciosissima materia, e muito superior por sua sympathica virtude veio as mãos de certa pessoa ..... mas basta; este mysterio a seu tempo desenvolver-se-há. Fique entretanto encuberto o nosso espelho, para não offender alguns olhos.

Inutil he declarar que receberemos com maior gosto e inseriremos em nosso periodico, as obras de Poesia e Prosa que nos serão transmitidas, convidando com especialidade as Senhoras para que nos honrem com seos ensayos e producções seguras de nosso discreto silencio, se hum excesso de modéstia as obriga a desejar que seu nome fique subtrahido aos elogios da fama.

Resta-nos implorar a indulgencia e favor do publico, e em particular da porção mais amvel, á qual, inspirados por vivos sentimentos de admiração, respeito e amor, ousamos dedicar o nosso periodico.

## ANEXO B - Prospecto de *O Mentor das Brasileiras*

Em quanto por todos os pontos deste vasto, e riquissimo Imperio se trabalha para se diffundir as luzes na classe dos homens mostrando-lhes os seus principaes direitos, suas obrigações em relação a si e em relação a sociedade a quem pertencem, em quanto alli se acaba de esmagar a muribunda cabeça do ferrenho despotismo acolá se apaga a crepitante chama da revoltosa anachia, aqui se sustenta a Arca Santa da Constituição, como unico paládio das liberdades publicas , em quanto em fim toda a máquina do corpo social existe em hum perenne movimento para tomar a posição mais conveniente à promover a conservação, e estabilidade de suas partes, seria feito por ventura esquecer-se da parte a mais influente da sociedade? Seria conforme a rasão que o bello sexo, esta preciosa parte da raça humana, onde se encontra as graças, o espírito, a vivacidade e a delicadesa fosse condenado a hum perpetuo despreso, conservado no triste estado de estupidez, que o tornaria pouco acima dos animaes domésticos? De certo que nem a rasão o dicta, e nem a consciência o persuade; pois o querer que o conhecimento das Senhoras se circunscreva tão somente na curta esfera da economia doméstica, e essa mesma talvez administrada sem arte seria huma empresa tanto injusta, como prejudicial ao bem da humanidade; e hum tal genero de educação tem sempre tido funestos resultados nas Nações imprudentes que o tem ensaiado.

As Senhoras supposto não sejam destinadas para as armas, nem para a magistratura, e Ministério da Igreja nao tem com tudo occupações menos importantes para o bem geral da sociedade. Os homens sobrecarregados de negocios públicos, não podem prover no bem particular de suas casas, se não tem consortes providentes, que-lhes ajudem na parte da economia domestica; e nem elles jamais poderão gosar tranquillamente das doçuras do hymeneo, este laço indissolúvel pela Igreja, se accaso nas suas companheiras nao encontrarem aquelles atractivos, capazes de os desfadar de suas penosas fadigas.

Hum marido que nao vê em sua consorte mais que hum instrumento lúbrico de seus praseres secretos, que nella nao observa alguma instrução mais sublime, que algum'ora surprehenda o seu espirito nao pode sem hum continuado sacrificio pessoal viver no centro de sua família ; e este tem sido quase sempre o manancial da desuniao, que se tem visto na sociedade conjugal.

As senhoras pelos deveres, que lhes sao inherentes fazem o fundamento principal da sociedade humana, e por isso são dignas de huma instrução mais sólida, e capaz de promover o bem geral de huma Nação.

He pois para dar maior expansão ao gênio, que tanto se desenvolve nesta alma da sociedade (como lhe chamou certo filosofo) que tomamos a árdua, mas interessante tarefa de redigir esta folha, dedicada tao somente às estudiosas Brasileiras, que algum dia serão collocadas à par, e talvez acima das heroínas tão celebradas nas outras Nações civilisadas.

Em todo nosso Periodico nao tem outro maior merecimento que abrir o caminho para os mais habéis escriptores, que gratos aos beneficios que de suas Mães receberao hajam de pagar à posterioridade com os fructos de sua instrução: apresentaremos por tanto ao bello sexo as notícias e novidades dignas de sua attenção, e algumas vezes nos será indispensavel dar algumas lições sobre politica, persuadidos de que este sexo he bem capaz de conceber idéas sublimes, e de dar hum realce nao pequeno á marcha, e bom andamento do Systema de Governo, que nos rege; a experiencia confirma esta verdade em quanto lemos nos fastos da

Historia as Cornelias, as Porcias, e as Lucrecias, que tanto concorrerao para o bem de sua Patria.

Não deixaremos igualmente de apresentar extractos de algumas obras, que se dirijao à hum fim moral nas suas narrações interessantes. Transcrevemos alguma parte da Historia principalmente a moderna onde encontramos exemplos dignos de imitação, com especialidade as acções virtuosas que tiverem praticado algumas heroínas, acompanhando à estes factos as necessarias reflexoes.

As bellas artes, que possuem entreter proveitosamente a attenção das Senhoras, e que sejam capazes de bem lhes dirigir as potências intellectuaes, terao nao poucas vezes lugar na nossa folha; mas nao nos faremos cargo de uma instrucção profunda, que tornaria fastidiosa a leitura, e cançaria o espirito que procura o util de mistura com o agradável.

Será hum de nossos principaes cuidados descrever o estado actual deste sexo amavel nao so em quanto a sua educação moral, se nao tambem em quanto às modas, e enfeites, com que se adorna, bem convencidos de que commetteriamos hum crime à seo olhos se omittissimos desta parte consagrada a Deosa caprichosa.

Mas conhecendo, que nos faltao muitos dados para bem desempenharmos esta tao nobre tarefa, rogamos a nossos patricios nos queirao coadjuvar com suas lucubrações, e com especialidade convidamos as Senhoras para que nos dirijao os seus ensaios de literatura, que contenhao materia importante por sua natureza ficando certas de nosso inviolável segredo quando assim o exigiao.

A' vista pois das matérias, que propomos tratar quanto em nossas forças couber, fica entendido que jamais inseriremos em nossa folha correspondencias que contenhao personalidades, ou criticas que possam desmoralisar o brando sexo; e nem tomaremos a empresa de censurar as autoridades, ficando essa tarefa á cargo dos Periódicos, que existem semeados por todo este vasto Império; limitanmo-nos unicamente a dar succintas noticias do que se passar (e for interessante) nos Tribunaes, nas Assembléas, e nos Gabinetes Nacionaes e Estangeiros, por ser a politica hoje hum dos objectos da moda, e com que se nutre a maior parte das conversações no meio da sociedade.

Resta-nos agora implorar o perdão de algumas faltas, em que possamos cahir pela imbecilidade de nossa penna; e já de bom grado nos entregamos a qualquer advertencia que fraternalmente nos queira fazer qualquer escritor, e protestamos pela emenda quando illustrada nossa rasao nos convencermos da verdade, e nunca defenderemos matéria alguma com afinco levados do espírito de capricho, ou do septicismo.

Os Redactores



### ANEXO C- Prospecto de *A Mineira no Rio de Janeiro*

Começamos a nossa carreira de escritora, defendendo a CONSTITUIÇÃO JURADA, o Throno Imperial, e a Dinastia de Bragança, e com estes mesmos principios tencionamos termina-la, quando julgamos conveniente. A nossa alma he incapás de vergar a opiniões contrarias. Se a semelhança de muitos grandes homens não seremos sempre semelhantes a nos mesmas, perdoe-se este defeito fragilidade de nosso sexo. Os principios fundamentaes da sociedade nos sera sempre charos; eternamente amar [ilegível] o Brasil, a sua honra, e a sua gloria; e jamais a baixa inveja nos forçara a denegrir ou vituperar merito e talento em qualquer partido que exista; e se em cazo nos deixarmos algumas vezes arrastar do calor da polemica; a ser assim, sinceramente nos arrependemos, e faremos justiça a essas boas qualidades alheias, a quem então poderia-mos deixar de respeitar. A nossa linguagem será franca e sincera e a sentimos no fundo da nossa alma – *Il parlar Che nell anima si sente* – (Petrarca). Os nossos talentos são muito limitados, portanto, como Senhora, já pedimos antecipadamente aos nossos censores, quando as nossas produções litterrarias não forem acompanhadas com huma logica, e juncadas de flores de Rethorica, que distinguem a hum Litterato; pois, humildemente confessamos, que não pretendemos, como a egoísta e *boreal aurora*, merecer a corôa que trazia Petrarca, e que entre funebres ciprestes ficou ornando o Sepulchro de Tasso. O nosso único intento he, censurar o despotismo, para pôr com as nossas poucas luzes, huma barreira as arbitrariedades dos funcionarios Publicos; e a fim, de despertar, com o auxilio das nossas Patricias, os Brasileiros, do vergonhozo lethargo em que jazem; pois já bastão os soffrimentos, e a Liberdade não deve ser mais tratada como huma quiméra.

**ANEXO D - Máximas para as mulheres oitocentistas publicadas em *O Mentor das Brasileiras* nos exemplares de números 103, 104 e 105.**

Maxima de Conducta para as Senhoras Brasileiras

A Religião he o primeiro dever da creatura para com o Creador, esta porem deve ser sempre illustrada isenta do fanatismo, e das superstições.

O amor do proximo, a que a Religiao chama caridade, e os Filosofos filantropia, deve ser a virtude de todo o ente racional.

Suppor todos os homens incapazes de enganar he ser victima de grosseiros enganos.

Desconfiar de todos como capazes de nos illudirem he errar grosseiramente.

Convem conhecer bem as pessoas, e te las tractado por algum tempo para dellas confiarmos.

A virtude adquire pelo habito de praticar o bem.

Bem he tudo aquilo que conserva, melhora e aperfeiçoa o nosso corpo, e o nosso espirito.

Servir a Patria e ser lhes uteis por todos os meios ao nosso alcance he o dever de todo o Cidadão.

Bem serve a Patria a mulher zelosa pela boa educação de seos filhos dando lhe Cidadãos dignos de seos serviços.

A maior glória de huma mãe será o ter dado ao seo paiz filhos que o illustrem com suas acções.

Não são as excessivas riquezas, mas sim a honesta mediania a que faz a felicidade da vida.

A mulher dissoluta e immoral faz a sua vida desgraçada, e acaba na miseria entregue ao desprezo e aos remorsos.

Longas e immundas enfermidades são o fructo de huma mocidade que se passou no atoleiro dos vicios.

O melhor modo de conservar por longo tempo a formosura e a mocidade he a moderação nos prazeres da vida.

A mulher para ser amavel deve ter como primeira qualidade hum genio brando e docil.

Nao ha deffeito maior no bello sexo do que a loquacidade e a garrulice que sao de ordinario filhas da imprudencia.

Huma senhora de honesto e sisudo comportamento atrahe a consideração e o respeito do homem mais licencioso.

Se huma grande parte de nossos mancebos evita os laços conjugaes he principalmente pelo excessivo luxo das mulheres.

O Luxo desregrado precipita as familias na miseria, e he causa da [ilegível] do sexo amavel.

A economia domestica he huma virtude que deve ser observada pelos chefes de familia.

A economia consiste em regular cada familia suas despesas de modo que nao absorvao o total de suas rendas.

O aceio e a limpeza devem ser rigidamente observadas por huma Senhora que se presa de bem educada.

O aceio nao consiste na riqueza dos vestidos e dos moveis, porque estes podem ser de modico preço porem limpos.

As meninas creadas no ocio, e na dissipação nao podem ser boas mãis de familias.

O trabalho e a frugalidade conservando os bons costumes nos procurão huma vida commoda.

O imprudente ciume de muitas mulheres envenena a doce união conjugal, e produz a desordem nas familias.

A mulher rixosa he o maior tormento da vida; ella se faz pesada a todos os que a cercão de perto.

O amor das mãis para com seos filhos deve ser regulado pela prudencia a fim de que nao prejudique a sua boa educação.

Os melhores dotes de huma Senhora são a honestidade, a virtude, a docilidade, a economia e o amor ao trabalho.

A boa mãi de familia deve ser o modelo, o exemplar das virtudes para as inspirar com brandura e afabilidade a seos filhos e domesticos.

Nao he a formosura e os loucos enfeites das modas, e menos a dissipação do espirito o que constitue amavel huma Senhora, he sim sua honesta limpesa e seo modesto comportamento.

A mulher dissipada, que consome grande parte do tempo em divertimentos e visistas ociosas, torna se pesada e aborrecida para todos.

Grande numero de casamentos no mundo he a origem da desgraça de muitas casa de familias pela levesa com que se trata este negocio de tanta importancia.

O recolhimento, a occupação, o manejo dos negocios domesticos deve ser o habitual emprego de huma Senhora virtuosa.

A prudencia, a moderação, a docilidade de genio de huma Senhora honesta sao qualidades preveriveis a todas as riquezas da terra.

A mulher deve ser para seo marido hum espelho de compostura e de virtudes, huma consoladora nas afflicções e nos trabalhos da vida.

Naõ ha defeito maior em huma Senhora, que deve ser toda amavel, attractiva, e graciosa, do que a ferocidade de genio, a rudeza de costumes; e a grosseira do trato.

Quantas mulheres loucas com suas dissipações tem reduzido seos maridos e filhos a desgraça! Ellas são censuradas por toda a gente de senso que as aponta para serem evitadas.

A boa harmonia dos esposos he o melhor elemento da educação dos filhos e de sua futura felicidade.

Se o Filosofo Socrates tivesse o mesmo gênio intratável de sua mulher Xantipo passaria com ella huma vida desgraçada. Ella soube com sua prudencia domesticar aquelle animal feroz.

Se desde a tenra infancia nao procurarmos adquirira o habito do trabalho empregando o tempo em cousas uteis, nunca possuiremos aquella importante virtude.

O primeiro dever de huma mãi he inspirar a seos filhos a amor da Patria, e das Instituições do seo paiz.

As mulheres de espirito na Grecia preferirão a honra e a gloria de seos filhos no serviço da patria à mesma vida.

Huma mulher de Esparta tendo noticia de que seo filho morrera com honra combatendo contra os inimigos da Patria se reputava feliz por ter produzido hum filho digno de Esparta.

A infelicidade das familias he muitas vezes originada pela imprudencia de huma mulher.

A uniao do homem e da mulher, para ser feliz e permanente, deve ter por base a igualdade de genio, de condiçao, de fortuna, de sentimentos, e até de idade.

Os casamentos feitos so com vista de interesse são pouco duráveis, e fazem de ordinário o desgosto de toda vida.

Mulheres ha loucas que so por interesse se ligão a homens velhos, ou viciosos, ou attaccados de enfermidades, que fazem no depois a ruína de seos innocentes filhos.

O mancebo honesto, virtuoso, prudente, moderado, laborioso, frugal, sadio, robusto deve merecer a preferencia para a uniao conjugal à Senhora sisuda e bem comportada.

Nao devemos facilmente unir nos em matrimonio sem grande conhecimento dos costumes e habitos moraes da pessoa a quem nos queremos ligar.

O arrependimento e o desgosto são a consequencia de casamentos imprudentes, temerarios, e interessados.